



**UNILASALLE**  
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE



REJANE MARIA CUNHA MATTOS

**DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA**

CANOAS, 2014

REJANE MARIA CUNHA MATTOS

**DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientação: Prof. Dr. Balduino Antonio Andreola

CANOAS, 2014

REJANE MARIA CUNHA MATTOS

**DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Aprovada pela banca examinadora em 22 de dezembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Balduino Antonio Andreola  
Orientador - UNILASALLE

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Angela Mattar Yunes  
UNILASALLE

---

Prof. Dr. Jaime José Zitkoski  
UFRGS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosa Maria Filippozzi Martini  
UNILASALLE

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais Ivan e Glacy – minha mãe, professora da 1.a série, porque descobri em aula e em casa o encanto por ensinar.

Aos meus irmãos Vania, Luiz Felipe (in memorian), Luiz Fernando e Ivan, os primeiros companheiros de aventuras e descobertas, que aprenderam junto comigo os fundamentos de seriedade e compromisso com o trabalho pelos exemplos de nossos pais.

À minha filha Bárbara, pela possibilidade diária de me ensinar a amar e na descoberta de um novo mundo, a recriação do diálogo e da amizade.

À Moema Bertaso, Lúcia Helena Goldani, Ana Springer, no companheirismo de uma vida inteira de amizade e afeto.

Aos amigos Elizabeth Militisky Aguiar e Helvécio Aguiar, corações especialmente moldados para seus amigos.

Aos colegas do Núcleo de Estágios do IFRS/POA, Henrique Leonardi de Oliveira e José Luiz Rodrigues, colegas e amigos, parceiros de uma saudável e afetiva convivência.

À Direção, professores e alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Porto Alegre, pelo apoio e amizade.

Aos professores, funcionários e colegas do Mestrado do UNILASALLE pelo tempo de reconstrução e redescoberta.

Ao meu orientador, mestre e amigo, Professor Doutor Balduino Andreola agradeço pelo apoio e companheirismo presente em todos os momentos em que sua palavra foi indispensável.

Aos bebês: Helena, Hannah Luiza e Pedro que espreitam a vida, no encontro com o século XXI.

*“O meu olhar é nítido como um girassol.  
Tenho o costume de andar pelas estradas  
Olhando para a direita e para a esquerda,  
E de vez em quando olhando para trás...  
E o que vejo a cada momento  
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,  
E eu sei dar por isso muito bem...  
Sei ter o pasmo essencial  
Que tem uma criança se, ao nascer,  
Reparasse que nascera deveras...  
Sinto-me nascido a cada momento  
Para a eterna novidade do Mundo”.*  
*Alberto Caeiro (Fernando Pessoa).*

## RESUMO

O presente trabalho de dissertação, Desafios para uma Educação Emancipatória, faz parte da linha de pesquisa Gestão, Educação e Políticas Públicas, tendo como objetivo examinar e aprofundar a questão sobre a formação dos alunos “trabalhadores”, verificando se a partir do preparo técnico, eles vivenciaram processos de emancipação social com novas possibilidades de inserção profissional. Este trabalho compreende basicamente dois momentos essenciais em sua estrutura: primeiramente apresenta as origens do trabalho, seus conceitos fundamentais e os aspectos históricos da educação profissional no Brasil. Finalizando esta primeira parte, são analisadas diferentes compreensões sobre emancipação social na perspectiva de diferentes pensadores. O segundo momento da presente dissertação inclui os procedimentos metodológicos que foram utilizados para a efetivação da pesquisa qualitativa, a análise das informações e dados obtidos pelos alunos egressos dos cursos técnicos de Meio Ambiente e Biblioteconomia, em termos de compreensões que os alunos trabalhadores elaboram sobre a atividade profissional que desempenham no meio social onde atuam.

Palavras-chave: Trabalho. Ensino profissional. Emancipatória.

## **ABSTRACT**

The present work of dissertation, Challenges for Emancipatory Education, is part of the Management, Education and Public Policies research field. It aims at examining and deepening the working students formation issue, checking whether they have experienced social emancipation process with new possibilities of professional insertion from technical school. This study basically comprehends two major subjects in its structure: firstly it introduces labor sources, its elementary concepts and the historic aspects of professional Education in Brazil. Having closed this first part, different understanding about social emancipation under the perspective of different thinkers are taken in consideration. The second moment of the present study includes methodological procedures which were taken for qualitative research to be carried out, information and data gotten by the students who came from Environment and Bibliotechnology technical school out of understanding which working students come to about the professional activity they perform, in the social environment where they live.

Keywords: Work. Vocational education. Emancipatory.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Ano de Ingresso.....	54
Gráfico 2 – Atividade anterior.....	55
Gráfico 3 – Ano de Conclusão.....	55
Gráfico 4 – Atividade Atual.....	56
Gráfico 5 – Melhoria na qualidade de vida.....	57
Gráfico 6 – Atuação profissional.....	58
Gráfico 7 – Vantagens do curso técnico Gráfico.....	59
Gráfico 8 – Desvantagens do curso técnico.....	60
Gráfico 9 – Autonomia e trabalho – geral.....	61
Gráfico 10 – Autonomia e trabalho – específico.....	62
Gráfico 11 – Contribuições do técnico – geral.....	64
Gráfico 12 – Contribuições do técnico – específico.....	64
Gráfico 13 – Intervenções do técnico no mundo profissional – geral.....	66
Gráfico 14 – Intervenções do técnico no mundo profissional – específico.....	66

## LISTA DE ABREVIATURAS

e-Tec - Escola Técnica Aberta do Brasil

FIC – Formação Inicial e Continuada

GHC – Grupo Hospitalar Conceição

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PcD – Pessoa com deficiência

PROEJA – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica para Educação de Jovens e Adultos

PROEP - Programa de Melhoria e Expansão da Educação Profissional

PRONATEC – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Profissional e Emprego

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SESC – Serviço Social do Comércio

SISUTEC – Sistema de Seleção Unificado da Educação Profissional e Tecnológica

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>EDUCAÇÃO E TRABALHO NO BRASIL EM DIFERENTES TEMPOS HISTÓRICOS</b> .....	<b>16</b>
<b>2.1</b>	<b>Os desdobramentos do Ensino Profissional nos séculos XX e XXI</b>	<b>20</b>
<b>3</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>25</b>
<b>3.1</b>	<b>Origens do Trabalho</b> .....	<b>25</b>
3.1.1	<i>Mitos</i> .....	25
3.1.2	<i>O trabalho foi criação do homem?</i> .....	26
3.1.3	<i>Revisitando alguns conceitos sobre trabalho</i> .....	28
<b>3.2</b>	<b>O homem, a educação e seu trabalho: alguns pensadores</b> .....	<b>34</b>
<b>3.3</b>	<b>O homem oprimido</b> .....	<b>39</b>
<b>3.4</b>	<b>O homem emancipado</b> .....	<b>40</b>
<b>3.5</b>	<b>O homem autônomo</b> .....	<b>46</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>49</b>
<b>4.1</b>	<b>Fundamentação sobre a pesquisa</b> .....	<b>49</b>
<b>4.2</b>	<b>Descrição do contexto da pesquisa</b> .....	<b>53</b>
<b>4.3</b>	<b>População e Amostra</b> .....	<b>55</b>
<b>5</b>	<b>ENSINO PROFISSIONAL E DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA: A FALA DOS ALUNOS</b> .....	<b>57</b>
<b>5.1</b>	<b>Análise dos questionários</b> .....	<b>57</b>
<b>5.2</b>	<b>Análise das entrevistas</b> .....	<b>70</b>
<b>6</b>	<b>INCERTEZAS FINAIS</b> .....	<b>79</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>85</b>
	<b>APÊNDICE A – Questionário para os alunos egressos</b> .....	<b>89</b>
	<b>APÊNDICE B – Tabulação dos questionários</b> .....	<b>94</b>
	<b>APÊNDICE C – Quadro de categorias</b> .....	<b>101</b>
	<b>APÊNDICE D – Gráficos das ocorrências das respostas</b> .....	<b>104</b>
	<b>APÊNDICE E – Roteiro da entrevista</b> .....	<b>109</b>
	<b>APÊNDICE F – Alunos entrevistados</b> .....	<b>110</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Apresento esta dissertação sobre o ensino profissional, com a finalidade de conhecer a realidade de alunos egressos de cursos técnicos e colaborar para o fortalecimento de políticas públicas sobre esta modalidade de ensino.

O governo brasileiro muito tem investido na expansão do Ensino Profissional, ao criar e ampliar as instituições de ensino nesta modalidade, ao possibilitar maior variedade de cursos oferecidos e também favorecer a instalação de cursos que mantenham sintonia com os arranjos produtivos de cada região.

Sendo assim, podemos apontar alguns programas que são realizados pelo governo federal e que se destinam a atender a demanda de pessoas que necessitam se inserir/reinserir no mundo do trabalho com brevidade, como por exemplo: PRONATEC (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Profissional e Emprego), PROEJA (Programa de Educação Profissional de Jovens e Adultos), SISUTEC (Sistema de Seleção Unificado da Educação Profissional e Tecnológica), Ciências sem Fronteiras, Banco Internacional de Objetos Educacionais, . Os programas referidos desenvolvem múltiplas ações que diversificam as ofertas de cursos de formação inicial e continuada, de qualificação profissional presencial e a distância, oportunizando também a realização de estágios no exterior, com a finalidade de promover a “consolidação, a expansão e a internacionalização da ciência e da tecnologia, da inovação e da competitividade<sup>1</sup>” dos trabalhadores brasileiros, ao buscar a qualificação social e profissional e inserção imediata no mercado de trabalho, além de oportunizar estudos no exterior aos alunos dos diversos níveis de ensino.

Todas estas ações se concretizam através de uma rede de instituições que foram criadas visando incentivar, expandir e fortalecer o Ensino Profissional, como os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (38 instituições, com 354 campi espalhados por todo o território nacional), ou através da construção, reforma, ampliação e equipamento de escolas das redes estaduais, contempladas pelo Programa Brasil Profissionalizado. Importante destacar também o Programa e-Tec Brasil, que através da modalidade de educação a distância (EaD), possibilita a democratização do ensino técnico às regiões distantes de escolas técnicas, bem como às

---

<sup>1</sup> PACHECO, Eliezer. O novo momento da educação profissional brasileira. Disponível em: <portal.mec.gov.br/dmdocuments/educação080909.pdf>. Acessado em: 10 jun. 2014.

periferias das grandes cidades brasileiras. O PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica para Educação de Jovens e Adultos) constitui-se também numa ação formativa para o ensino profissional e inclusiva para todos os que deixaram de estudar e que precisam trabalhar. O Sistema “S” (SENAC, SENAI, SESC), também efetua ampliação de oferta de cursos gratuitos, de formação profissional para todo o país.

O MEC, através de todas as políticas públicas propostas, com a ampliação do catálogo nacional de autorização e reconhecimento de Cursos Técnicos e Cursos Superiores de Tecnologia, torna realidade o avanço e a apropriação da educação profissional aos/pelos homens e mulheres que abandonaram seus estudos nas idades preconizadas legalmente, pelos jovens que precisam trabalhar e também por aqueles que pretendem trabalhar e custear os seus estudos em níveis superiores.

Considerando as indicações definidas pelas políticas públicas em desenvolvimento no Brasil e a peculiaridade da oferta realizada no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, selecionei os cursos técnicos de Biblioteconomia e Meio Ambiente, com vistas a investigar os resultados da formação dos egressos deste curso, tendo por base o novo cenário da educação profissional no país.

Sendo assim, cumpre acrescentar ainda que não se pode prescindir de examinar o resultado desta formação, pois no momento, o país atravessa uma fase de expansão, que exige dos educadores desta modalidade de ensino a permanente avaliação de suas ações, como no caso desta dissertação, dos alunos egressos do Curso de Biblioteconomia e Meio Ambiente.

Quando pensei em elaborar este estudo tendo por referência o ensino profissional, percebi que em toda a minha vida não me faltaram exemplos de profissionais sérios, dedicados e empenhados em progredir, dentro do universo familiar: meu pai, minha mãe e meus avós para começar. Originária de uma família de professores, que sempre me orgulharam e tornaram-se referenciais a partir dos quais pautei minhas ações como profissional. Destaco em especial, a maior e mais significativa influência da professora do primeiro ano primário, a principal responsável pelo meu desempenho pessoal e profissional - minha mãe. Alfabetizadora competente de muitas gerações de crianças, no Colégio Presidente Roosevelt, no Menino Deus, possuía um invejável entusiasmo por ensinar. Ao aprender com ela tanto em sala de aula quanto em casa, fui invadida e profundamente “contaminada” pelo gosto de ensinar, gestado em seu convívio desde o início de minha vida.

Os motivos pessoais pela escolha da profissão em que hoje me constituo, reflete alguém que desde muito cedo começou a perceber a importância de trabalhar com seriedade, dedicação e alegria, porque era isso o que eu vivenciava em família. Desta forma, atribuo a esta primeira comunidade da qual fiz parte, o ensino basilar sobre o ato fundante do trabalho, sobre o qual coloquei os “alicerces” para uma vida inteira.

No início, brincava de ensinar na companhia de minha irmã, mas o meu desejo de ensinar de verdade se concretizou mais tarde, ao me formar no Instituto de Educação.

O tempo... tanto tempo... o que fazemos do tempo?

E o que ele faz de nós?

Sou o produto de suas artimanhas?

O que é o tempo afinal?

Um pensamento me levou a tempos muito antigos, em que lecionando numa estância, obtive uma primeira oportunidade de ensinar trabalhadores à noite: capazes e peões. Num átimo de tempo, percebi, que a partir de então, se instalou o que se pode definir como o marco zero de minha trajetória profissional.

Lembro bem da aflição em constatar que faltavam conhecimentos importantes para que conseguisse alfabetizá-los tão bem, quanto às meninas que ensinava pelas manhãs, frias e ensolaradas perto de Alegrete, na mesma “sala de aula” em que à noite os “alunos com as mãos, calejadas de seus afazeres campeiros” vinham assistir às aulas para aprenderem a ler.

Houve um tempo de compreender... E um tempo de semear... Houve também um tempo de aprender “novos aprendizados”... O tempo, sempre o tempo... Novos caminhos a serem trilhados... Em tempo de conhecer...

A direção me foi apontada pelo Curso de Pedagogia, a partir do qual foi se preparando a profissão, tecendo ano após ano as fibras de toda a trajetória com alunos e alunas trabalhadores:

- ✓ como alfabetizadora no MOBREAL;
- ✓ em classes do ensino supletivo;
- ✓ na formação de professores para as séries iniciais em escolas com habilitação para magistério;
- ✓ no ensino superior, na formação de professores de Educação Física;

- ✓ como supervisora escolar/orientadora pedagógica, em escolas com habilitações para os setores produtivos secundário e terciário;
- ✓ finalmente, a coordenação dos estágios dos Cursos Técnicos.

À medida que vou emergindo das minhas lembranças, que por ordem de significação tornaram possível esta retomada do percurso profissional, definido desde muito cedo, percebo que justamente por valorizar o saber e o saber fazer, o caminho percorrido por mim foi repleto de experiências em todos os níveis de ensino e possibilitou tornar-me independente e realizada.

Compreendi que a minha trajetória profissional seria dedicada a estender aos meus alunos o que acreditava ser o princípio essencial do fazer pedagógico como uma educadora consciente: a opção pelo diálogo e a incansável ação pela participação de todos num ambiente favorável ao querer aprender.

Como muito bem afirmou Freire: “Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos na prática social de que tornamos parte” (2001, p. 79). Os diferentes contextos em que tive a oportunidade de participar, fossem com professores, alunos, pais, comunidade de modo geral foram moldando e aperfeiçoando os meus saberes.

Concluo, pois, sobre a justificativa dos motivos pessoais que fundamentaram a realização do presente projeto de dissertação, que se inspirou em todo o meu percurso profissional: às crianças das séries iniciais, aos alunos jovens e adultos trabalhadores, aos quais dedico todos os estudos e as experiências do Mestrado em Educação no Ensino Profissional.

Em relação aos motivos teóricos para realização desta pesquisa, penso que o Brasil vem passando por profundas transformações econômico-sociais que se refletem nos esforços de promover a melhoria dos programas governamentais, com a participação e engajamento da sociedade, para que seja efetuada uma Educação Profissional capaz de alterar efetivamente a ordem social até então vigente, com a possibilidade de inclusão do maior número possível de cidadãos brasileiros excluídos pela desigualdade e pelo descaso e pela impossibilidade de inserção profissional num mundo laboral cada vez mais exigente e excludente face os avanços tecnológicos que periodicamente “descartam” milhares de trabalhadores.

A Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96 apontou a possibilidade de ampliação da oferta de novos cursos profissionais em instituições de ensino. Entretanto, a concretização desta oferta irá ocorrer após a revogação do DECRETO Nº 2.208, DE 17

de abril de 1997, pelo Decreto nº 5.154, de 2004 , quando efetivamente a Rede de Educação Profissional, ainda que sem os recursos oriundos do PROEP, se ampliam.

O Decreto 2208/97, apresentou as concepções e normas sobre as quais se desenvolveu o PROEP, vinculado ao Ministério da Educação e atendeu ao acordo firmado entre o MEC e o Banco Mundial. Este acordo estabeleceu a separação entre a Educação Profissional e o Ensino Médio, para atender às exigências do Banco Mundial, para que se implementasse o PROEP. Simultaneamente impedia a criação de novas instituições de Educação Profissional no âmbito federal.

O Decreto 5154/04, que revogou o Decreto 2208/97, tornou a restabelecer o ensino médio integrado, o que nem seria necessário por já ter sido contemplado, no art. 36 da LDB 9394/96. Segundo nos aponta Kuenzer, o *Decreto 5154/2004* “ampliou o leque de alternativas com o ensino médio integrado sem que nenhuma das possibilidades anteriores, que favoreceram ações privadas de formação precarizada com recursos públicos, fosse revogada” (2006, p. 900).

Esta dissertação está vinculada à linha de pesquisa Gestão, Educação e Políticas Públicas do Programa de Pós-graduação em Educação - Mestrado Acadêmico do Centro Universitário La Salle - UNILASALLE.

No que tange à organização estrutural da pesquisa, a mesma será dividida em seis capítulos.

No primeiro capítulo, a Introdução, onde são especificados na justificativa os motivos pessoais e teóricos para o desenvolvimento da dissertação.

No segundo capítulo, foram descritos aspectos da evolução do trabalho através dos tempos, destacando aspectos históricos do desenvolvimento da Educação Profissional, com enfoque no ensino técnico.

No terceiro capítulo, Referencial Teórico, se incluem os pilares teóricos de pensadores que subsidiaram a análise de todas as etapas do presente trabalho, que examinou os fazeres dos egressos dos cursos técnicos sob a ótica de seu desempenho profissional.

No quarto capítulo, sobre a Metodologia, é apresentada a descrição dos procedimentos realizados nesta pesquisa de caráter qualitativo, que fundamentará as ações envolvidas para a consecução dos objetivos propostos.

No quinto capítulo, que recebeu o título de Ensino Profissional e Desafios para uma Educação Emancipatória: as falas dos alunos, os Resultados e Discussão, são fundamentados, tendo por referência as percepções apresentadas pelos alunos,

obtidas através de instrumentos específicos, que indicaram ainda sugestões e idéias para o enriquecimento dos currículos de seus cursos técnicos.

E no último capítulo, Incertezas Finais, a autora expõe as suas (in)conclusões, a partir do trabalho efetuado, com a intenção de contribuir com a expansão do ensino técnico em âmbito específico, quando se refere aos cursos de Meio Ambiente e Biblioteconomia e num sentido geral, com o propósito de inovar articulações no espaço profissional visando a inclusão de pessoas com deficiência no mundo do trabalho.

## 2 EDUCAÇÃO E TRABALHO NO BRASIL EM DIFERENTES TEMPOS HISTÓRICOS

Após o exame procedido, desde os tempos míticos da antiguidade, sobre o aparecimento do trabalho neste planeta onde hoje habitamos, foi possível constatar que mais do que uma necessidade, o trabalho possui múltiplas facetas que o tornam absolutamente indispensável para a construção permanente de uma ordem social inclusiva onde homens e mulheres indistintamente possam contribuir para “[...] um mundo menos malvado, menos feio, menos autoritário, mais democrático, mais humano” (FREIRE, 1992, p. 17).

O presente capítulo pretende apresentar momentos significativos da prática educativa na perspectiva do desenvolvimento do trabalho.

A fim de que se identifique e se acompanhe os momentos que compuseram o nosso trajeto da educação e do trabalho no território brasileiro, são apresentadas a seguir as etapas mais destacadas neste percurso.

A primeira etapa, que pode ser denominada “os primeiros educadores para o trabalho”, ocorre nos tempos em que o Brasil, povoado por nativos, indígenas, em suas atividades de caça, pesca, plantio, colheita, confecção de objetos, o aprendizado ocorria na convivência em que os mais velhos ensinavam aos mais jovens, que também aprendiam a produzir adornos, peças de cerâmica, instrumentos de guerra e tecelagem. Os “saberes” e “fazeres” se articulavam na vida em comunidade, em que as aprendizagens se processavam no interior das tribos, concomitantes às práticas realizadas pelos índios mais experientes.

Nos tempos do Brasil Colônia, nos dois primeiros séculos, predominaram as atividades da agroindústria açucareira, em que o sistema escravocrata de produção e organização do trabalho utilizava mão-de-obra indígena e africana.

Afirma Cunha (2000, p. 32), que

A aprendizagem dos ofícios, tanto para os escravos quanto para os homens livres, era desenvolvida no próprio ambiente do trabalho sem padrões ou regulamentações, sem atribuições de tarefas para os aprendizes. [...] força, habilidade, atenção [...] lealdade ao senhor e ao seu capital [...].

À medida que a agroindústria açucareira se expandia, foram surgindo novos núcleos urbanos, com atividades burocráticas referentes ao governo, bem como as

de comércio e serviços, dando origem ao aparecimento de artesãos mais especializados como carpinteiros, sapateiros, ferreiros.

Ainda no período Colonial foram criados os primeiro núcleos de formação profissional, para artesãos e demais ofícios, nas residências dos jesuítas, que também estabeleceram escolas para os setores da elite dos colonizadores.

“[...] Os irmãos procuravam reproduzir nas oficinas as práticas de aprendizagem de ofícios vigentes na Europa [...] davam preferência às crianças e adolescentes, as quais iam sendo atribuídas tarefas acessórias da produção” (CUNHA, 2000, p. 32).

O sistema escravocrata perdurou por mais de três séculos no Brasil Colônia, através da imposição de um novo padrão civilizatório, desconhecido aos nativos, caracterizando-se pelo emprego de violentos procedimentos de dominação e adoção do sistema de mão-de-obra escrava, configurando-se a ideia de “trabalho desqualificado”, aquele executado pelos índios e africanos.

[...] essa característica “contaminava” todas as atividades que lhes eram destinadas, as que exigiam esforço físico ou a utilização das mãos [...] a base do preconceito contra o trabalho manual [...] daqueles que estavam socialmente mais próximos dos escravos: mestiços e brancos pobres (CUNHA, 2000, p. 90).

Apesar do preconceito existente pelas atividades manuais e de esforço físico, aos “trabalhadores brancos livres” interessava que algumas fossem reservadas para seu domínio, sendo assim, “[...] procurava-se “branquear” esses ofícios, dificultando o acesso de negros e mulatos ao seu exercício” (CUNHA, 2000, p. 90).

Com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, importantes mudanças políticas e econômicas se realizaram: o sistema econômico da Colônia até então, efetivado através das trocas entre a Colônia e a Metrópole de produtos da agroindústria, passa a incluir empreendimentos industriais e privados do comércio de interesse de Portugal. Em termos políticos, com a formação do Estado Nacional foi organizado o que se denominou de “aparelho educacional escolar” que perdurou por mais de um século com a mesma estrutura.

Importante destacar as inúmeras iniciativas religiosas, jesuítas em especial, em que a catequese das populações nativas, constituía-se como uma obra de relevo primordial, além de residências, missões, colégios e seminários, existentes no Brasil em meados do século XVIII, também da Companhia de Jesus.

Durante o período do Império a educação foi concebida como formadora para o trabalho artesanal, sendo destinada aos pobres e desvalidos, o que contribuiu para manter a estrutura social excludente do período colonial.

Apenas nos últimos anos do Império e nos primeiros anos de República, com a extinção da escravatura, com a imigração e crescente expansão da indústria cafeeira, o Brasil ingressou numa nova fase econômica, a exigir novos procedimentos e perspectivas em termos de educação básica e profissional.

No período do Brasil-Império, foram criadas as casas de educandos e artífices, mantidas pelo Estado, destinadas aos pobres e excluídos da sociedade, onde desenvolvia-se o ensino de ofícios tais como tornearia, carpintaria, tipografia, acrescidos da instrução primária (escrita, aritmética, desenho, geometria ...) tanto nos hospitais, quanto nos arsenais do exército, marinha, no cais do porto.

Os liceus de artes e ofícios, criados pela sociedade civil, no Rio de Janeiro em primeiro lugar e, posteriormente noutras cidades como Salvador, Recife, Maceió e Ouro Preto, possuíam contribuição de cotas de sócios e benfeitores, além de dotações governamentais, o acesso era livre, exceto aos escravos. Também no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, foi implantado o primeiro curso destinado a mulheres, com duração de quatro anos. Os liceus permaneceram em funcionamento durante o período republicano, foram aperfeiçoados e se constituíram em fontes originárias a uma estrutura nacional de escolas profissionalizantes.

Durante todo o período imperial, eram dois os enfoques que se destacavam em relação às práticas educativas: o primeiro relacionava-se a destinação aos pobres e desvalidos, com características assistencialistas e compensatórias e o segundo referia-se a educação como formadora para o trabalho artesanal. Em ambas as situações eram legitimadas a pobreza, dignificada pelo trabalho, mantendo-se, portanto, a estrutura social excludente que perdurou por todo o período colonial, para todos os setores mais pobres da população.

Após a proclamação da República, até os anos trinta, o sistema escolar toma nova configuração, especialmente a educação profissional, pois em 1909, no governo de Nilo Peçanha, as escolas de aprendizes foram transformadas num único sistema, com a finalidade de atender a uma nova ordem social e política.

Desta forma, durante o período da Primeira República transforma-se a organização do sistema educacional, incluindo a educação profissional, e passa a com-

preender redes de escolas, não só aos “pobres e desafortunados”, mas também às populações das zonas urbanas.

A partir de 1930, com a participação efetiva do empresariado brasileiro, nas questões educacionais, sob a liderança da Companhia Nacional da Indústria (CNI), ocorreu a organização de uma tríade pedagógica - composta pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) , pelo Serviço Social da Indústria (Sesi) e pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL).

Ao longo de quase sete décadas a CNI, elaborou propostas gerais de metas socioeconômicas a serem alcançadas pela sociedade brasileira, definidas como tólos, que significa “uma imagem construída pelo discurso hegemônico, com o fito de tornar-se uma meta a se perseguida pelo conjunto da sociedade” (RODRIGUES, 2010, p. 103).

Neste tempo, foram produzidos três tólos pela CNI: nação industrializada, país desenvolvido e economia competitiva, reunindo desta forma os interesses das classes produtoras industriais, que sempre preponderariam sobre as aspirações dos demais setores da sociedade.

O primeiro tólo, o da nação industrializada, destinava-se através do discurso industrial, superar o quadro existente de um Brasil - rural, agrário, atrasado, com suas “classes parasitárias”, vencer o analfabetismo e a precária qualificação profissional, bem como a baixa qualidade dos produtos nacionais e a necessidade de criação de um significativo mercado consumidor, além da incrementação do desenvolvimento da ciência.

No período referido acima, compreendido entre 1930 e 1950, a educação profissional, compreendida como uma alavanca ao processo de industrialização, foi revisada e reestruturada com a finalidade de atender a esta nova fase econômica, subordinando-se desta forma ao tólo nação industrializada.

Após a conclusão do processo de industrialização, por volta de 1960, permaneciam problemas sociais graves, assim entre a década de 1960 e 1980, a CNI definiu o tólo país desenvolvido, como mais uma meta a ser atingida pela sociedade brasileira. Esta fase coincidiu com o período militar, vigente neste país a partir de 1964, e provocou uma grave e profunda crise econômica no Brasil, apesar de ter havido uma melhora importante na modernização das indústrias nacionais e, por consequência no avanço da qualidade do parque produtivo.

A década de 1980 caracterizou-se pela ocorrência de processos socioeconômicos, em que o capitalismo, ao ingressar numa nova etapa - o padrão de acumulação flexível - irá inspirar a CNI à criação do terceiro tólos para a sociedade brasileira: a economia competitiva, que iria livrar a sociedade brasileira: do desemprego, da inflação, da pouca qualidade dos seus produtos, da miséria, das profundas desigualdades regionais.

Assim sendo, esta nova estratégia industrial, incluiu novas formas de reestruturação produtiva, de flexibilização das relações de trabalho, de integração ao mercado internacional e a consequente redefinição do sistema educacional brasileiro, o que subordinou mais uma vez a educação ao setor econômico.

Através das permanentes elaborações e reelaborações de tólos societários, foi assegurado o processo que Gramsci denominou como hegemonia, pois considerava a relação hegemônica como necessariamente uma relação pedagógica, que se expressava por instrumentos que fossem capazes de organizar e efetuar a propagação de ideias dominantes. No caso do Brasil, a Confederação Nacional das Indústrias assumiu este papel de divulgação das necessidades das classes empresariais, em detrimento de todas as outras.

## **2.1 Os desdobramentos do Ensino Profissional nos séculos XX e XXI**

A partir dos aspectos apresentados em tempos históricos distintos, na introdução deste capítulo sobre a educação e o trabalho no Brasil, torna-se indispensável sintetizar o que se denomina de desdobramentos sobre o Ensino Profissional nos séculos XX e XXI, a partir da Proclamação da República.

O período da Primeira República caracterizou-se pela ocorrência de grandes mudanças sociais, que originaram novas práticas e concepções para a Educação Profissional. Além da concepção assistencialista e compensatória, herança do século XIX, citam-se ainda as concepções: a católico-humanista, orientada pelo trabalho como uma forma de combater à preguiça, à vadiagem e às ideias revolucionárias e a anarco-sindicalista, originada, no movimento operário-sindical brasileiro, entre 1902 e 1920, que considerava a educação como um “[...] veículo de conscientização de formação de novas mentalidades e ideais revolucionários” (MANFREDI, 2002, p. 91).

A formação profissional para o mercado de trabalho atendia às exigências do mundo produtivo, que necessitava trabalhadores que exercessem funções e atribuições para postos de trabalho, de acordo com os padrões do regime fabril e do trabalho assalariado capitalista.

Desta forma, tanto as concepções emergentes, quanto as do século anterior permaneceriam como matrizes político- pedagógicas durante todo o século XX.

A organização do Ensino Profissional e os métodos de ensino, anteriormente efetuados de forma empírica, nas práticas artesanais de aprendizagem, adquirem com o passar do tempo, racionalidade técnica, em função da "organização científica (capitalista) de trabalho".

Durante o Estado Novo, duas foram as características essenciais da política educacional: a primeira consistiu em legitimar a separação entre o trabalho manual e o intelectual, através do estabelecimento de uma estrutura escolar, que correspondia à divisão social do trabalho: ensino secundário, formador dos futuros dirigentes, destinados às classes privilegiadas enquanto que os ramos profissionais do ensino médio seriam destinados às classes menos favorecidas. A segunda característica do Estado Novo, refere-se à centralidade do Estado como agente econômico, em que o modelo de industrialização, substituiu o modelo agroexportador, tendo sido realizados investimentos públicos de grande vulto para a criação de um parque industrial brasileiro.

Desta forma este Estado centralizador, criou ainda grandes companhias estatais e aparelhos burocráticos de administração pública em todos os setores de atividades, tornando-se, inclusive, um dinamizador do desenvolvimento econômico em múltiplas esferas, ampliando assim os interesses do empresariado.

Eram tempos ditatoriais, de intolerância, de repressão das organizações dos trabalhadores, em que também a política educacional, expressou o autoritarismo do governo através da reformulação do ensino regular, o ensino secundário como preparatório e propedêutico ao ensino superior, separado dos cursos profissionalizantes. As articulações políticas havidas continuavam a garantir os interesses dos setores empresariais privados, em prejuízo das classes populares.

O Ensino Profissional, a partir de 1942, através dos cursos profissionalizantes de: ensino agrícola para o setor primário; o ensino industrial para o setor secundário; o ensino comercial para o setor terciário; o ensino normal para a formação de professores para o ensino primário, permaneceu responsável pela formação de uma

força de trabalho que se destinava a atender determinados setores da produção e da burocracia. Ainda predominava nesta época a discrepância entre a formação das elites dirigentes, que correspondia ao ramo secundário, cuja primeira parte de caráter propedêutico, preparava para o ensino superior e o ensino profissionalizante, para as classes mais pobres, como bem nos aponta Cunha (2000, p. 93),

[...] Apenas o 1ºCiclo dos ramos profissionais estava destinado a formar trabalhadores manuais; [...] os jovens das “classes menos favorecidas” de que falava a Constituição de 1937. [...] o 2º Ciclo dos ramos profissionais [...] oferecia um ensino de segunda classe [...].

Após a queda do Estado Novo, e por dezesseis anos, permaneceu a discriminação de formação de acordo com as classe sociais, apesar de intensas lutas pela criação de uma escola unificada que não separasse o trabalho manual do intelectual, destacando-se Anísio Teixeira como o grande articulador de movimento neste sentido.

No período compreendido entre 1945 e 1990 a Educação Profissional passou por tempos de redemocratização, pois após o Estado Novo, até 1964, o Estado continuou promovendo investimentos que contemplavam o reforço do parque industrial brasileiro e de seu empresariado. Permaneciam concepções e práticas dualistas, isto é, educação escolar acadêmico-generalista (conjunto básico de conhecimentos que eram ampliados, na medida da progressão nos estudos) e a Educação Profissional (compreendia um conjunto de informações importantes para o domínio do ofício, sem aprofundar os saberes teóricos, científicos e humanísticos, que oportunizassem a continuação dos estudos). Esta dualidade estrutural, efetivou-se mesmo com a promulgação da LDB /61, que favoreceu certa flexibilidade em termos de passagem do ensino profissionalizante e o secundário.

A partir da instalação do governo de ditadura militar, marcado segundo Saviani,

[...] pela gestão autoritária do ensino, pelo controle político-ideológico da educação e pelo domínio tecnocrático com as decisões concentradas no núcleo do poder representado pelo Ministério do Planejamento, de onde eram baixadas as medidas que à área da educação cabia simplesmente executar (2010, p. 215).

Os governos militares protagonizaram um projeto de reforma do ensino fundamental e médio, através da LDB 5692/71, que instituiu a “profissionalização uni-

versal e compulsória para o ensino secundário”, num momento em que o país, pretendia participar da economia internacional, atribuindo ao sistema educacional, a tarefa de preparar recursos humanos para o trabalho. Esta perspectiva tecnicista, numa fase de construções dos polos petroquímicos do Rio Grande do Sul, agropecuários e agrominerais da Amazônia, da hidrelétrica de Itaipu, dentre outras obras, no período de 1964 a 1985, carecia urgentemente de formação de uma grande massa de mão-de-obra de trabalhadores.

A LDB 5692/71, tentou, sem êxito a transformação de todo o ensino público de 2º Grau, que deveria articular a educação geral e a formação especial, pois num curto espaço de tempo sofreu inúmeras alterações, que serviram apenas para consolidar o desmonte do ensino público no Brasil.

As escolas técnicas de excelência neste país, assim como a Escola Técnica Parobé, a mais antiga de Porto Alegre, dentre tantas outras neste país, foram tolhidas compulsoriamente pela legislação outorgada pelo regime militar e reestruturaram os fazeres pedagógicos, até então de reconhecida competência.

Desta desestruturação das escolas públicas, somente as escolas técnicas federais, talvez pela autonomia que usufruíam desde 1959, ficaram à margem deste desmonte.

A Constituição de 1988, promulgada já em fase de governo democrático, possibilitou a abertura de debates por necessidade urgente de reestruturação do ensino médio e profissional, em função da evasão dos alunos de cursos profissionalizantes, contemplando ao mesmo tempo às necessidades de configuração de uma nova institucionalidade, que atenda aos novos processos produtivos, de um mundo globalizado e de pressão pela ampliação dos direitos sociais.

A partir dos anos noventa os trabalhadores e suas organizações começam a enfrentar os desafios das transformações técnicas e organizacionais, pelo avanço da globalização com todas as suas implicações de sérias consequências sentidas até os dias de hoje em todas as dimensões humanas sociais, produtivas, intelectuais num mundo que não para de se transformar.

Os desafios são muitos em termos de formação profissional, frente a economia capitalista, em que a universalização das oportunidades, através de uma política de inclusão e formação de cidadãos com autonomia, ainda não se consolidou;

Desafios para uma construção democrática de políticas públicas que congreguem mecanismos de articulação dos diversos setores envolvidos com o trabalho e com a formação dos trabalhadores, com as redes de ensino;

Desafios referentes à capacitação e valorização real dos profissionais da educação que desempenham suas funções na Educação Profissional;

Desafios no tocante à articulação entre todas as agências responsáveis pela Educação Profissional, com a finalidade precípua de criar uma nova Rede Nacional de Educação, em que instituições federais, estaduais, municipais, ou que se originem da sociedade civil, estabeleçam relações de solidariedade e cooperação evitando a dispersão de investimentos econômicos e recursos humanos.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

[...] penso que estamos sempre no encaço de alguma coisa oculta ou pelo menos potencial ou hipotética, de que seguimos os traços que afloram à superfície do solo. Creio que nossos mecanismos elementares se repetem através de todas as culturas da história humana, desde o tempo do Paleolítico em que nossos ancestrais se davam à caça e à colheita. A palavra associa o traço visível à coisa invisível, à coisa ausente, à coisa desejada ou temida, como uma frágil passarela improvisada sobre o abismo (CALVINO, 1990, p. 90).

Pensar em pesquisa sobre o ensino profissional implica em caracterizá-lo para começar, como uma articulação indivisível do pensar e do agir, do sentir e do fazer, sem a separação entre o corpo e a razão. Cabe entender o significado de trabalho ao longo do tempo e no mundo contemporâneo e cabe, também, analisar e aprofundar o significado de “emancipação”, com a finalidade de se compreender a sua abrangência no sentido de que se possam firmar os pilares de uma educação “emancipatória”, inclusiva, aos cidadãos, foco deste trabalho.

#### 3.1 Origens do Trabalho

O trabalho, que ao longo dos séculos está associado a padecimento de tantos homens e mulheres - que diariamente são subjugados, escravizados a vender a sua força de trabalho em troca de salários aviltantes para agentes do capitalismo desenfreado dos tempos contemporâneos - pode também ser entendido como um ato de criação, um produto da alegria, assim como a obra que um artista é capaz de produzir.

##### 3.1.1 Mitos

O trabalho do homem poderia ser resultado das artimanhas dos deuses das águas, dos ventos, da colheita, da chuva e de tantos outros nas diferentes civilizações que já habitaram este planeta através dos séculos?

Desde a mais remota antiguidade, deuses e mitos povoam o imaginário humano, pois o mundo mitológico, que antecedeu a todos os poetas, ocultava em sua essência uma alegoria, um sentido também oculto, repleto de significados.

Assim sendo, a palavra “mitologia”, do grego “Mythos” fábula e “Logos” – tratado, compreende dois conceitos: o conjunto de mitos e lendas que um povo criou e seu respectivo estudo. Desta forma, pode-se encontrar em diferentes civilizações, as respectivas mitologias representativas de sua cultura e de sua realidade.

O mito, segundo Houaiss, é “relato fantástico de tradição oral, protagonizado por seres que encarnam as forças da natureza e os aspectos gerais da condição humana; narrativa acerca de tempos heroicos, que guarda um fundo de verdade, representação idealizada da humanidade no passado ou no futuro”.

A narrativa mítica encerra em seu núcleo uma verdade oculta, pois:

[...] o mito, tal como é vivido pelas sociedades arcaicas constitui a História dos atos dos entes supremos [...] que essa História é absolutamente verdadeira (porque se refere à realidade) e sagrada (porque é obra dos Entes sobrenaturais) [...] o mito se refere sempre a uma “criação” [...] os mitos constituem paradigmas de todos os atos humanos significativos [...] (MIRCEA ELIADE, 1973, p. 4).

No Egito, os deuses Ísis e Osíris espalhavam dádivas sobre a terra.

Ísis ensinou aos habitantes da terra o uso do trigo e da cevada.

Osíris criou os instrumentos para a agricultura e ensinou aos homens como usá-los, inclusive a forma de atrelar o boi ao arado.

Na Índia, um mito de Java – “O Primeiro Campo de Arroz”, encontra-se a narração sobre o aparecimento do arroz sobre a terra. O deus Siva desafiando a si próprio criou um ser perfeito, sob a forma de uma moça de rara beleza e chamou-a Retua-Dumila, Jóia esplendorosa, e tão encantado ficou que desejou esposá-la.

Os deuses do tempo, dos mares, dos ventos, das intempéries, ensinaram os homens através de suas criações míticas a conhecer e admirar a natureza, a semear a terra, a cuidar do gado, bem como os instrumentos próprios para sua labuta. Os deuses, os mitos, as narrativas mitológicas vão desvendando mistérios.

Teriam os deuses ajudado os homens a criar o trabalho?

### 3.1.2 O trabalho foi criação do homem?

Desde o início da história da humanidade a educação e o trabalho coexistiram harmonicamente como processo unitário.

O homem, como um ser racional, possuidor da capacidade de pensar, produz a sua vida, através da mediação que precisa realizar com o meio ambiente para sobreviver, transformando a natureza, através de um movimento intencional denominado trabalho.

O novo sempre acontece à revelia da esmagadora força das leis estatísticas e de sua probabilidade que, para fins práticos e cotidianos, equivale à certeza; assim o novo sempre surge sob o disfarce do milagre. O fato de que o homem é capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável (ARENDR, 2008, p. 191).

A palavra trabalho, originária do latim *Tripalium*, consistia num instrumento utilizado pelos agricultores, num primeiro sentido e, também associado a instrumento de tortura, do latim *tripaliare*, por muito tempo o trabalho possuiu a conotação de tortura, significando, pois, padecimento, cativo, sofrimento e dor.

A evolução de seu conceito como sofrimento, passou a ser esforçar-se, laborar e obrar, mas somente a partir do século XV, a palavra trabalho, em línguas latinas, apresenta-se definida em diferentes países como: *trabajo* em espanhol, *traballo* em catalão, *travail* em francês e *travaglio* em italiano.

O trabalho pode ser compreendido com uma gama muito ampla de significações em diferentes perspectivas e compreensões também distintas de acordo com pensadores e diferentes ciências.

Ao trabalhar, o homem despence esforço físico e mental ao mesmo tempo, com uma determinada finalidade, podendo haver a preponderância da força física ou do intelecto em qualquer atividade que realiza e inclui também os resultados que foram obtidos.

Consciência – intencionalidade – inventividade – a divisão do trabalho – controle, se constituem como características específicas do trabalho humano.

Em algumas ciências como, por exemplo, na Física, o trabalho corresponde ao produto entre força e deslocamento de um corpo, num determinado tempo; em Fisiologia, o músculo realiza trabalho, mas não existe objetivo consciente; em Sociologia, que analisa a divisão do trabalho em seu contexto social, mas também é trabalho, nem sempre reconhecido, o esforço isolado de tantas mulheres, que trabalham gratuitamente em seus afazeres domésticos, e assim tem sido desde o início dos tempos.

O trabalho ao longo de sua evolução através dos tempos, foi adquirindo os contornos das sociedades onde se desenvolveu, caracterizando-se com um determinado perfil, de acordo com as variadas formas de organização da produção, da distribuição da riqueza e da divisão política do poder.

### 3.1.3 Revisitando alguns conceitos sobre trabalho

“[...] Conhecendo o mito conhece-se a origem das coisas [...]” (MIRCEA ELIADE, 1973, p. 4).

A noção de trabalho, tratada inicialmente como uma aprendizagem que os mitos de diferentes culturas revelam aos homens desde a mais remota antiguidade, nos possibilita uma reflexão sobre a origem do trabalho; através do simbolismo mítico o homem começa a conhecer e tomar consciência do seu potencial criativo e de labuta.

Mas o que significa trabalho afinal?

Ao analisar os primórdios das citações sobre o trabalho, encontramos na antiga Grécia, por Aristóteles, a consideração feita sobre a prerrogativa essencial do homem, dotado de racionalidade, capaz de pensar e de contemplar, enquanto que o ato de produzir – o trabalho, seria uma atividade não digna de homens livres. Desta forma, já se percebe uma primeira abordagem dicotômica de trabalho, em que há uma separação entre o pensar e o trabalhar.

O ser humano seria apenas Homo sapiens?

Bergson (2007, p. 179) apresenta um novo enfoque em que associa a inteligência humana como capaz de produzir artefatos, isto é, “[...] faculdade de fabricar objetos artificiais, sobretudo, ferramentas para fazer ferramentas e de diversificar ao infinito a fabricação delas”. Sendo assim, o Homo sapiens seria o ser humano e Homo faber, aquele que além de saber e de pensar, é capaz de materializar infinitamente suas criações com a intenção de atender as suas mais diferentes necessidades de adaptação ao meio, pois

[...] o homem se diferencia propriamente dos animais a partir do momento em que começa a produzir seus meios de vida, passo este que se encontra condicionado por sua organização corporal. Ao produzir os seus meios de vida, o homem produz indiretamente a sua vida material (MARX & ENGELS, 1974, p. 19).

Na contemporaneidade, indispensável referir em paralelo à citação acima, a peculiar formulação de Hannah Arendt, sobre a “vita activa”, sobre o homem e seu trabalho,

O trabalho de nossas mãos, em contraposição ao labor do nosso corpo - o homo faber<sup>2</sup>, que “faz” e literalmente “trabalha sobre” os materiais, em oposição ao animal laborans que labora e << se mistura com>> eles - fabrica a infinidade de coisas cuja a soma total constitui o artifício humano (2008, (ARENDR, 2008, p.149).

Na atualidade, Arendt, designa através da expressão “vita activa” três atividades humanas essenciais: labor, trabalho e ação, pois cada uma delas está relacionada com a vida que o homem usufrui sobre a terra, como condição de sua existência humana.

O labor corresponde ao processo biológico do corpo humano, às necessidades vitais da existência, qualificada por ela como a do “animal laborans”, que os homens compartilham com os animais.

O trabalho produz um mundo artificial de coisas, diferenciado do mundo natural, pois de acordo com a autora, é “a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana” (ARENDR, 2008, p.15). Sendo assim, o homo faber, por consequência, é senhor de si e de seus atos e o que é criado por ele não está contido no repetitivo ciclo da natureza.

A ação é a única atividade que ocorre somente entre os homens, sem que ocorra mediação das coisas e da matéria, pois neste mundo habitado por homens, o homem de ação sempre irá depender de seus semelhantes, daí a sua característica de pluralidade.

Desde os primórdios da civilização o homem para sobreviver, produziu a sua vida, através da mediação com o meio ambiente, transformando a natureza, através de movimentos intencionais, instintivos que garantissem a sua existência nesta terra.

Numa primeira etapa da civilização, a economia se caracterizava como extractiva, como um simples complemento da natureza, pois, os homens colhiam os frutos produzidos pelas árvores na mata virgem; pescavam os peixes que sobreviviam aos seus predadores e matavam animais apenas para garantir a sua sobrevivência, nada sobra.

Nas comunidades primitivas, nas sociedades tribais, os homens produziam o suficiente para suprir as suas necessidades essenciais, associados a outros homens, onde inexistia a divisão em classes sociais, a produção era compartilhada por

---

<sup>2</sup> Faber, palavra latina, que provavelmente se relaciona com facere (<< fazer alguma coisa>>, no sentido de produção) aplicava-se originalmente ao fabricante e artista que trabalhava com materiais duros, como pedra ou madeira.

toda a tribo, e ao mesmo tempo em que aprendiam sobre suas labutas, ensinavam às novas gerações, o processo de seus fazeres.

A fase que se seguiu a da economia extrativa de subsistência foi a da invenção ou descoberta da agricultura, por acaso talvez, possivelmente, após um incêndio na mata ou queimadas que eram utilizadas para limpar certas áreas da floresta, os homens perceberam que das cinzas brotaram sementes nas clareiras. Ou então, aconteceu de mulheres grávidas ou que tinham bebês de colo, se negaram a partir com a tribo, para novos desbravamentos, descobriram brotos e sementes que poderiam ser cultivados para alimentar os que ficaram.

Nesta mediação com a natureza, com o desbravamento das florestas e a contínua expansão da área de cultivo, a selva começou a minguar, as mulheres plantavam e os homens caçavam, mas como bem afirma Marx,

O trabalho, como criador de valores de uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem – quaisquer que sejam as formas de sociedade – é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza, e, portanto, de manter a vida humana (2006, p. 64-65).

O trabalho do plantio se desdobrou em duas situações: as sobras de produtos em função do consumo das famílias, originando a troca com os vizinhos (milho, trigo, leite de cabra) e a noção de propriedade, quando os homens percebem que o seu vizinho domina um território mais vasto, as trocas se tornam desiguais, gerando novo excedente e, em consequência, as relações se tornam desiguais, pois

a propriedade, tal como se encontra em estágios posteriores da evolução econômica justamente se destaca, se separa do trabalho, a ponto de estabelecer-se a desapropriação total de quem trabalha pelo suposto direito de propriedade do ocioso (ALBORNOZ, 1994, p. 19).

Nas sociedades agrícolas, as crianças e os jovens cuidavam dos animais, da semeadura e da colheita, enquanto que as mulheres além de auxiliarem na agricultura ocupavam-se das tarefas de casa, aos homens cabiam as tarefas mais “nobres” como a caça e a colheita e, por muitos séculos a produção do trabalho artesanal utilizando os materiais como madeira, ferro, pedra, dentre outros.

O aparecimento e desenvolvimento das cidades, que ocasionaram também as guerras, resultaram no aperfeiçoamento dos instrumentos e dos equipamentos laborais, promoveram maior complexibilidade na divisão do trabalho e a ampliação da

produção artesanal, agrícola e do comércio. Surgiram então classes sociais distintas: agricultores, artesãos, comerciantes (grandes proprietários de terras) padres.

As guerras que se processavam pela conquista de novos territórios, resultavam em povos dominados pelos conquistadores que teriam de trabalhar e entregar aos novos senhores tudo o que se constituía como sobras de sua labuta.

Desta forma, com a expansão e aumento de territórios pelos povos guerreiros, ocorre à evolução da propriedade e a divisão do trabalho. As terras seriam trabalhadas pelos escravos, servos ou camponeses e o excedente destinado a classes ociosas composta por senhores feudais, proprietários de vastas extensões de terras.

Durante todo o período histórico, em que predominaram os modos de produção escravista e feudal, os homens viviam do campo e da agricultura, pois produziam para satisfazer somente as suas necessidades de consumo.

Para Marx (1975, p.74-75), “na Antiguidade os homens viviam na cidade, mas do campo; na Idade Média passaram a viver no campo e do campo; e na época moderna vieram a viver na cidade e da cidade”.

O comércio, atividade desenvolvida desde a antiguidade, principalmente entre os fenícios, assim como as manufaturas, durante a Idade Média, resultaram em grande fonte de renda sem a dependência da propriedade da terra. Surgem então os burgos, constituídos por habitantes, que possuíam mais independência dos senhores feudais e da corte real – os burgueses, nova classe social, integrada por comerciantes ou artesãos ricos e bem sucedidos, contratavam trabalhadores para a venda de seus produtos. Este fato gerou esta nova classe social, a burguesia, o acúmulo de riqueza advinda do aumento e da circulação do dinheiro, proveniente das vendas de seus produtos artesanais ou agrícolas.

Derivam deste processo de enriquecimento dos burgueses “[...] novas condições para o cultivo das artes assim como das ciências”, favorecendo o próprio desenvolvimento econômico tendo em vista que “[...] a performance histórica da classe burguesa em seu momento criativo teria sido, pois, aplicar à produção os conhecimentos sobre a natureza e os fenômenos físicos” (ALBORNOZ, 1994, p. 21).

Sendo assim, na passagem da Idade Média para a Idade Moderna ocorreu uma mudança significativa no eixo de produção, que se transferiu dos bens de consumo para os bens de troca, deslocando também o centro social do campo para a cidade e da agricultura para a indústria, pois

[...] se antes, na sociedade medieval, a indústria e a cidade se subordinavam à agricultura e ao campo (as cidades na Idade Média eram as aldeias que viviam em função do campo e o artesanato não passava de uma indústria rural a serviço da agricultura), na sociedade moderna o campo e a agricultura subordinam-se à cidade e à indústria, promovendo-se uma crescente urbanização do campo e industrialização da agricultura (SAVIANI, 2013, p. 245).

Esta mudança, no eixo de produção, trouxe como consequência a transformação de servos e artesãos em força de trabalho, desprovidos de seus instrumentos laborais, obrigados a vender a sua força de trabalho em troca de salário. Dessa relação de troca, originou-se o processo de produção capitalista: “uma imensa acumulação de mercadorias”.

Durante a Idade Moderna e séculos vindouros, considerando-se que as descobertas e colonização de novas terras pelos europeus favoreceram grande lucro originado dos povos colonizados pelos novos “senhorios”, e a consequente aplicação da ciência à produção, favoreceram a expansão capitalista denominada como Revolução Industrial.

Registram-se três momentos importantes da era moderna relativos ao desenvolvimento da tecnologia: a invenção da máquina a vapor, revolução tecnológica (ou primeira revolução industrial) no século XVIII, o uso da eletricidade, no século XIX (ou segunda revolução industrial) e a automação, representada pela invenção do computador no século XX, que se constitui como a terceira revolução industrial ou a sua terceira onda.

A organização do trabalho no capitalismo compreende a história do desenvolvimento tecnológico devido à acumulação capitalista, pois apesar dos avanços científicos não cessou a exploração física e psíquica dos trabalhadores organizados em fábricas ou fora delas. O trabalhador foi perdendo progressivamente o controle sobre o processo produtivo, ou seja, perdeu o controle sobre o seu trabalho, através das formas que foram utilizadas para esta separação entre o homem e o produto de seu labor.

As formas efetuadas de exploração do trabalho se ampliaram e foram concretizadas através do que se denominou de Taylorismo, que aprofundou a divisão do trabalho; do Fordismo, que introduziu a linha de montagem e do Toyotismo que criou um método com o objetivo de produzir a baixos custos pequenas séries de produtos variados, pois

[...] o taylorismo e o fordismo tinham uma concepção muito linear, onde a Gerência Científica elaborava e o trabalhador executava. O toyotismo percebeu, entretanto, que o saber intelectual do trabalho é muito maior do que o fordismo e taylorismo imaginavam, e que era preciso deixar que o saber intelectual do trabalho florescesse e fosse também ele apropriado pelo capitala [...] (ANTUNES, 1999, p. 206).

O Brasil, do século XIX, entre 1760 e 1830, no tempo da primeira revolução industrial- da máquina a vapor, da indústria têxtil, do ferro, por força de um regime escravocrata, já superado, não incorporou as criações havidas. Também na segunda revolução industrial, entre 1870 e 1900 do aço, da química da soda e do cloro, da eletricidade, do petróleo, da indústria de bem de capital, do motor a combustão interna (base do automóvel e do avião) - o país não avançou em seu desenvolvimento tecnológico.

No século XX, por força da estabilidade nos padrões tecnológicos de países desenvolvidos, o país beneficiou-se das facilidades da “cópia” até 1930, fortalecendo a indústria de bens de consumo mais simples e no período de 1930 a 1980, seguiu copiando: o aço, a eletricidade, a química básica, o petróleo, o automóvel, os eletrodomésticos e equipamentos mais sofisticados.

Desta forma, pode-se inferir que o Brasil acumulou anos de atraso produtivo, devido ao seu processo tardio de industrialização, ocorrido a partir das três primeiras décadas do século XX, estendendo-se ainda até 1980.

A década de 80 foi marcada pela crise econômico-financeira internacional cujos reflexos se refletiram no Brasil mediante a cobrança da dívida externa, causando o enfraquecimento dos investimentos em setores estratégicos da indústria, pois o capital nacional atraiu investidores, devido à alta de juros mantidos pelo governo. Tornava-se urgente uma profunda modernização nas indústrias brasileiras em seus maquinários e formas gerenciais, pois

[...] a partir da retomada do crescimento econômico (que sucede a profunda recessão dos primeiros anos da década) e vai até o fim dos anos oitenta, caracteriza-se por uma rápida difusão de equipamentos. Embora nessa fase as empresas também iniciassem a busca de novas formas de organização do trabalho, baseadas, sobretudo nas técnicas japonesas, vários estudos enfatizaram o fraco desempenho empresarial em inovações organizacionais no período (LEITE, 1994, p. 567).

A década de 90 no Brasil caracterizou-se pelo desafio ao empresariado brasileiro, que precisou enfrentar a modernização tecnológica e as formas de gestão em-

presariais em virtude do agravamento da recessão econômica e a abertura da economia brasileira ao comércio internacional.

Como muito bem nos assinala Saviani (2013, p. 245) “vivemos hoje numa sociedade de mercado, sociedade burguesa, sociedade capitalista, porque os meios de produção foram concentrados na forma de capital”, que abrange dois elementos fundamentais: o trabalhador, cuja propriedade é sua força de trabalho e o capitalista que detém os meios de produção, que abrangem a matéria-prima e os instrumentos de trabalho.

### **3.2 O homem, a educação e seu trabalho: alguns pensadores**

“Com a criação do homem, veio ao mundo o próprio preceito de início; e isto, naturalmente, é apenas outra maneira de dizer que o preceito de liberdade foi criado ao mesmo tempo que o homem” (ARENDR, 2008, p.190).

Os teóricos selecionados, como referência para auxiliarem na incursão feita sobre o trabalho humano em diferentes tempos históricos, constituem-se em pilares que embasam este trabalho, de acordo com as suas postulações sempre pertinentes .a este tema, são Paulo Freire (2011), Anísio Teixeira (1960), Acacia Zeneida Kuenzer (2007), Boaventura de Souza Santos (2007), Ester Buffa; Miguel Arroyo; Paolo Nosella (2010), Gaudêncio Frigotto (2001), Zygmunt Bauman (2013), Silvia Maria Manfredi (2000), Urie Bronfenbrenner (1996).

Em seu livro “Pedagogia do Oprimido”, Paulo Freire pondera sobre a questão da humanização e desumanização e a permanente busca “dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão” (FREIRE, 2011, p. 40).

Se ainda vivemos numa sociedade altamente competitiva em que os jovens lutam por uma sociedade que lhes ofereça mais espaço para atuar de forma transparente, em que haja mais respeito ao meio ambiente, em que as mudanças nas relações sociais permeiam todo o processo de comunicação, pode-se afirmar que já nos encontramos num novo mundo que precisamos conhecer e descobrir para podermos estabelecer uma nova dialógica com estes jovens.

No entanto, este mundo em que vivemos nos apresenta situações infinitas de opressão, em diferentes níveis em que tanto o oprimido quanto o opressor sofrem a mesma dor da desumanização; o oprimido, segundo Freire, possui ”uma grande ta-

refa humanista e histórica– libertar-se a si e aos opressores” (2011, p. 41). Mais adiante em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, Freire (2011) afirma:

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo [...] a educação problematizadora de caráter autenticamente reflexivo, implica um constante ato de desvelamento da realidade (FREIRE, 2011, p. 96-97).

O trabalho humano, numa abordagem freireana, consiste num “[...] diálogo do homem com a natureza, pois as coisas que existem no mundo são oferecidas ao homem, sejam o solo, as plantas, os rios, os mares, as riquezas minerais e os ventos [...]” (FREIRE, 2006, p. 103).

O trabalho resultaria, então, numa criação humana com os recursos que lhe são oferecidos pela natureza, por força da necessidade de sobrevivência, do atendimento às suas carências primárias em primeiro lugar, mas que implica também em criar, construir, inovar, realizar suas aspirações, num processo contínuo de mediação com os seus semelhantes.

O papel do educador precisa atender a esta práxis ação-reflexão, com o intuito de construir uma relação dialógica com o aluno, na qual tanto um quanto o outro investiga criticamente a realidade, com o objetivo de modificá-la. A educação só se justifica quando possibilita realmente a inserção real do homem em seu contexto histórico-social, no qual ao mesmo tempo em que aprende, reflete sobre um novo panorama social e justo.

Nesta perspectiva, Boaventura, em seu livro *“Renovar a Teoria Crítica e Reinventar a Emancipação Social”*, efetua a seguinte consideração: “não é simplesmente de um conhecimento novo que necessitamos; o que necessitamos é de um novo modo de produção de conhecimento” (2007, p. 20). De fato, precisamos entender que a compreensão do mundo é muito mais ampla do que a visão ocidental que possuímos do mundo. Precisaremos aprender muito ainda sobre a realidade dos povos, inclusive do nosso país, porque somos desconsiderados e desacreditados como sociedades desenvolvidas aos olhos dos países do dito “primeiro mundo”.

Kuenzer (2007), em seu texto, *“Exclusão Incluída e Inclusão Excludente: A Nova Forma de Dualidade Estrutural que Objetiva as Novas Relações entre Educação e Trabalho”*, a exemplo de Boaventura de Sousa Santos, nos aponta a estrutu-

ração do trabalho dos profissionais da educação tendo por fundamento a pedagogia emancipatória:

[...] que tenha como finalidade a superação da contradição entre o capital e o trabalho [...] não basta a unificação no âmbito da formação; é preciso que esta se dê a partir das categorias historicamente tem se construído no campo da pedagogia emancipatória, articulada às demais formas de destruição das condições materiais que geram a exclusão (p. 4-5).

Com muita clareza e pertinência, esta educadora analisa a necessidade da ampliação do trabalho dos profissionais da educação, em termos de superação da fragmentação do trabalho pedagógico, através de procedimentos, na tentativa de articular teoria e prática, apesar de insuficiente, para transformar o modo de produção capitalista, origem da divisão.

Gaudêncio Frigotto (2001), através de sua obra efetua reflexões sobre estes tempos contemporâneos, que se evidenciam através de graves e profundas implicações entre o desenvolvimento científico e tecnológico, que se encontra no poder dos detentores do capital, em detrimento de mais de dois terços dos seres humanos, que vivem em condições de miserabilidade sem acesso aos benefícios existentes em todo o mundo.

Frigotto (2001) analisa o trabalho na sua dimensão da construção do ser humano, nestes tempos de globalização, em que a ampliação do desemprego, da precarização do trabalho, gera constante angústia e desesperança a milhares de trabalhadores, cujo único bem é a sua força de trabalho, para sobreviver.

O trabalho é por ele apresentado como criador da vida humana enquanto categoria do ser social, em sua dimensão ontológica, em sua tripla dimensão: de individualidade, como ser da natureza e de produtividade que se realiza de acordo com estas duas especificidades (individualidade e ser da natureza) nas relações que estabelece com outros seres humanos.

Em suas considerações, na dimensão ontológica, sobre o trabalho em suas diferentes formas: de escravidão, de servilismo e do trabalho mercadoria, como força de trabalho – trabalho/emprego, trabalho assalariado no capitalismo, expõe os aspectos pertinentes a crise do trabalho assalariado no contexto capitalista atual, mas considera ao mesmo tempo alternativas viáveis à sua solução.

Ao analisar o resgate do trabalho, propriedade e tecnologia, como dimensões fundamentais de criação da vida humana, Frigotto (2001), destaca o papel da edu-

cação profissional, neste contexto. A Educação Profissional, pública, de qualidade, como direito subjetivo de cada ser humano, centrada numa perspectiva de emancipação da classe trabalhadora, precisa se constituir como “[...] formadora de sujeitos autônomos e protagonistas de cidadania ativa e articulada a um projeto de Estado radicalmente democrático e a um projeto de desenvolvimento “sustentável.” (FRIGOTTO, 2001, p. 82).

Zygmunt Bauman, em seu livro “Sobre Educação e Juventude”, nos permite refletir sobre as consequências da sociedade de consumo para os jovens, se refere ao Facebook e outros sites sociais que “estão abrindo novíssimas paisagens para agências que tendem a se concentrar nos jovens e a tratá-los basicamente como “terras virgens” a espera de conquista e exploração pelo avanço das tropas consumistas” (2012, p. 53).

De fato, podemos perceber que devido à explosão do progresso tecnológico em nossos dias, muito mais rapidamente vão se criando novas e inesgotáveis necessidades de consumo, numa velocidade tão impressionante que as pessoas nem se dão conta que estão se tornando “mercadoria” constantemente manipulada.

Sendo assim, é indispensável o conhecimento da evolução histórica do trabalho, num primeiro momento em diferentes comunidades humanas para que, num segundo momento possamos compreender as relações que foram sendo estabelecidas entre os componentes sociais: trabalhadores, processos, estruturas, ambições e “[...] interesses dos sujeitos sociais envolvidos” (MANFREDI, 2000, p. 32).

Buffa et al. (2010) traz uma importante contribuição no livro Educação e Cidadania – quem educa o cidadão? Os autores realizam uma análise muito pertinente sobre educação e cidadania, em que analisam aspectos ligados a este binômio, apresentando posicionamentos de pensadores em diferentes momentos históricos a partir da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, surgidas no processo da Revolução Francesa, no século XVIII, em que cidadão pleno será o proprietário. A partir de então, vão sendo considerados em tempos modernos: a manufatura, a grande indústria, a fábrica, a propriedade burguesa, a educação para os proprietários, isto é, os cidadãos e outra educação para os não proprietários, os filhos dos empregados, os pobres.

Buffa et al. (2010) efetua uma análise mais detalhada sobre educação e exclusão da cidadania, em que refere os períodos da não participação nos processos políticos das classes incultas pelo seu despreparo, falta de discernimento, um povo

atrasado que necessitava ser tutelado, por não saber utilizar racionalmente a sua liberdade. Sendo assim, somente os cidadãos educados estariam capacitados para a política.

Bronfenbrenner (1996, p. 7), através de sua interessante teoria sobre a abordagem do desenvolvimento humano, proporciona reflexões importantes considerando “[...] o funcionamento da natureza e sua interdependência funcional entre os organismos vivos e seu ambiente”. Sendo assim, incluí este pensador russo neste trabalho, porque sua concepção teórica compreende uma visão sistêmica do desenvolvimento humano, através da interação mútua, progressiva, que se processa entre um indivíduo e o meio em que se encontra em que ambos se recriam, se transformam e se influenciam mutuamente.

Este processo de interação foi detalhado em quatro sistemas: o microsistema, o mesossistema, o ecossistema e o macrosistema, com a finalidade de explicar os diferentes níveis estruturais que ocorrerão durante toda a existência do ser humano. A exemplo da natureza, as estruturas interacionais estão encaixadas uma na outra, guardando entre si influências, relações, interações, atividades, contextos, interpenetram-se em suas mudanças à medida que se expandem.

Considero significativa a inclusão das ideias de Bronfenbrenner (1996) neste trabalho, pela sua abordagem sistêmica do desenvolvimento humano, em que integram relações afetivas, culturais, sociais, criando redes que se ampliam e se aprofundam progressivamente durante toda a existência humana.

Desta forma, os movimentos humanos assim como ocorre na natureza, interpenetram-se em contextos sociais e culturais diversos, criando um novo tempo, um tempo de solidariedade e cooperação com os seus grupos próximos em que se possa enfim vislumbrar uma nova sociedade: a sociedade ecológica da raça humana no planeta terra.

Anísio Teixeira, pensador da pedagogia, planejador e realizador da educação, um espírito moderno que pensava o futuro com o espírito do homem aventureiro em busca do novo, suas obras refletem o seu poder visionário como criador de uma herança cultural e educacional para o povo brasileiro.

Dentre os nossos maiores educadores brasileiros, filósofo, autor de livros e ensaios, tais como “A Educação e a Crise Brasileira (1956) e Educação não é privilégio (1957)”, criador dos centros de pesquisa educacional, aliando a ciência e a educação, onde pesquisadores em educação preparariam o terreno para o estabe-

lecimento de uma nova consciência educacional e profissional. Defensor incansável da escola pública e democrática de qualidade, trabalhou por uma educação que precisaria ser resolvida tecnicamente e não por meio de uma política partidária que desconhecia assuntos educacionais.

Desde o início de sua vida pública, em 1924, como diretor da Instrução Pública da Bahia e durante toda a sua vida dedicou-se a busca de soluções para o “problema brasileiro da educação”, teorizando sobre suas causas, formulando e implementando políticas educativas que pudessem contribuir para a sua solução. Sua obra de caráter político dispensou atenção especial às reformas do ensino.

Em sua luta pela expansão da rede educacional pública, pela democratização da sociedade brasileira, Anísio Teixeira foi muito combatido por setores retrógrados mantenedores de ideias e valores ultrapassados, preocupados em conservar privilégios e governar para um povo sem instrução! Consideravam um acinte as ideias de educação para todos os brasileiros, preconizadas por Anísio Teixeira, que ameaçavam a estrutura social arcaica e superada mantida por séculos no Brasil. Este homem público, um dos maiores pensadores do Brasil brasileiro, um dos maiores arquitetos de um projeto de educação pública, referido por Freire inúmeras vezes em suas obras, assim como continua influenciando com seu ideário, milhares de educadores que no Brasil trabalham comprometidos com a educação.

Assim se referiu Coutinho (1960) a Anísio Teixeira “é o que os seus ensaios demonstram com a rigorosa lógica de um insuperável dialeto e ao ferro em brasa de uma inteligência acostuada a pensar com a cabeça e com as mãos” (p.117).

Anísio Teixeira deixa-nos o exemplo de um batalhador persistente e dedicado à educação brasileira, merecidamente denominado de “estadista da educação”.

Através de todos os pensadores selecionados, fundamento este trabalho de dissertação sobre os alunos egressos dos Cursos Técnicos de Meio Ambiente e Biotecnologia e a emancipação social.

### **3.3 O homem oprimido**

...tiranizado.... afligido... dominado... comprimido... apertado...

....atormentado... sufocado... deprimindo... melancólico... triste...

Quem é o oprimido? O que é opressão? É possível desoprimir? Como fazer?

Um dos pilares que selecionei para fundamentar a minha dissertação foi definir e analisar o processo de opressão, com a finalidade de compreender e aproximá-lo da pesquisa sobre o egresso do ensino profissional.

O processo de opressão é muito complexo, tem múltiplas facetas, começo por defini-lo, segundo Houaiss, como sendo sujeição imposta por força ou autoridade, tirania, jugo, constrangimento, humilhação, abatimento, diminuição da energia, prostração.

Paulo Freire, em seu livro “Pedagogia do Oprimido”, descreve com muita clareza o processo de opressão, as complicadas relações entre oprimidos e opressores em que a percepção tanto do oprimido quanto do opressor de sua condição de humano, não distingue as fronteiras que os separam e que podem conduzi-los a uma vida plena e livre. Sendo assim, ambos – oprimidos e opressores vivenciam um processo de desumanização, os primeiros porque anseiam por liberdades e justiça, enquanto que os opressores, através de suas ações que humilham os seus semelhantes, fazendo-os sentirem-se como “coisas”, inúteis e descartáveis, também estes sofrem “desumanização”. São dois lados distintos do mesmo processo.

A instigante ideia de que “[...] a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores [...]. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos” (FREIRE, 2011, p. 41), conduz a refletir-se no complicado e difícil movimento, que significa a conquista da liberdade, pois os oprimidos, temem exercer uma liberdade que jamais conheceram e os opressores, pela ameaça da perda da liberdade que sempre tiveram.

Sendo assim, a humanização é uma possibilidade que os homens possuem porque são “inconclusos” e ao tornarem-se conscientes de sua inconclusão, percebem a responsabilidade como seres históricos de participarem da luta pela libertação de seus semelhantes no espaço social em que atuam.

### **3.4 O homem emancipado**

Nos tempos em que vivemos, de globalização, de pós-modernidade, de transição de acordo com tantos e diferentes pensadores, questões como liberdade, igualdade e solidariedade ainda se constituem em sonhos, desejos, aspirações ou

talvez utopias que a humanidade busca há séculos e talvez ainda por muito tempo em sua trajetória neste planeta.

Houaiss define “emancipação” como “ato ou efeito de emancipar-se; qualquer libertação; alforria; independência” ou como termo jurídico significando “instituto jurídico que no Brasil concede ao menor de 21 e maior de 18 seus direitos civis.”

No entanto, ao longo dos tempos a esta palavra foram atribuídas significações diferenciadas conforme a época e seus pensadores.

David Harvey (1992, p. 23), em seus estudos sobre a pós-modernidade, considera que o projeto da modernidade originou-se no século XVIII, e se constituiu como,

[...] extraordinário esforço intelectual dos pensadores iluministas para desenvolver a ciência objetiva, a moralidade e a lei universais e a arte autônoma nos termos da própria lógica interna destas. A ideia era usar o acúmulo de conhecimento gerado por muitas pessoas trabalhando livre e criativamente em busca da emancipação humana e do enriquecimento da vida diária

No século XVIII ou século das luzes, a educação assume papel fundamental como formadora do ser humano, cuja existência humana para estruturar-se depende de uma educação emancipadora, pois

A filosofia da educação esclarecida prima por fortalecer uma ideia do sujeito – criação do homem por ele mesmo – formar e transformar sua natureza. Para levar a efeito tão grande tarefa, os educadores centram seus esforços na formação moral do indivíduo (MENEZES, 2000, p. 114).

Neste sentido, a educação no Iluminismo possui caráter ético, pois atribui ao ser humano racionalidade e liberdade e somente através do processo educativo os indivíduos desenvolverão a sua racionalidade, as suas potencialidades que possibilitarão viver eticamente com os seus semelhantes.

Assim sendo, a modernidade significou perspectivas de possibilidade emancipatória para toda a humanidade, através da libertação dos homens da religião, da crença nos mitos, das superstições e do uso arbitrário do poder. No entanto, os projetos da burguesia pós-revolucionária privilegiaram somente os interesses materiais e políticos de sua classe, em detrimento da maioria das populações privadas de necessidades elementares.

O que é o iluminismo? Kant (2009) assim se manifestou sobre o conceito de Esclarecimento: “[...] é a saída do homem de sua menoridade de que ele próprio é culpado”. O termo Esclarecimento, em alemão Aufklärung, “enquanto elevação do ser humano”, pode também ser traduzido por iluminismo ou emancipação (p.09).

A menoridade, “é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem”. A causa dessa menoridade “[...] não reside na falta de entendimento, mas na falta de decisão e de coragem em se servir de si mesmo sem a orientação de outrem” (KANT, 2009, p. 09).

“É, pois, difícil a cada homem desprender-se da menoridade que para ele se tornou quase uma natureza” Kant (2009, p. 10), o indivíduo tem dificuldade de vencer a sua menoridade com suas próprias forças, precisará da coletividade, que necessita ser educada para o esclarecimento, constituir-se-á, portanto, numa categoria política.

Assim sendo, de acordo com a filosofia kantiana, o homem através de sua racionalidade pode superar a sua “menoridade”, isto é, a sua falta de decisão, por depender de outro, para construir o conhecimento científico, livre de preconceitos e então poder atuar na sociedade. A emancipação humana, como esclarecimento, constitui-se numa categoria política para Kant (2009).

Karl Marx, retomou a questão da emancipação humana, ampliando o debate entre Estado e Religião, pois na centralidade de sua tese argumentava que a transformação do Estado cristão em Estado racional, representaria a emancipação política, mas não humana. O Estado é livre, mas o homem não. O Estado é emancipado, o homem é determinado, pois a emancipação política do homem é mediada pelo Estado, sendo assim

A emancipação política é a redução do homem, por um lado, a membro da sociedade civil, indivíduo independente e egoísta e, por outro lado a pessoa moral. Só será plena a emancipação humana quando o homem real e individual tiver em si o cidadão abstrato; quando como homem individual, na sua vida empírica, no trabalho e nas suas relações individuais, se tiver tornado um ser genérico; e quando tiver reconhecido e organizado as suas próprias forças (forces propres) como forças sociais, de maneira a nunca mais separar de si esta força social como força política (MARX, 2006, p. 37).

O pensamento de Marx, considera o homem enquanto um ser concreto, capaz de garantir a sua existência, na estreita relação que estabelece com a natureza, através do trabalho, criando cultura e humanizando-se, por consequência.

Mais tarde, Adorno (1995), através do texto “Educação e Emancipação” defende que a educação, estabeleça seus fundamentos no uso da razão objetiva, na autonomia, na autolegislação, postulando que a formulação de um pensamento rigoroso e autônomo constitui-se como base para a construção de um ser humano emancipado, tendo em vista que

A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a auto-reflexão crítica. Adorno (1995, p. 121). A educação segundo Adorno, precisaria ser pensada de forma crítica e racional, considerando que o mundo estruturado de forma heterônoma, se transforma para os indivíduos em ideologia dominante que [...] exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera toda a educação (ADORNO, 1995, p. 143).

Sendo assim, o papel que a educação assumirá precisará conter duas ações como princípios basilares na sua práxis, a adaptação e a resistência, no sentido de preparar o homem tanto para se adaptar na sociedade, quanto para resistir às formas de assujeitamento, de dominação ou de opressão como tão bem nos descreve Paulo Freire em tantos momentos de sua obra.

Em Paulo Freire, a emancipação mais do que uma proposta filosófica, social ou crítica, encerra os fundamentos de uma tarefa educacional, destinada a uma práxis pedagógica, que terá como finalidade a humanização dos seres humanos no seu movimento existencial de se tornarem e se aperfeiçoarem permanentemente.

Desta forma, a emancipação, em sua obra passa a significar humanização, que será buscada e se oporá a desumanização, pois as duas “[...] dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão” (FREIRE, 2011, p. 40). A pedagogia de Freire, como uma teoria humana, envolverá sempre as relações entre as pessoas e o contexto social em que se encontram, considerando os aspectos de opressão e dominação.

Segundo Freire, “[...] a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores” (2011, p. 41), consiste em recuperar sua humanidade, pois, também são oprimidos os que oprimem os seus semelhantes e precisarão destes para a sua libertação, que “[...] é um parto [...] doloroso. [...] nasce [...] este homem novo não mais opressor; não mais oprimido. mas o homem libertando-se” (2011, p. 48).

O homem que se liberta, aceita sua liberdade não somente para comer, mas “[...] para criar e construir, para admirar e aventurar-se” (FREIRE, 2011, p. 76), porque em sua trajetória humanizadora, estabelece uma relação amorosa com a vida, ao contrário do homem oprimido que se enxerga como “coisa”, porque assim ele é tratado.

Se, através de uma educação problematizadora, que conduza à reflexão, e buscando a constante conscientização da realidade do mundo, favorece a inserção crítica de quem se educa a realidade, pois “[...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2011, p. 96).

Se a educação deve ser humanizadora, problematizadora, crítica, criativa, realizando-se através do diálogo com os outros e com o mundo, possibilitando a libertação do homem, a educação será libertadora e pode ser então o caminho para a emancipação humana.

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (FREIRE, 2011, p. 142).

O conceito de emancipação social traz em seu bojo uma concepção que contempla noções importantes de compreensão de mundo, cultura, conhecimento, hegemonia. Quando se analisa o pensamento de Boaventura (2007), é possível o aprofundamento de postulados importantes para o entendimento deste conceito.

Cabe considerar em primeiro lugar a abordagem que este importante sociólogo nos apresenta sobre o conhecimento dicotômico, para que se possa entender a hegemonia em termos de mundo contemporâneo. O conhecimento dicotômico, que separa e divide, por exemplo, conceitos como homem/mulher, branco/negro, cultura/natureza, constitui-se como uma forma limitada, estreita de percepção, do mundo como possuidor de hegemonia, principalmente dos países de “primeiro mundo”, situados ao norte da linha do Equador.

Quando se compara a percepção sobre o conhecimento do mundo ocidental, hegemônico, com o conhecimento holístico e global, do mundo oriental, verifica-se o desaparecimento da dicotomia como se apontou anteriormente, pois “[...] as dicoto-

mias são vistas de outra maneira no Oriente, [...] existem como partes que são articuladas em totalidades cósmicas, [...] amplas, em multiplicidade de tempos [...]” (SANTOS, 2007, p. 27). A racionalidade do mundo ocidental emerge de uma realidade dicotômica, produzida por uma concepção de transformação do real, mas não de sua compreensão, enquanto que a racionalidade dos orientais é mais complexa, pois as noções de tempo - circulares, lineares, o tempo da reencarnação acolhem múltiplas articulações cósmicas, muito mais amplas, talvez incompreensíveis para os ocidentais, Santos (2007) considera que a percepção da realidade dos povos ocidentais é “preguiçosa”, porque ignora e despreza tudo o que não pertence à realidade concreta, isto é, a realidade é reduzida somente ao que existe.

Sendo assim, muito do que existe não é visto, é não-existente, é reduzido, está ausente da realidade. Santos denomina a “Sociologia das Ausências”, como “[...] um procedimento transgressivo, uma sociologia insurgente para tentar mostrar que o que não existe é produzido ativamente como não existente, como uma alternativa descartável, invisível à realidade hegemônica do mundo [...]” (2007, p. 28-29).

O autor aponta como solução para substituir as monoculturas, isto é, todas as formas de ausência ou desprezo, ao saber, às diferenças, à cultura de todos os “povos não desenvolvidos”, relativas ao pensamento hegemônico ocidental, pelas ecologias: dos saberes, da temporalidade, do reconhecimento, da transescala e da produtividade.

Por que “ecologia”? Primeiramente, por significar “relações recíprocas” entre os seres vivos ou com o meio orgânico ou inorgânico no qual se encontram e em segundo lugar também as relações recíprocas entre o homem e seu meio: moral, social e econômico.

As “ecologias” referidas constituiriam uma nova configuração da racionalidade ao considerar: a possibilidade de diálogo entre o saber científico com o laico, popular, dos indígenas, das populações marginais e suas concepções diferentes de temporalidade. Através de uma reconstrução do mundo, onde sejam aceitas as diferenças após serem eliminadas as hierarquias, valerão somente as diferenças, serão articuladas análises entre as escalas locais, globais e nacionais “é preciso ver através das escalas”, para que sejam avaliados os fenômenos que ocorrem nas referidas instâncias. Por fim, a fórmula capitalista de produção, que oculta e desacredita os sistemas alternativos de produção, sejam das organizações populares, das cooperativas de operários ou economia solidária, considerando-os improdutivos, seria

substituída pela produtividade afinal, através das múltiplas formas de trabalhar (SANTOS, 2007, p. 36).

Com urgência é preciso tornar presente o que está escondido, o que não aparece, porque não possui sentido, de acordo com o pensamento hegemônico ocidental, veríamos então surgir uma diversidade impressionante nesta terra, sem homogeneização, mas ampliando o diálogo entre os saberes, as práticas de diferentes comunidades, criando assim o entendimento, pois “[...] há muitas linguagens para falar da dignidade humana, para falar de um futuro melhor, de uma sociedade mais justa” (SANTOS, 2007, p. 40).

### 3.5 O homem autônomo

A raiz mais profunda da politicidade da educação se acha na educabilidade mesma do ser humano, que se funda na sua natureza inacabada e da qual se tornou consciente. Inacabado e consciente de seu inacabamento, histórico, necessariamente o ser humano se faria um ser ético, um ser de opções, de decisão (FREIRE, 2011, p. 108).

O ser humano porque se percebe inconcluso realiza um movimento permanente durante toda a sua vida de busca, de procura por constituir-se como um ser capaz de tomar decisões livremente, seja de ordem moral ou intelectual, exercendo, pois, a sua vontade e sua autodeterminação. Para tanto, segundo muito bem nos aponta Freire, o ser humano precisa ser educado com princípios éticos, indispensáveis à convivência humana, pois a ética perpassa todo o processo de formação do indivíduo para que se torne um ser autônomo, responsável pela sua ação no mundo.

A ação do homem no mundo não é efetivada de forma isolada, mas sim através da comunicação com os seus semelhantes – o diálogo de quem é capaz de se comunicar porque é capaz de ouvir, porque pratica a habilidade de escutar: “observando” todas as expressões que estão sendo “ditos” através de gestos, tom da voz, silêncios e também de suas palavras. Assim, neste complexo, mas profundamente humano processo de interação realizada entre os homens, nos diversos grupos de convivência “aprendente”, a autonomia, isto é, o processo de vir a ser, é concretizada na medida em que o diálogo, no sentido de reciprocidade entre quem ensina e quem aprende, acontece de forma amorosa, sem arrogância, confiando na contribuição das pessoas nesta relação dialógica.

Sendo assim, para conquistar a autonomia o homem precisa refletir profunda e criticamente e ser capaz de agir num movimento que se transforma em independência. Da possibilidade “de vir a ser”, passa “a ser mais” porque se libertou.

Quando se analisa estas considerações freireanas e as transpomos para o contexto atual dos trabalhadores, surgem algumas questões provocativas, no sentido de questionar se o trabalho em tempos de globalização é capaz de contribuir para a autonomia dos humanos, homens e mulheres. Também fica a indagação no sentido de saber se o homem trabalhador é capaz de intervir conscientemente, buscando alterar a realidade social em que atua com os seus fazeres profissionais, como um ser histórico de fato.

“O trabalho é atualmente um recurso global, sem que haja um mercado global de trabalho” (SANTOS, 2007, p. 64). Na atualidade, o trabalho, apresenta fortes características de exclusão e desigualdade, por racismo, a desvalorização da força de trabalho dos emigrantes e sexismo, pois as mulheres continuam a ser subordinadas nos diferentes campos do trabalho, onde muito poucas ascendem a postos relevantes.

A palavra autonomia é de origem grega, e sua definição relaciona-se com liberdade, independência e autossuficiência. Na educação, a autonomia do estudante está na sua capacidade de organizar sozinho os seus estudos, governando de forma eficaz o seu tempo para o aprendizado, selecionando de maneira competente as fontes de informação.

A autonomia pode ser discutida “a partir das relações de poder que perpassam todas as atividades educativas, tanto de ensino como de aprendizagem”, ocupando lugar de destaque a opressão e a liberdade, que são “aspectos decorrentes da organização de autonomia dos sujeitos envolvidos na dinâmica educativa” (FLECK, 2004, p. 32).

Sendo assim, as relações sociais e interpessoais se estruturam conforme os interesses específicos das pessoas, definidos pelo autor como campo,

que pode se apresentar como a representação dos espaços sociais diferenciados das sociedades contemporâneas. Dessa forma, a autonomia se apresenta como uma ação que depende das pessoas e do contexto em que estiverem sendo analisados. Assim ele preconiza que essas representações facilitam a compreensão do fato de que, para determinado campo, os móveis só são percebidos pelos agentes nativos ou pelos agentes formados para nele entrar (FLECK, 2004, p. 33).

Nesta perspectiva de que impera, nos relacionamentos, a opressão ou autonomia, além de existirem sob expectativas diferenciadas, as relações humanas apresentam propósitos que se distinguem de maneira contrária, “de tal forma que uma mesma atitude pode ser, sob um ângulo, considerada opressora e sob o outro, considerada libertadora ou mesmo geradora de autonomia” (FLECK, 2004, p. 33).

## 4 METODOLOGIA

“[...] alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada auto-compreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível” (MEDINA, 1995, p. 7).

### 4.1 Fundamentação sobre a pesquisa

Na medida em que o homem cria o mundo, também é por ele transformado, permanentemente, num movimento circular que não se esgota nunca.

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, resulta num estudo de caso descritivo-explicativo para que as informações contextualizadas dos alunos sobre os seus cursos técnicos e suas inserções de trabalho após o mesmo busquem as relações entre os fenômenos formativos e laborais.

Considerando que a pesquisa qualitativa permite pensar sobre o mundo de forma criativa, e que oportuniza “um novo olhar” que possibilita apreender novas e diferentes percepções, compreensões e interpretações sobre a realidade educacional, especificamente do ensino técnico, optei pela realização de um estudo qualitativo. Entretanto, ao descrever um fenômeno complexo, pode haver a combinação de métodos qualitativos e quantitativos que se complementam, possibilitando uma análise que mais se aproxima da realidade que está sendo examinada, pois “São diversas as formas de avançar no conhecimento de um fenômeno: pela sua descrição, pela medição.....pela análise de contexto..... pela visão de sua estrutura....”, como bem observou Dias (1996, p. 4). O mundo pode ser interpretado compreendendo pressupostos qualitativos e quantitativos, que não são excludentes entre si, mas se interpenetram na construção de um novo conhecimento.

Desta forma, defini os procedimentos metodológicos, tendo por referência as concepções que privilegiam o tratamento de fatos ou fenômenos sociais sob a perspectiva qualitativa, mas com a clara compreensão que também poderiam ser úteis informações quantitativas, que de alguma maneira pudessem contribuir para a compreensão do fenômeno em estudo.

O processo não é matemático, embora não exclua análises desta natureza, quando se pesquisa qualitativamente, mas sim nos exige uma análise e interpretação de falas e gestos, que também geram muitas interpretações importantes e que

poderiam permanecer “encobertas”, por análises e interpretações de dados quantitativos somente.

A realidade vai sendo descoberta pelo dinamismo das interações que serão capazes de serem realizadas com os alunos egressos a serem investigados, tratando-os com afeto, humildade e respeito, visando ampliar a minha própria compreensão da realidade no mundo do trabalho do ensino técnico.

A investigação, com o objetivo de “encontrar” a realidade, através do diálogo, da reflexão, do pensar junto com o outro, foi estruturada com a participação dos alunos egressos dos cursos de Meio Ambiente e Biblioteconomia, escolhidos de forma não aleatória, mas pela sua relevância face ao seu ineditismo até serem ofertados pela instituição.

Desta forma, no presente trabalho, foram privilegiados os aspectos qualitativos, considerando que a área da educação compreende ação direta, junto a setores da população; a reflexão, o estudo e a investigação como área específica de interesse.

**O problema de pesquisa** desta dissertação pode ser assim apresentado :

- Os egressos da Educação Profissional, dos cursos de Meio Ambiente e Biblioteconomia, reconhecem a sua formação no nível técnico como capaz de emancipá-los socialmente?

**A pesquisa tem por objetivo**

-Analisar/compreender as significações que os egressos dos cursos de Biblioteconomia e Meio Ambiente possuem sobre o trabalho que passaram a desenvolver como técnicos em seus espaços profissionais.

Como **objetivos específicos**, almeja-se:

- Verificar as “compreensões” que os egressos dos cursos de Meio Ambiente e Biblioteconomia têm sobre a sua formação em nível técnico e os seus fazeres no mundo do trabalho;

- Relacionar as condições de trabalho vivenciadas pelos egressos com as expectativas que possuíam em relação aos cursos realizados as possibilidades de melhoria das suas condições laborais.

Para a obtenção dos dados referentes aos alunos egressos dos cursos técnicos de Biblioteconomia e Meio Ambiente, foram selecionados os procedimentos de questionário e entrevista, que se completam para a obtenção de informações predominantemente qualitativas.

Sobre o questionário:

“O pesquisador social reconhece que o questionário não vai apreender a realidade social em si, mas a maneira como ela é experimentada pelos indivíduos” (PIERRE, 2008, p. 40-41).

Desta forma, considere que uma competente elaboração do questionário, se constituiria num instrumento importante para que fossem obtidas informações fidedignas e qualificadas dos alunos egressos dos cursos técnicos anteriormente apontados.

Sendo assim, o questionário - Apêndice A, p.89 - foi organizado de forma semiestruturada, contendo perguntas abertas, fechadas e mistas, com a finalidade de encontrar respostas ao problema formulado.

Tendo em vista, que a amostra a ser atingida contemplava alunos egressos de regiões geograficamente distantes, inclusive de outros estados, foi selecionado o “questionário auto aplicado”, pela facilidade do envio pelo correio eletrônico e do reenvio já preenchido. O instrumento foi elaborado, contendo mensagem estimuladora da importância da participação dos respondentes, objetiva e clara em suas proposições, através de uma apresentação gráfica organizada e ainda destacando aos egressos a necessidade de salvar o documento respondido antes de reenviar. O questionário foi organizado em duas partes:

Parte 1 - teve a finalidade de obter informações de identificação dos alunos : ano de ingresso e conclusão, local de trabalho anterior e atual à realização do curso técnico, atividade profissional exercida no presente, estado civil e número de filhos;

Parte 2 – foi constituída por dez (10) questões que possuíram como objetivo essencial, verificar os aspectos apontados pelos alunos quanto ao seu exercício profissional e autonomia para desempenho e inclusão no mundo do trabalho, bem como suas intervenções e contribuições no espaço profissional e as mudanças que se sucederam em termos pessoais e profissionais.

Os dados obtidos pelos alunos egressos dos cursos de Biblioteconomia e Meio Ambiente, foram analisados a partir das seguintes ações:

- Análise do perfil profissional definidos para a saída ou conclusão dos alunos destes cursos técnicos, com a finalidade de estruturar com clareza e precisão o instrumento de coleta dos dados;
- Inicialmente a previsão feita seria a aplicação de questionários em alunos egressos destes cursos no período de dois (2) anos, 2010 e 2011,

através do correio eletrônico, considerando a matrícula inicial destes cursos.

No entanto, devido a demora prolongada de retorno dos instrumentos, foram incluídos alunos egressos de anos anteriores a 2010, para assegurar a continuidade da pesquisa.

Nesta fase, realizaram-se as seguintes ações: envio de quarenta e nove (49) questionários aos egressos dos cursos de Biblioteconomia e dezenove (19) ao de Meio Ambiente, retornaram onze (11) no total: Biblioteconomia – nove (9), Meio Ambientes - dois (2).

Ao tabular os dados resultantes dos questionários respondidos pelos alunos, foi constatada a ocorrência de respostas repetidas em diferentes questões, que poderiam ser agrupadas em categorias que as identificasse. Desta análise resultou a identificação de sete categorias, que iriam embasar a elaboração dos gráficos apresentados posteriormente.

Sobre a entrevista:

“[...] ato de perceber realizado entre duas pessoas” (RICHARDSON, 1999, p. 207).

Ao entrevistar, como a segunda estratégia utilizada neste trabalho, foram observados alguns cuidados importantes e comunicados aos entrevistados: primeiramente foi explicado o objetivo e a natureza do trabalho, a garantia de anonimato, o sigilo das informações prestadas, com o intuito de [...] deixá-lo sentir-se livre para “interromper e esclarecer ou até criticar o tipo de pergunta”, além de “[...] solicitar autorização para gravar a entrevista”, e de explicar os motivos de sua gravação, segundo nos aponta Richardson (1999, p. 216-217).

O roteiro da entrevista- Apêndice B, p. 94 -, foi estruturado através de sete (7) questões elaboradas de forma clara e objetiva e que instruções claras foram apresentadas aos entrevistados antes da realização deste procedimento.

Durante a realização da entrevista, foram utilizadas algumas táticas, como nos aponta Arnoudi (2006): estimular o entrevistado com gestos, expressões e palavras, para que fosse descrito o tema sendo abordado, sem interromper a entrevista, mas realizando perguntas diretas a título de esclarecimento e obtenção de informações complementares ao assunto tratado, bem como, ao escutar atentamente, identificando o momento de realizar algum questionamento.

O clima de cordialidade permeou todo o trabalho desenvolvido, com a possibilidade de novos encontros, para novas entrevistas, para aprofundar ou esclarecer questões, caso fosse necessário.

Foram selecionados 02 alunos de Biblioteconomia, de forma intencional. Um deles, era egresso do PROEJA<sup>3</sup> e a outra, a primeira PcD egressa do Instituto Federal portadora de cegueira. Além destes fatos, relevantes em si mesmos, por terem apresentado em seus questionários proposições, posicionamentos e reflexões que deveriam ser aprofundadas a partir das seguintes questões:

- Melhorias profissionais resultantes de sua atuação como técnico de Biblioteconomia;
- Ingresso no mundo do trabalho como técnico;
- Trabalho e autonomia;
- Contribuições para o aperfeiçoamento da área profissional;
- Intervenção no mundo profissional/melhoria dos procedimentos técnicos;
- Sugestões para o Curso de Biblioteconomia;
- Planos para o futuro

#### **4.2 Descrição do contexto da pesquisa**

A pesquisa de campo se desenvolveu com egressos de uma Instituição Pública, situada em Porto Alegre, onde são ofertadas as seguintes modalidades de cursos:

Cursos de Nível Técnico - dezesseis (16): Administração, Biblioteconomia, Biotecnologia, Contabilidade, Informática, Instrumento Musical – Flauta Doce ou Violão Meio Ambiente, Panificação e Confeitaria, Química, Redes de Computadores, Secretariado, Segurança do Trabalho, Transações Imobiliárias, Enfermagem, Registros e Informações e Saúde Bucal, sendo estes três últimos em parceria com o Grupo Hospitalar Conceição (GHC).

---

<sup>3</sup> PROEJA – Curso com validade nacional, que confere habilitação profissional e a conclusão do ensino médio, possibilitando o prosseguimento de estudos em nível superior, aos trabalhadores sem processo formativo .

Cursos Superiores - cinco (5): Licenciatura em Ciências da Natureza (Biologia e Química) e Licenciatura em Pedagogia; Tecnólogos em Gestão Ambiental, Processos Gerenciais e Sistemas para Internet.

PROEJA - Programa de Integração da Educação Profissional Técnica de Nível Médio ao Ensino Médio integrado com Formação Profissional da Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Técnico em Vendas.

Qualificação – PRONATEC - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), com a oferta de vinte e oito cursos.

MESTRADOS PROFISSIONAIS: Foram aprovados dois: Informática em Educação e Educação e Ciências, recentemente aprovados.

Formação Inicial e Continuada (FIC), desenvolvida através do Projeto Prelúdio, para crianças e adolescentes de 4 a 17 anos, que realizam atividades de iniciação musical.

Integram o quadro funcional, 115 docentes (mais de 90% possui curso de pós-graduação) e 63 técnicos – administrativos, todos concursados.

A referida instituição compreende ainda múltiplos setores que visam apoiar as ações docentes e discentes tais como: biblioteca, laboratórios de informática, audiovisual, núcleo de apoio e acompanhamento do educando, núcleo de estágios, laboratório de reforço pedagógico, núcleo de apoio a pessoas com necessidades especiais, setor de lazer e desportos, incubadora tecno-social, núcleo de ensino a distância, auditórios, coordenadoria de cerimonial e eventos, coordenadoria de projetos culturais. Compõem ainda os núcleos administrativos e pedagógicos: Direção Geral, Direção de Ensino, Diretorias de: Pesquisa e Inovação, de Extensão, de Recursos Humanos, Financeira, Comissões Permanentes e Conselho do Campus, gabinetes dos professores, 22 salas de aula e cantina. Basicamente é esta a estrutura que configura esta instituição.

De acordo com a análise do perfil dos ingressantes em 2009/1, foi constatado que os alunos são oriundos de Porto Alegre e grande Porto Alegre, se originam de diferentes camadas sociais e faixas etárias de jovens, entre dezesseis (16) anos e trinta anos (30), 50% do sexo feminino e 50% do sexo masculino. A renda mensal familiar destes alunos situa-se entre um e cinco salários mínimos (58%) e de cinco ou mais salários mínimos (42%), em sua maioria (78%) pertencem à raça branca e apenas 11% são da raça negra.

A instituição proporciona assistência aos alunos de baixa renda através de benefícios tais como: bolsa permanência e auxílio para transporte, creche, moradia, material de ensino e alimentação, visando garantir aos alunos permanência e conclusão dos cursos.

Os recursos humanos, tanto administrativos como pedagógicos são constituídos por profissionais, que em sua maioria se encontra em fase de conclusão do estágio probatório, visto que seu ingresso ocorreu recentemente, portanto, são profissionais em início de carreira, enquanto que poucos são os professores e técnicos administrativos que se encontram em final de carreira. Este é o cenário atual.

### **4.3 População e Amostra**

Como foco para o trabalho da dissertação, foram selecionados os Cursos Técnicos de Biblioteconomia e Meio Ambiente, considerando o ineditismo da oferta destas terminalidades e a longa experiência obtida primeiramente como orientadora pedagógica e também como coordenadora geral dos estágios de ambos os cursos.

O Curso de Biblioteconomia foi se constituindo e se modificando pedagogicamente sob a minha orientação, no trabalho com alunos e professores, contribuindo fortemente para o meu aperfeiçoamento profissional, através de múltiplos desafios que enfrentamos juntos, com a finalidade de obter melhores e eficientes resultados. Ressalta-se que este foi o primeiro curso técnico ofertado com esta terminalidade no país, gerado e gerador de muitos debates.

Anteriormente, no final do ano de 2011, em reunião com os conselheiros do Conselho Federal de Biblioteconomia realizada no IFRS/POA, a equipe diretiva, coordenação e professores do Curso Técnico de Biblioteconomia, apresentaram o histórico e desempenho do curso nos últimos cinco anos, com a participação de alunos egressos, que relataram suas experiências exitosas no mundo do trabalho. Atualmente encontra-se na Câmara Federal, o Projeto de Lei 6038/2013, que regulamenta o exercício profissional do Técnico em Biblioteconomia.

Acompanho o curso de Meio Ambiente, desde sua criação, em 1996, também um dos precursores nacionais, como integrante do grupo de professores que estudou e realizou a sua implantação, originalmente denominado como “Controle e Monitoramento Ambiental”. Com o advento da LDB nº 9392/96, com os docentes deste curso na elaboração dos conteúdos mínimos que se constituiriam como referência

aos cursos desta área a serem implantados, posteriormente, no Brasil, em decorrência da referida legislação.

Sendo assim, através deste trabalho, foram investigados os resultados da ação dos cursos de Biblioteconomia e Meio Ambiente, por intermédio dos seus egressos e de sua realidade profissional, ambos os cursos em oferta precursora nacionalmente.

## 5 ENSINO PROFISSIONAL E DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA: A FALA DOS ALUNOS

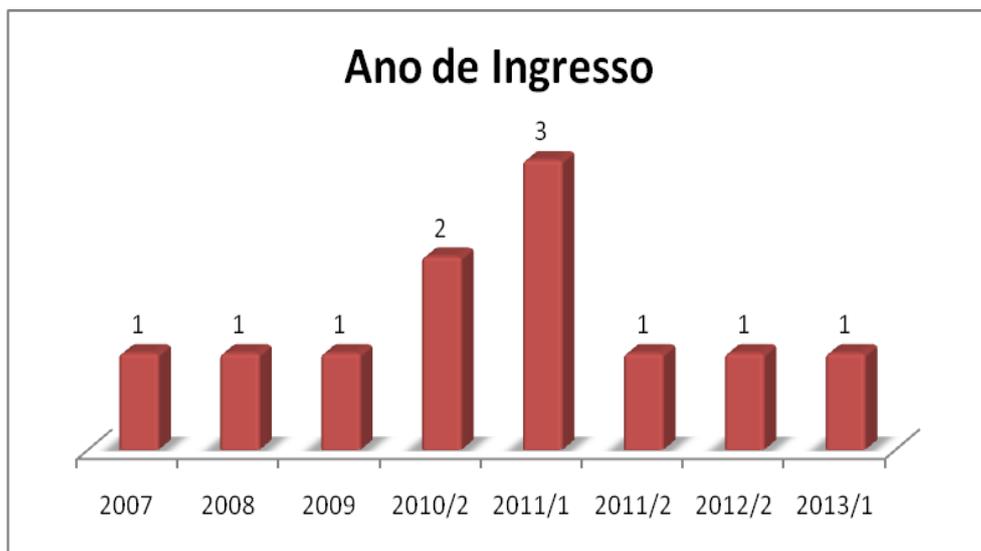
### 5.1 Análise dos questionários

[...] existe uma assimetria lógica entre verificação e falsificação: bilhões e bilhões de confirmações não tornam certa uma teoria [...] a de que “todos os pedaços de madeira boiam na água” ao passo que apenas um fato negativo “este pedaço de ébano não boia na água” falseia a teoria, do ponto de vista lógico (POPPER, 2011, p. 66, grifos do autor).

Um dos obstáculos a ser superado neste estudo, bastante recorrente em trabalhos desta natureza, foi a dificuldade em obter o retorno dos instrumentos de pesquisa. Foram encaminhados 68 questionários, sendo que destes 49 para o Curso de Biblioteconomia, cujo ingresso ocorre duas vezes ao ano; e 19 para o Curso de Meio Ambiente, cujo ingresso é anual. Retornaram nove (9) questionários do Curso Técnico em Biblioteconomia e dois (2) do Curso Técnico em Meio Ambiente.

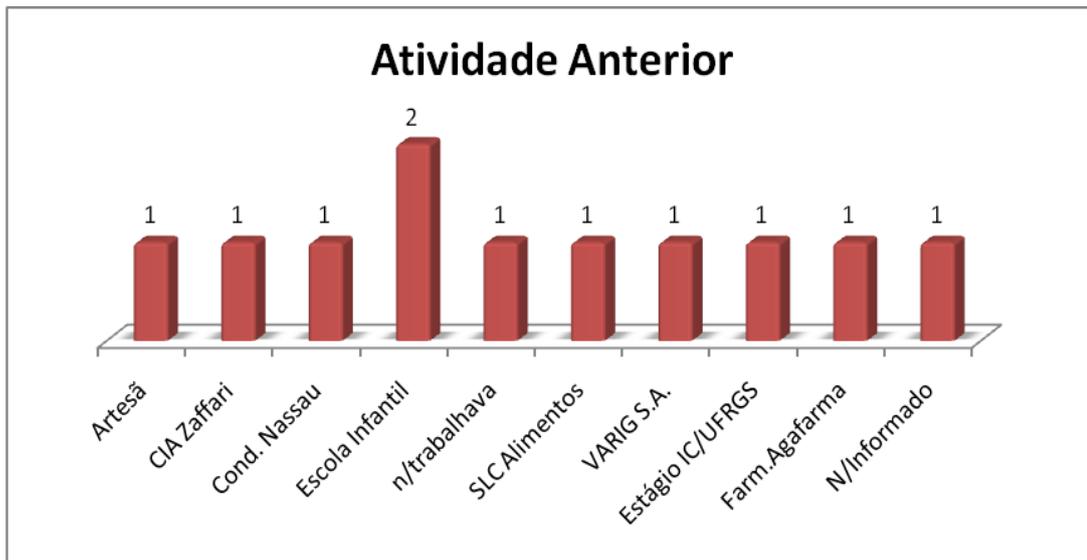
Os gráficos a seguir apresentam o grupo de alunos respondentes, num total de onze (onze) e ilustram os seguintes aspectos: ano de ingresso (gráfico 1), atividade anterior (gráfico 2), ano de conclusão (gráfico 3) e atividade atual (gráfico 4), com a finalidade de introduzir a análise dos questionários e as reflexões efetuadas.

Gráfico 1 – Ano de Ingresso



Fonte: Produzido pela autora em 2014.

Gráfico 2 – Atividade anterior



Fonte: Produzido pela autora em 2014.

Pode-se perceber que os alunos respondentes exerceram diferentes atividades até o ingresso nos cursos, sem relação com as áreas profissionais escolhidas: dois (2) em escola infantil, uma (1) artesã, uma (1) em super mercado, um (1) em condomínio residencial, um (1) numa empresa de alimentos, uma (1) em empresa de aviação, um (1) em universidade, um (1) em farmácia, um (1) não trabalhava e um (1) não informou. Fica evidente o caráter transitório das atividades profissionais exercidas, bem como a pouca formação exigida para o desempenho das mesmas.

Gráfico 3 – Ano de Conclusão



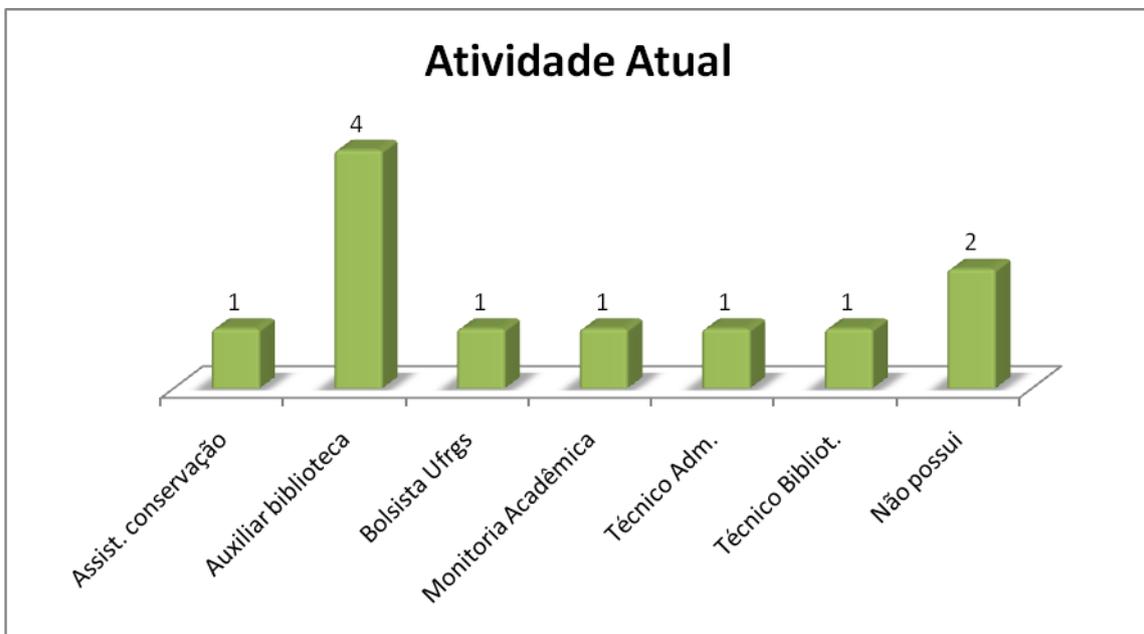
Fonte: Produzido pela autora em 2014.

Observa-se que, a maior concentração de alunos concluintes ocorreu em 2013/2 três (3), a seguir, tanto em 2010, quanto em 2012/1, dois (2) alunos, enquanto que em 2009, 2011/2, 2013/1 e 2014/2 um (1), somente um aluno respondente concluiu o curso técnico.

O exíguo número de egressos dentre os respondentes remete a questões a serem consideradas. Uma delas é a importante evasão que ocorre em determinados cursos, como o de Meio Ambiente. Pesquisas e levantamentos internos apontam que muitos dos alunos que ingressam no Curso Técnico em Meio Ambiente, o abandonam ao entrar em Curso Superior nos semestres subsequentes. Assim, mais do que uma terminalidade, este curso acaba sendo um trampolim para o Ensino Superior.

Outra questão a ser considerada é que, via de regra, ainda que ambos os cursos tenham oferta diurna, seus alunos são trabalhadores, o que dificulta a conclusão de todas as demandas semestrais no prazo de um único semestre.

Gráfico 4 – Atividade Atual



Fonte: Produzido pela autora em 2014.

O gráfico 4 demonstra que as atividades atuais dos(as) alunos(as), após a conclusão do curso, são assim definidas: quatro alunos exercem atividade como auxiliar de biblioteca, um (1) assistente de conservação, um (1) bolsista de universi-

dade, um (1) monitoria acadêmica, um (1) técnico administrativo, um (1) técnico em biblioteca, dois (2) sem ocupação.

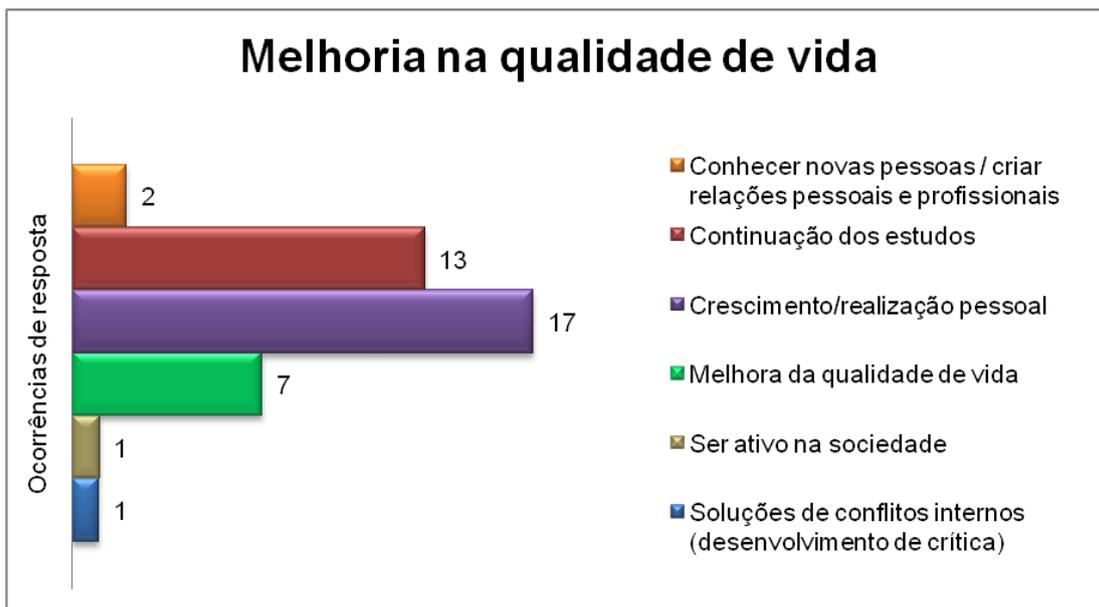
Isso permite observar que a conclusão dos Cursos Técnicos qualifica as oportunidades de inserção profissional, pois apenas dois dos onze respondentes permanecem aguardando colocação. Mais ainda, as atividades desenvolvidas se articulam aos cursos concluídos.

As categorias de análise aqui utilizadas emergem das respostas obtidas nos questionários e resultaram de uma análise criteriosa que pudessem representar as informações trazidas pelos egressos sobre a sua atividade profissional.

Considerando que a investigação qualitativa, envolve criatividade na organização dos dados, para uma análise competente, foram construídas sete (7) categorias, que incluíram todas as afirmativas coletadas nos questionários. São elas:

- |                                   |   |
|-----------------------------------|---|
| 1 - Melhoria na qualidade de vida | 5 - Autonomia e trabalho                          |
| 2 - Atuação profissional          | 6 - Contribuições do técnico                      |
| 3 - Vantagens do curso técnico    | 7 - Intervenções do técnico no mundo profissional |
| 4 - Desvantagens do curso técnico |   |

Gráfico 5 – Melhoria na qualidade de vida



Fonte: Produzido pela autora em 2014.

A categoria melhoria na qualidade de vida, apresenta três aspectos que imediatamente se destacam: o crescimento/realização pessoal, a continuação de estudos e a melhora na qualidade de vida, pelo frequência em que aparecem nas respostas obtidas.

Tais respostas nos permitem perceber a relevância do crescimento e realização pessoal bem como a continuidade dos estudos na vida dos alunos que procuram os cursos técnicos. Permite mais ainda, entender que tais elementos, de alguma forma, reforçam a constituição do ser humano como cidadão, como cidadão produtivo e dono do seu destino, pois

O homem distingue-se dos animais porque não tem sua existência garantida pela natureza. Assim, se os animais se adaptam à natureza, os homens têm de fazer o contrário: adaptar a natureza às suas necessidades. Eis por que Marx e Engels (1974, p.19) constataram que o homem se constitui como tal quando começa a produzir seus próprios meios de vida, ou seja, quando começa a trabalhar. E o trabalho não é outra coisa senão uma atividade especificamente humana pela qual o objetivo que é antecipado mentalmente se realiza praticamente (SAVIANI, 2013, p. 243).

Gráfico 6 – Atuação profissional



Fonte: Produzido pela autora em 2014.

A categoria atuação profissional, evidencia que se destaca o item qualificação e preparo para o mercado de trabalho, citado dezoito vezes. O item crescimento /realização profissional bem como ambições e perspectivas de trabalho foram cita-

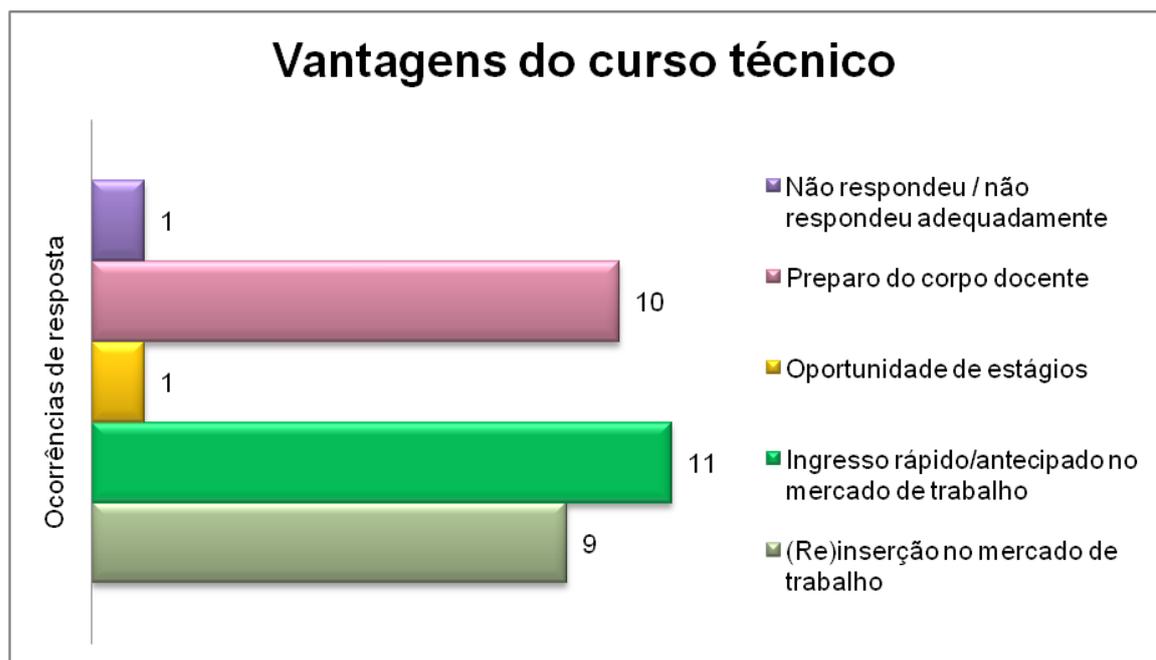
dos oito vezes. Ainda que tais constatações indiquem a qualidade da formação para inserção profissional e o sucesso da mesma, apenas cinco vezes são apontados resultados financeiros. Dificuldades como exigência de experiência anterior, pouca oferta de emprego na área foram citados uma vez.

As últimas constatações permitem indagar se os cursos atendem efetivamente os arranjos produtivos locais e se os arranjos produtivos estão articulados para receber os alunos egressos de cursos técnicos, permanecendo eles próprios dispensados de ofertar formação em serviço.

As políticas educacionais públicas e de qualidade, mantidas pelo Estado, deverão garantir condições de superação social e econômica que se observa no Brasil entre as classes com acesso a educação pública, destinada precipuamente a efetuar as mudanças estruturais na sociedade brasileira, ainda fortemente caracterizada pela manutenção de privilégios e descaso com a educação. A este respeito, afirma Freire,

O desemprego no mundo não é, como disse e tenho repetido uma fatalidade. É antes o resultado de uma globalização da economia e de avanços tecnológicos a que vem faltando o dever de ser uma ética realmente a serviço do ser humano e não do lucro e da gulodice irrefreada das minorias que comandam o mundo (FREIRE, 2011, p.133).

Gráfico 7 – Vantagens do curso técnico



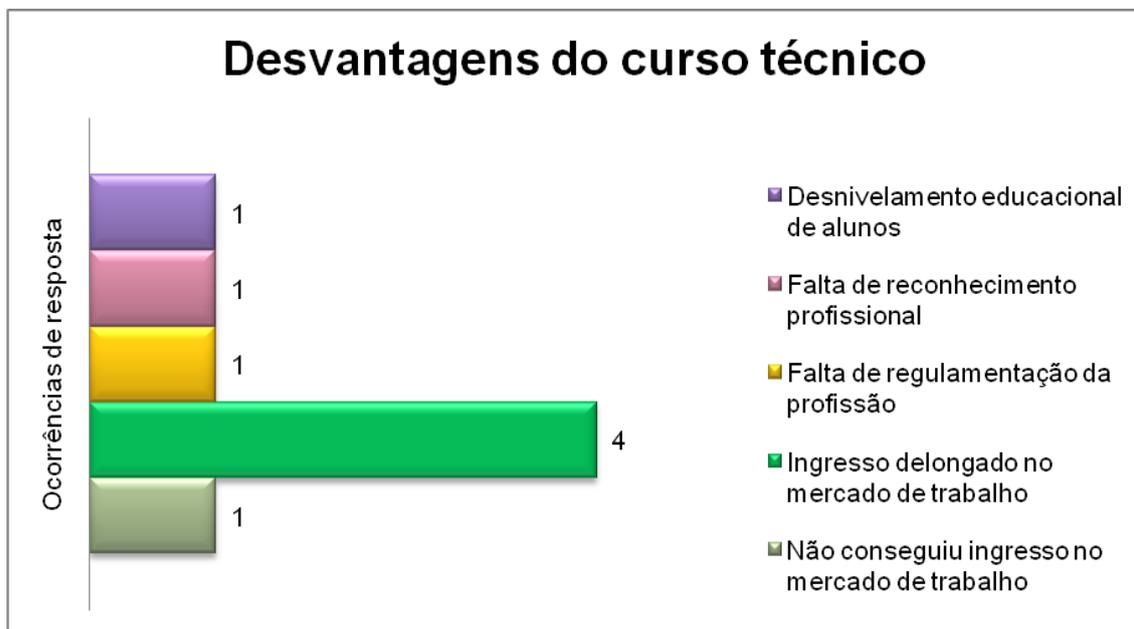
Fonte: Produzido pela autora em 2014.

A categoria vantagens do curso técnico, destaca o ingresso rápido e (re)inserção no mercado de trabalho, bem como o preparo do corpo docente, como fatores significativos da realização de seus cursos técnicos. Ao mesmo tempo em que os alunos trabalhadores valorizam a formação recebida, oportunizada pela competência de seus professores, verifica-se que tanto o ingresso quanto a (re)inserção no mercado de trabalho são apontadas vinte vezes pelos respondentes.

No entanto, cumpre ressaltar o item oportunidade de estágios, principalmente com referência ao curso técnico de Meio Ambiente, como um fator de dificuldade para alunos que precisam realizar o curso com um aporte financeiro que o ajude a manter seus estudos e contribuições às despesas de sua família. Ainda que esta área de conhecimento conste das agendas atuais, há dificuldade em encontrar estágios e

[...] deve-se levar em conta os conteúdos revestidos de atualidade e que compõem os diversos campos do conhecimento e que são indispensáveis para que o trabalhador possa entender a sociedade e ao mesmo tempo integrar-se nela pelo trabalho na medida em que ele domine suas formas de aplicação prática (KUENZER, 2011, p.192).

Gráfico 8 – Desvantagens do curso técnico



Fonte: Produzido pela autora em 2014.

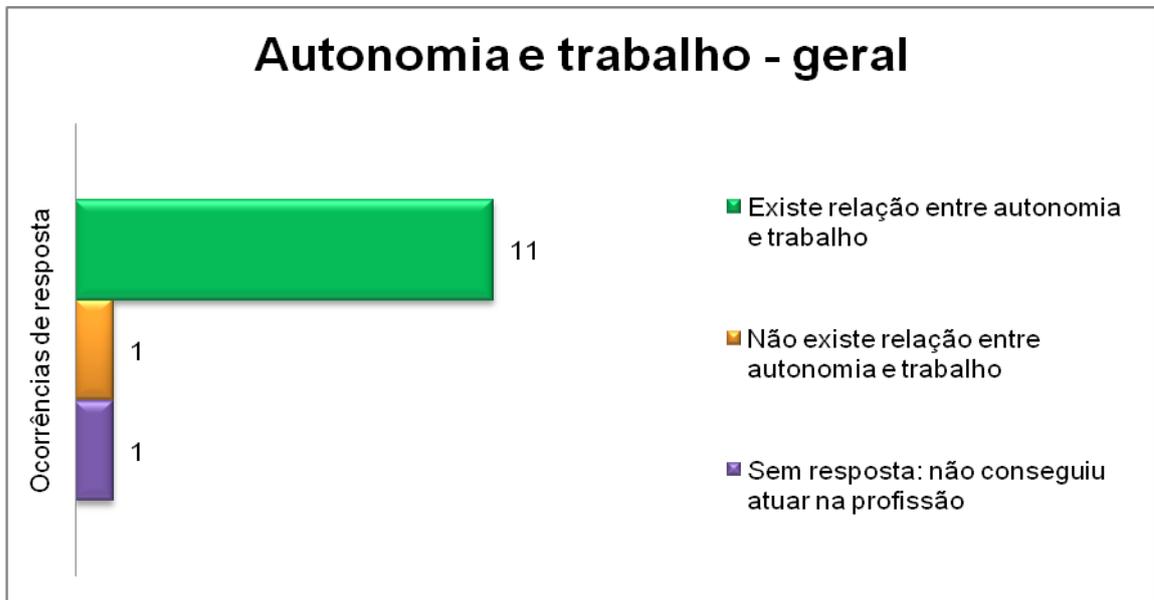
Nesta categoria desvantagens do curso técnico, constou em destaque o item ingresso prolongado no mercado de trabalho, como um fator importante a ser consi-

derado, tendo em vista todas as urgências dos alunos trabalhadores que de imediato pretendem atuar no setor produtivo ou através da obtenção de uma vaga para estagiar durante o curso técnico ou após completar os seus estudos.

Também a falta de reconhecimento profissional e a falta de regulamentação da profissão se constituem como fatores que preocupam os alunos de cursos assim como a Biblioteconomia que aguardam o reconhecimento da atividade de técnico.

O trabalho, direito inalienável do homem e, principalmente, como um componente essencial da vida de qualquer ser humano em suas relações com os seus semelhantes e com a natureza, pressupõe oportunidades que precisam ser oferecidas pelo mundo do trabalho, pois como bem nos alerta Freire, “entre as transgressões à ética universal do ser humano sujeitas à penalidade, deveria estar a que implicasse a falta de trabalho a um sem-número de gentes, a sua desesperação e a sua morte em vida” (2011, p. 128).

Gráfico 9 – Autonomia e trabalho - geral

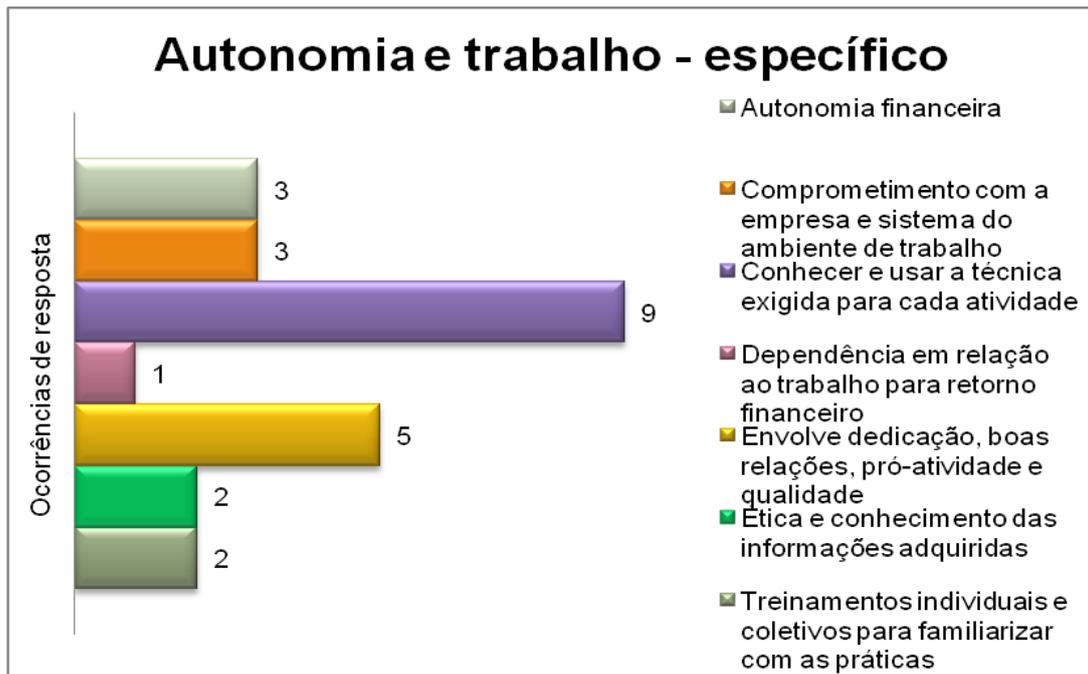


Fonte: Produzido pela autora em 2014.

A categoria autonomia e trabalho, apresentou um total de onze vezes a relação existente entre autonomia e trabalho pelos respondentes, reforçando a constatação que cada vez mais se efetue a formação técnica oportunizando experiências pedagógicas, que contribuam para o efetivo desenvolvimento de profissionais que saibam “*andar com as próprias pernas e ainda escolher o caminho*”, segundo um dos alunos.

Também cabe considerar que o egresso sem resposta, porque não conseguiu atuar na profissão, nos deixa a reflexão do quão penoso se torna para o trabalhador que se qualifica para uma determinada área profissional e que não consegue se incorporar à nova força produtiva por ele almejada.

Gráfico 10 – Autonomia e trabalho – específico



Fonte: Produzido pela autora em 2014.

Em relação às questões específicas mencionadas nesta categoria, interessante assinalar a compreensão sobre o predomínio de ocorrências havidas, são constatadas tanto em termos formativos: comprometimento, dedicação, ética, assim como aspectos cognitivos sobre o conhecimento e o uso da técnica para a realização de atividades profissionais.

Desta forma, pode-se concluir que as práticas pedagógicas desenvolvidas nos cursos profissionais devem auxiliar no desenvolvimento da autonomia dos aprendentes que integrarão o coletivo social, de modo cada vez mais qualificado.

Na atualidade é cada vez maior a exigência de maior escolaridade, em função da necessidade de pessoal mais qualificado para diferentes ocupações, do processo produtivo, que continua a atrair milhares de jovens que procuram se qualificar através dos cursos técnicos, para obterem uma vaga de trabalho num curto espaço de tempo.

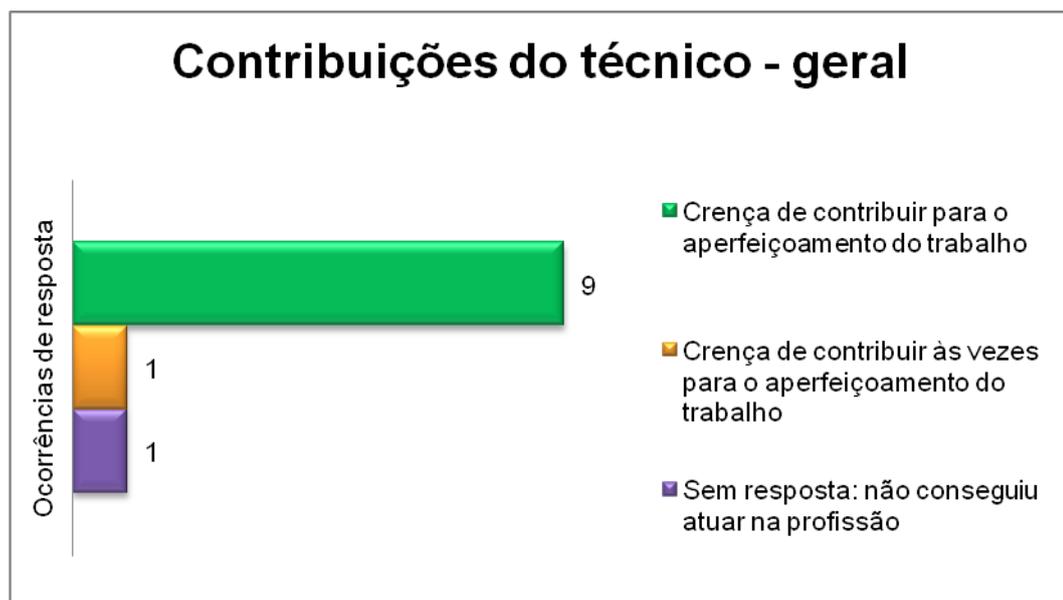
No entanto, Frigotto destaca com muita propriedade “[...] que não se pode tomar a Educação Profissional como política focalizada nem de geração de emprego, nem como preventiva do desemprego e estratégia para nos integrarmos no mundo globalizado” (2001, p. 83), pois nestes tempos de globalização, causadora maior da ampliação do desemprego e da precarização do trabalho, resulta em aflição e desespero a milhares de trabalhadores, possuidores de sua força de trabalho para a sobrevivência de si e de seus familiares.

As novas demandas da Educação Profissional exigem cada vez mais o domínio de categorias teórico-metodológicas, que envolvem trabalho intelectual, e, conseqüentemente os capacita a intervir no cotidiano de seu fazer laboral.

O permanente movimento de homens e mulheres que, conscientes de suas contribuições laborais são capazes de agir com a finalidade de construir a história com os seus semelhantes, se abrem ao mundo como,

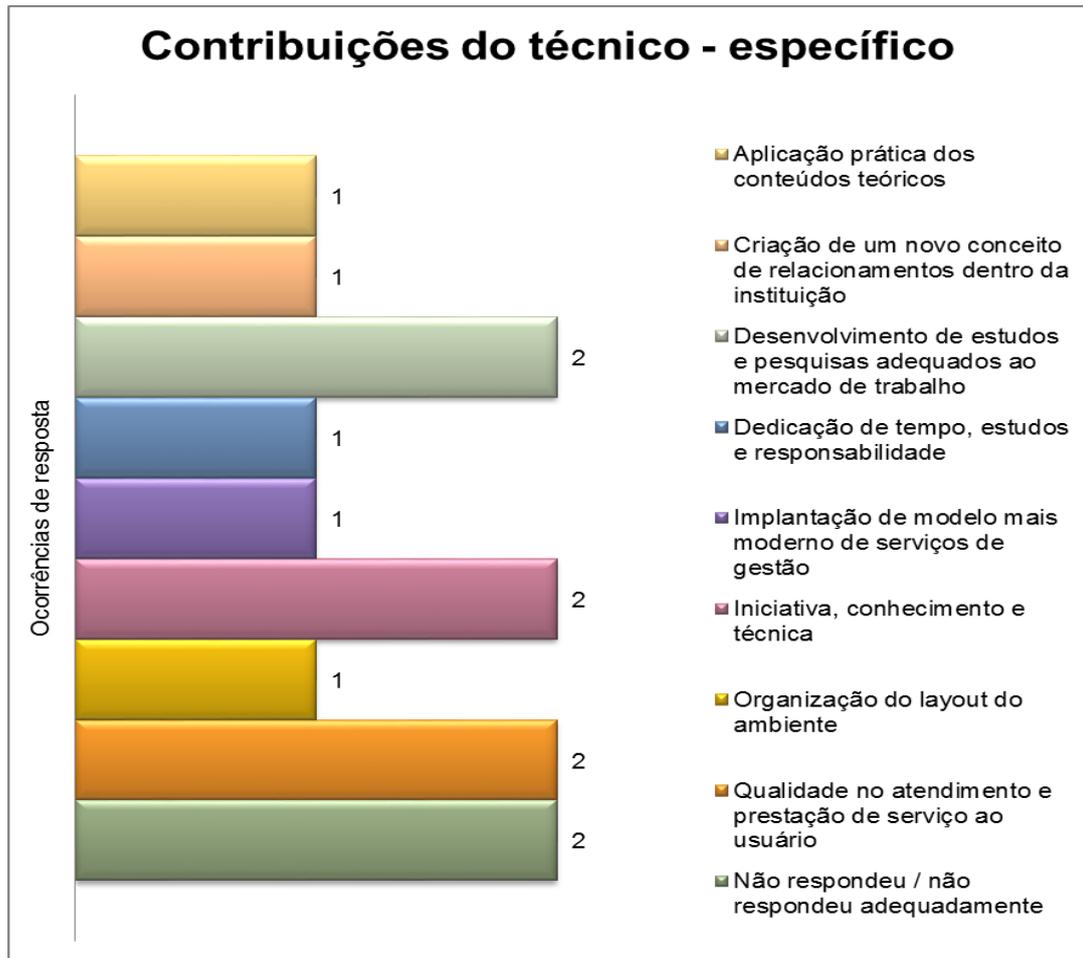
[...] “programados, mas para aprender” e, portanto, para ensinar, para conhecer, para intervir, que me faz entender a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos (FREIRE, 2011, p. 142, grifo do autor).

Gráfico 11 – Contribuições do técnico – geral



Fonte: Produzido pela autora em 2014.

Gráfico 12 – Contribuições do técnico – específico



Fonte: Produzido pela autora em 2014.

A categoria contribuições do técnico, através dos gráfico 11 e 12, apresentou duas situações bem definidas pelos respondentes:

- ✓ primeiramente registrou com muita clareza a manifestação de certeza dos respondentes em sua contribuição no sentido de aperfeiçoamento do trabalho em sua área profissional;
- ✓ em segundo lugar, salientam desenvolvimento de estudos e pesquisas adequados ao mercado de trabalho, iniciativa, conhecimento e técnica, qualidade no atendimento e prestação de serviço ao usuário;
- ✓ cabe destacar também os aspectos de aplicação prática de conteúdos teóricos, a criação de um novo conceito de relacionamento na instituição, a dedicação de tempo, estudos e responsabilidade, im-

plantação de modernos serviços de gestão e organização dos espaços de trabalho.

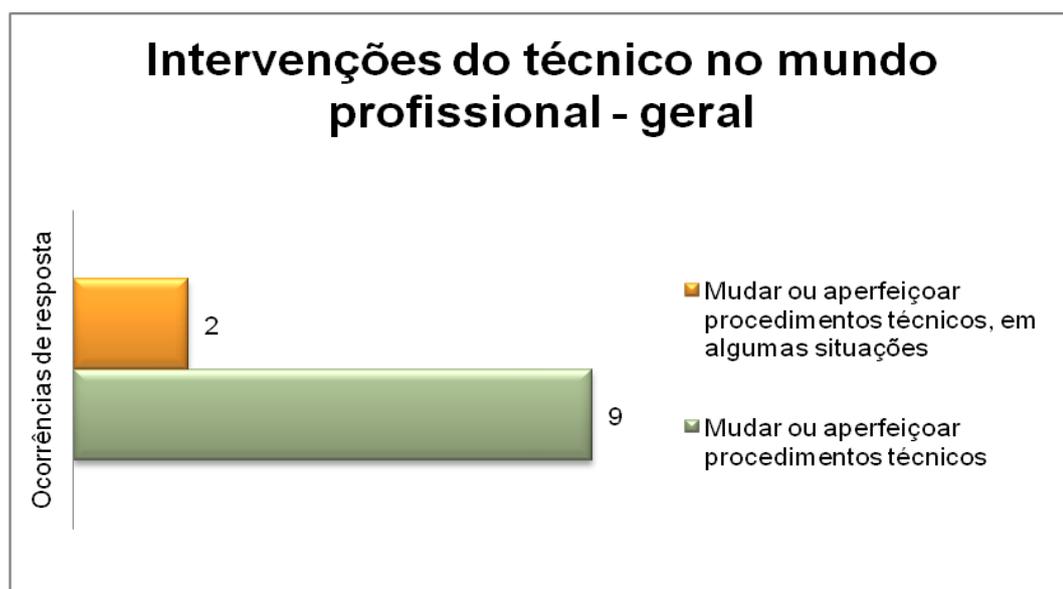
Através das informações dos alunos sobre os seus experiências laborais em sua área profissional, percebe-se como muito bem nos aponta Kuenzer (2011) que no trabalho humano “[...] se articulam teoria e prática, como momentos inseparáveis e dialeticamente relacionados, do processo de construção do conhecimento e de transformação da realidade” (p.184).

Os egressos, ao trabalhar, demonstram em seus fazeres profissionais, a sua competência em aliar as duas dimensões do trabalho: intelectual e de trabalho manual ou instrumental, que Gramsci (1978) indica como inseparáveis.

De acordo com este pensador, não existe atividade humana da qual se exclua atividade intelectual, ou atividade intelectual que não o exija algum esforço físico, ou como afirma o autor *“não se pode separar o homo faber do homo sapiens”* (p.6-8).

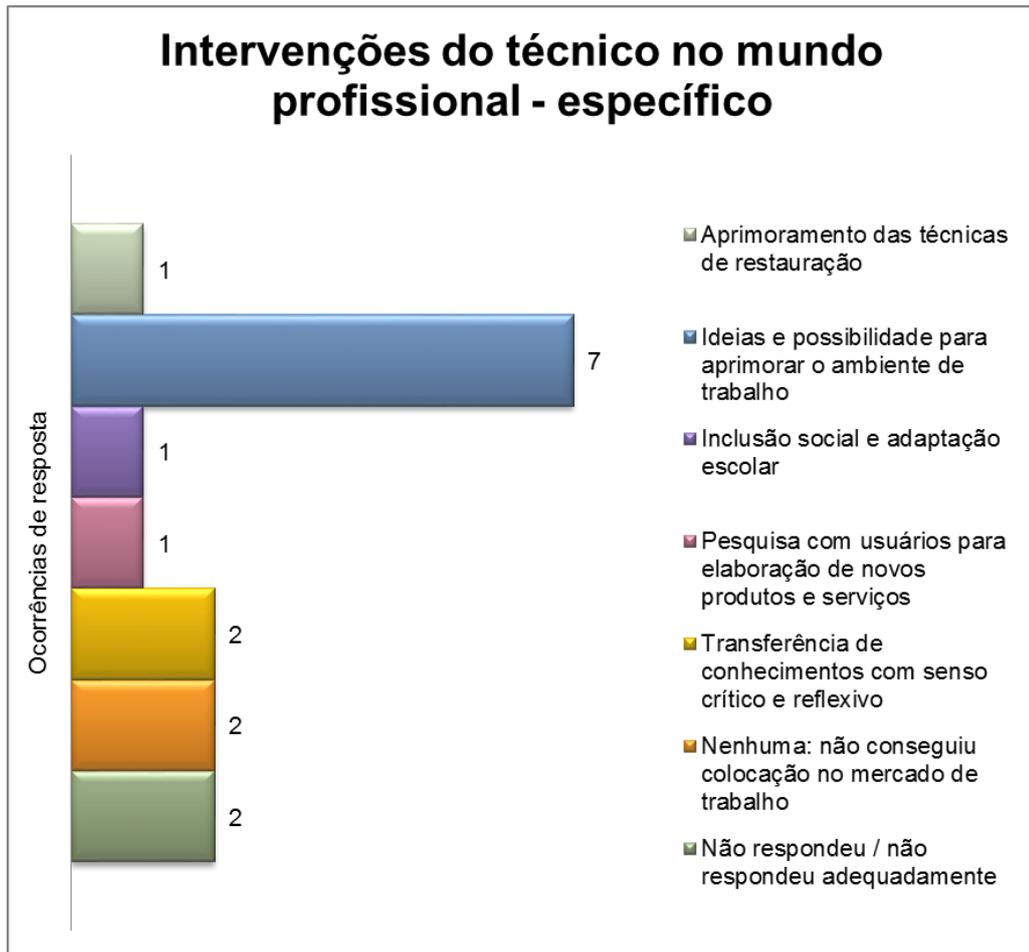
O trabalho constitui-se, por ser elemento criador da vida humana, num dever e num direito. Trata-se de apreender que o ser humano enquanto ser da natureza necessita elaborar a natureza, transformá-la pelo trabalho, em bens úteis para satisfazer as suas necessidades vitais, biológicas, sociais, culturais. Mas é também um direito, pois é por ele que pode recriar, reproduzir permanentemente sua existência humana (FRIGOTTO, 2001, p. 74).

Gráfico 13 – Intervenções do técnico no mundo profissional - geral



Fonte: Produzido pela autora em 2014.

Gráfico 14 – Intervenções do técnico no mundo profissional - específico



Fonte: Produzido pela autora em 2014.

Em relação aos gráficos 13 e 14, que representam a categoria intervenções do técnico no mundo profissional, observa-se o seguinte:

- a) sobre as intervenções do técnico no mundo profissional: que os respondentes confirmam contribuir tecnicamente para mudar ou aperfeiçoar procedimentos em seu campo de trabalho;
- b) quanto ao tipo de intervenções do técnico no mundo profissional, os respondentes relacionaram: ideias e possibilidades para aprimorar o ambiente de trabalho, transferência de conhecimentos com senso crítico e reflexivo, aprimoramento das técnicas de restauração, pesquisa com usuários para elaboração de novos produtos e serviços;
- c) não conseguiu colocação no mercado de trabalho, não respondeu, não respondeu adequadamente.

O desenvolvimento de um projeto educacional comprometido com os valores da cidadania plena implica a crítica aos padrões de produção e consumo, o desenvolvimento de tecnologias que não degradem o meio ambiente, de forma a ampliar a qualidade de vida e a dar novo significado à existência humana (TREIN, 2010, p. 67).

Os tempos que transcorrem neste início de milênio e que se caracterizam pela globalização e pela ampliação do desemprego, é marcado pelo avanço científico e tecnológico que privilegia uma parcela restrita da sociedade em detrimento de tantos seres humanos que não possuem elementares condições de vida. Os alunos que buscam a Educação Profissional de nível técnico, como explicitado anteriormente, anseiam pela inserção laboral e tem nessa formação a via de acesso à melhores condições de vida.

## 5.2 Análise das entrevistas

A escolha desses alunos considerou que um deles foi aluno do PROEJA, continua seus estudos em grau superior, já é concursado e atua como auxiliar de biblioteca no IFRS/POA, e a outra egressa foi a primeira portadora de cegueira a concluir seus estudos também nesta instituição.

*Trabalhar com autonomia, estou longe do ideal do que eu desejo para mim mesma [...] (Entrevistada 1)*

*[...]*

*Trabalho: dignifica, engrandece, cria expectativas e gera possibilidades de crescimento (Entrevistado 2)*

### Falas nº 1

*“Cada um tem o seu tempo, tenho muito a alcançar em termos de liberdade e autonomia” (ENTREVISTADA 1).*

*“[...] o meu primeiro trabalho como cega, me senti útil, mais realizada, mais autônoma..... fui me espalhando..... foram me dando turmas para contar histórias, uma, duas, três.....até ter toda escola” (ENTREVISTADA 1).*

*[...] voltei para a faculdade, sou eu que pago a minha faculdade, podendo adquirir bens materiais, pude adquirir outros bens materiais, e pretendo comprar um gravador de voz..... as portas foram se abrindo” (ENTREVISTADA 1).*

Ao refletir sobre estas afirmações, realizadas pela aluna cega, percebe-se a diferença que a formação técnica teve na sua vida, como que abrindo uma porta para um mundo novo de emancipação e realização pessoal. A ação pedagógica essencial na sua formação foi o oferecimento de condições variadas e criativas que lhe permitiram avançar em escolaridade, tornando-a capaz de conquistar a sua autonomia, no seu tempo próprio.

O trabalho pedagógico, como um ato democrático, ao ser vivenciado em todos os momentos de seu desenvolvimento, deverá considerar, que ao aprender “[...] os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado [...]” (FREIRE, 2011, p. 28).

Professor e aluno, como sujeitos de um processo dialógico permanente em que ambos trocam experiências, no ensinar e aprender ao mesmo tempo, em que o conhecimento é construído, em que está presente o respeito aos saberes trazidos pelos aprendentes, a interpretação de seus gestos e silêncios. Como afirma Freire, “o educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele” (FREIRE, 2011, p.111).

Importante consideração de Freire, num mundo em que se vive num processo denominado por ele de “burocratização da mente”, um estado de estranheza de nossa mente e corpo, que se acostumam diante de situações que se configuram como imutáveis, irreversíveis e que só poderiam ocorrer desta forma, determinadas a serem assim, ao invés de se constituírem como desafiadoras, nos possibilitando, portanto, decidir por uma prática de educação humanizadora.

A egressa explicita muito bem a sua satisfação pessoal, movida pela sua férrea vontade, de se libertar, pois para ela o sentir-se autônoma, ao expressar “fui me espalhando”, impressionam e sugerem associação com a

autonomia da vontade é aquela sua propriedade graças à qual ela é para si mesma a sua lei [...] O princípio da autonomia é portanto: não escolher senão de modo a que as máximas da escolha estejam incluídas simultaneamente, no querer mesmo, como lei universal (KANT, 2007, p. 85).

#### Falas nº 2

*“[...] fui descobrindo que eu poderia fazer uma porção de coisas, contando história para as crianças do hospital, me redescobrimo, quanta coisa posso fazer” (ENTREVISTADA 1).*

*“[...] imagina quando do eu me formei, diante de um mercado de trabalho, não me via trabalhando, porque quando eu trabalhei em biblioteca eu enxergava” (ENTREVISTADA 1).*

O processo da descoberta permeia a existência humana desde sempre, diariamente o mundo em suas diferentes dimensões nos espanta e nos emociona com o viver em interação mútua e progressiva com o meio, em que nos recriamos e nos transformamos. É ainda Freire que fala: “[...] saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando [...]. As qualidades ou virtudes são construídas por nós no esforço que nos impomos para diminuir a distância entre o que dizemos e o que fazemos” (2011, p.63).

#### Fala nº 3

*“[...] no setor educacional do meu colégio, as pessoas são perversas, estou refletindo sobre isto [...]” (ENTREVISTADA 1).*

“A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a auto-reflexão crítica” (ADORNO, 1995, p.121).

A exemplo de tantos outros pensadores, também Adorno (1995) defendeu que a educação tivesse por fundamentos a articulação, no sentido de formação de indivíduos capacitados a pensar com rigor e autonomia, para a construção de um ser humano emancipado.

A egressa, diante desta situação “de perversidade” enfrentada, reflete sobre este assunto, num movimento ou reação de assujeitamento, que segundo este filósofo, seria um dos elementos que deveria estar presente na prática educativa, pois se constitui em preparar a pessoa para resistir. Resistir ao assujeitamento.

Assim como Adorno, nesta mesma direção, Freire (2011) aponta que a práxis se constitui, como sendo a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para poder modificá-lo, e superar a contradição opressor-oprimido.

A gravidade da afirmativa impressionava, a tristeza no tom de sua voz fica repetindo para mim.

Continuação da fala nº 3

*“[...] as pessoas são perversas.... as pessoas são perversas [...]”, e continuava sua narrativa, dizia: “[...] não estavam satisfeitas com as histórias”, que contava para os alunos, “mas não tinham a coragem e a sinceridade de falar”, ao contar-me eleva o tom de sua voz, “meu nível é inferior, sou subalterna”, tentou ela explicar para as colegas, “mas não adiantou, houve desarmonia.....foi minando a minha vontade de trabalhar, conversei com a diretora duas vezes, quando entrei em 2012 e quando saí, com você é a primeira pessoa que estou falando, me senti várias vezes oprimida” (ENTREVISTADA 1).*

A narrativa acima evidencia como, numa instituição educacional, num ambiente como a biblioteca, ocorrem situações de absoluta incompreensão com a dificuldade de quem não enxerga. A própria exclamação “meu nível é inferior, sou subalterna”, tenta mostrar às suas colegas o seu próprio grau de dificuldade ou a dificuldade delas. Mas não conseguiu sensibilizá-las, tudo continuou como estava com os seus pares. Será que as colegas tinham consciência do que estavam causando a um ser humano que sente, os olhares, os gestos, as manifestações não explicitadas, mas não menos percebidas?

Associo a situação acima, com um pensamento de Freire em que compara a libertação dos homens com o parto: “A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos” (FREIRE, 2011, p. 48).

A opressão causada no ambiente profissional, neste caso, pelas colegas de trabalho da egressa, revela uma realidade que para ser alterada necessita que estas se reconheçam como opressoras, se conscientizem de suas ações opressoras, através da escuta dos gestos, das falas, superando a ausência de diálogo ou substituindo a forma de diálogo arrogante, que intimida para uma relação dialógica de humildade com o outro.

O “homem novo” pelo qual os educadores não poderão nunca desistir de auxiliar a formar deverá ser aquele capaz de reconstruir a realidade histórica de seu tempo, comprometido com a vida de seus semelhantes, independente do lugar de sua atuação profissional, pois “[...] que se faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta

por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e se refará” (FREIRE, 2011, p. 43).

Fala nº 4

*“[...] terei contato com eles”, os menores infratores, “através da contação de histórias e organização da biblioteca, incentivando a leitura, eles tem idade, mas pouca escolarização..... não é trabalho..... é missão ..... e que Deus me abençoe! - (muito séria ..... sorri, emocionada tanto como eu) (ENTREVISTADA 1).*

Os saberes obtidos em suas experiências como aluna e profissional servirão ao seu próximo trabalho, dito , por ela “não é trabalho é missão”, demonstrando sua preocupação em contribuir seriamente como educadora, ciente de suas responsabilidades diante destes meninos infratores antes que se desliguem da instituição. Dividirá com eles o seu afeto, numa relação humanizadora, dialógica, ouvindo-os atentamente, ajudando-os em seu processo de libertação para uma nova vida.

A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. Na verdade, seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em tal movimento. É nesse sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros (FREIRE, 2011, p.56-57).

Freire postula uma educação fundamentada em valores humanistas, que serão praticados por homens e mulheres numa perspectiva social, reconhecendo-se como seres responsáveis pela construção histórica do mundo, com perseverança e intenção consciente de mudar a sua própria existência e a de seus semelhantes, livres do indiferencismo e da desesperança.

A esperança crítica é que deverá orientar os caminhos a serem trilhados, fundamentados na prática, para que possa concretizar-se. Homens e mulheres conscientes de sua inconclusão, precisam compreendê-la não como uma impossibilidade de agir, mas transformá-la num ato político de transformação do mundo.

A egressa buscará a “libertação” dos menores infratores, através de sua práxis, que buscará pelo “conhecimento e reconhecimento” dos menores infratores, que lhe darão os motivos de lutar por eles, oprimidos em sua dor e abandono, a egressa conclui “não é trabalho ...é missão”, como tão bem afirma Freire “[...] será um ato

de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores [...]” (2011, p. 43) Em sua práxis, a egressa atuará como alguém que se acostumou a lutar, não enxerga, mas empregará a sua experiência como uma pessoa inteira, também ela em movimento contínuo de libertação.

A segunda entrevista foi realizada com egresso também do Curso Técnico de Biblioteconomia, denominado como Entrevistado 2:

Fala nº 1

*“[...] já trabalhei como zelador, não desqualificando a função, mas as atividades”, falando sobre as atividades atuais, “e a satisfação pessoal, tem um sabor”. A expressão da sua fisionomia muda, os seus olhos brilham, “possuem um grau de complexibilidade maior, é a escalada da evolução do ser, ao invés de trabalhar pelo sustento, pela troca da moeda pelo labor, tem um sabor humano” (ENTREVISTADO 2).*

A constatação de seu desenvolvimento, num momento de alegria (sua expressão ilumina-se, vibro também), através da execução de atividades com *“um grau de complexibilidade maior”*, que possibilitam o alcance de um novo patamar como ser humano, ao trabalhar e orientar o usuário da biblioteca.

Cabe destacar nesta citação do entrevistado 2, *“ao invés de trabalhar pelo sustento, pela troca da moeda pelo labor”*, complementando seu pensamento anterior sobre a evolução do ser humano, penso em leituras feitas de Hannah Arendt (2008), sobre o trabalho e o labor, em que associa o labor com o processo biológico do corpo humano, as necessidades vitais da existência. Além do labor, qualificado pela filósofa como *“animal laborans”*, o trabalho produz artifícios, objetos, diferenciados do mundo animal é o *“homo faber”*. E por último, ocorre a ação, que ocorre somente entre os homens, sem que ocorra mediação das coisas e da matéria, pois neste mundo habitado por homens, o homem de ação sempre irá depender de seus semelhantes, daí a sua característica de pluralidade.

*“[...] todas as atividades sérias, independentemente dos frutos que produzam, são chamadas de <<trabalho>>, enquanto toda a atividade que não seja necessária, nem para a vida do indivíduo nem para o processo vital da sociedade, é classificada como lazer” (ARENDDT, 2008, p.139).*

## Fala n.º 2

*“Acredito que sim, nesta parte de cultura, a sociedade te vê melhor, tu és um cidadão”, em comparação com o tempo de desempregado (ENTREVISTADO 2).*

Na percepção do egresso, ao trabalhar o indivíduo passa a ser considerado como cidadão, pois passa a ser um sujeito participativo de socialmente, que difere do tempo de desempregado.

No processo do trabalho, o homem desenvolve um saber social, experimentando, analisando, refletindo, descobrindo, criando um conjunto de formas próprias de “fazer”, e, na medida em que transforma as circunstâncias, transforma a si próprio também, inclusive pelas interações realizadas no interior do processo produtivo. Na medida em que o homem descobre que mundo é seu também, através do seu esforço de reflexão que efetua sobre si e sobre este mundo em que habita, percebe “[...] que o seu trabalho não é a pena que paga por ser homem, mas um modo de amar – e ajudar o mundo a ser melhor” (FREIRE, 2013, p.181).

Neste sentido, cabe referir as considerações feitas por Frigotto sobre o resgate do trabalho, propriedade e tecnologia, como dimensões essenciais de criação da vida humana, salientando a Educação Profissional, pública, de qualidade, como um direito “subjetivo” de cada ser humano como,

“[...] formadora de sujeitos autônomos e protagonista de cidadania ativa e articulada a um projeto de Estado radicalmente democrático e a um projeto de desenvolvimento sustentável” (2001, p. 33).

Sendo assim, pode-se inferir a respeito desta abordagem de Frigotto, que a Educação Profissional, possui uma função essencial pertinente ao processo de formação do trabalhador, como cidadão “emancipado”, ciente de suas responsabilidades e de seus direitos.

## Fala n.º 3

“Biblioteca, é como uma célula, trabalho para nós é fazer parte de algo e contribuir e vem o retorno, fazendo parte, estar investindo no tempo” (ENTREVISTADO 2).

Esta afirmativa do aluno, ao fazer associação entre biblioteca e uma célula, reportou-me aos estudos sobre Bronfenbrenner, pois sua concepção teórica compreende uma visão sistêmica do desenvolvimento humano, assim como “[...] o funcionamento da natureza e sua interdependência funcional entre os organismos vivos e seu ambiente” (1996, p. 7). Através do conteúdo desta colocação do entrevistado 2, percebe-se que seu desenvolvimento, de acordo com Bronfenbrenner “[...] molda-se, muda e recria o meio no qual se encontra. O ambiente também exerce influência de mútua interação” (1996, p. 7).

Assim como na natureza, segundo este pensador, as estruturas interacionais estão encaixadas uma na outra e guardam entre si influências, relações, interações, atividades, contextos, criando redes que se ampliam e se aprofundam durante toda a vida humana. O egresso, em sua fala, descreve a interação mútua que se processa entre ele e o meio em que se encontra - a biblioteca, num permanente e criativo ato de construção e de troca, se cria, se recriam e se transformam mutuamente, como tão bem nos aponta Bronfenbrenner.

A este respeito, também Santos (2007) define “relações recíprocas”, como ecologia, pois a exemplo dos seres vivos, que realizam interações com o meio orgânico ou inorgânico no qual se encontram, da mesma forma, poderão ocorrer relações recíprocas entre o homem e seu meio: moral, social e econômico.

Sendo assim, o papel que a educação assumirá precisará conter duas ações como princípios basilares na sua práxis, a adaptação e a resistência, no sentido de preparar o homem tanto para se adaptar na sociedade, quanto para resistir às formas de assujeitamento, de dominação ou de opressão como tão bem nos descreve Paulo Freire em tantos momentos de sua obra.

Fala n.º 4

*“Reportagem no jornal, contribuiu para pessoas influenciou as pessoas para voltarem a estudar, preciso lutar e ir atrás da oportunidade, uma hora ela aparece...”.*

(publicação na Zero Hora sobre o referido aluno sobre a sua trajetória como aluno do PROEJA).

*“A realização a gente vai atingindo dia a dia, me sinto bem neste caminho, começaria tudo novamente, estar contribuindo para que outras pessoas sigam naquela evolução”.*

Ao examinar esta fala do egresso, relembro tantos e dedicados pensadores e estudiosos de educação no Brasil, assim como Anísio Teixeira, incansável em sua luta pela expansão da escola pública, através da implementação de políticas educativas, que contemplassem educação para todos os brasileiros, através de escolas públicas de qualidade.

A educação profissional possui responsabilidade essencial com a formação de um sujeito capaz de construir sua própria história, mais humana e não apenas mais produtiva.

O egresso do PROEJA, resulta, assim como tantos jovens e adultos, que completaram sua escolaridade mais tarde, pois através de programas como este, são identificadas as demandas dos alunos das classes populares, portadores de saberes que são considerados na prática pedagógica, isto é, nos fazeres dos professores que estruturam o seu trabalho com vistas a formar cidadãos cientes de seus direitos e deveres.

Fazendo-se e refazendo-se no processo de refazer a história, sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres de inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminaram por ter no sonho também um motor da História. Não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança (FREIRE, 1992, p.91).

## 6 INCERTEZAS FINAIS

“É que ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar” (FREIRE, 2011, p. 213).

No momento de encerrar, são muitos os sentimentos que me invadem: finalizo esta dissertação cheia de esperança e expectativa de poder realizar novos trabalhos na área da educação, a partir da experiência do Mestrado, que tanto me motiva para colaborar com os cursos, com os estagiários e com os PcD.

Incertezas, dúvidas, questionamentos também partilham deste momento, que para mim significam uma importante vitória, pois muitas foram as situações vividas e de muita repercussão em minha vida pessoal, que em muitos e contínuos períodos de tempo me impediram de refletir sobre a temática do trabalho e escrever inclusive. Por isso, considero chegar até este momento, após tantos outros momentos de preocupações e tristezas, chegar às incertezas finais conferem alegria e muitas, muitas esperanças e um orgulho infinito em poder “ciente da minha incompletude” duvidar!

Ao retomar os objetivos da pesquisa desta dissertação, a partir do objetivo geral, que teve como intenção:

“Analisar e compreender as significações que os egressos dos cursos de Biblioteconomia e Meio Ambiente, possuem sobre o trabalho que passaram a desenvolver em seus espaços profissionais”, assim como, os objetivos específicos almejam “verificar as compreensões que os egressos de ambos os cursos têm sobre a sua formação como técnicos em seus fazeres no mundo do trabalho” e “a relação de suas condições de trabalho com as expectativas que possuíam anteriormente à realização dos cursos, à melhoria de suas possibilidades laborais”, revelaram-se alguns aspectos interessantes:

- ❖ Os posicionamentos apresentados pelos alunos, indicam aspectos decorrentes da realização do curso técnico tais como: a melhoria da qualidade de vida, o crescimento pessoal, a continuação de estudos, a atuação profissional, definida pela qualificação e preparo para o mundo do trabalho, demonstrando satisfação com o seu crescimento e realização em seu campo de trabalho.

- ❖ A autonomia e a independência para trabalhar, estão associadas ao conhecimento e utilização da técnica exigida para os seus fazeres do cotidiano, que envolvem dedicação, pró-atividade e qualidade.
- ❖ Salienta-se ainda, que em relação ao fator financeiro, este quesito foi assinalado pelos egressos em posição de menor destaque em relação à qualificação profissional, esta sim como prioritária, para o trabalho.
- ❖ Os profissionais egressos dos cursos técnicos, consideram que contribuem para o aperfeiçoamento do trabalho em sua área profissional, no sentido de alterar ou aperfeiçoar procedimentos pertinentes aos seus fazeres, pois revelam crescimento e realização pessoal.
- ❖ O ingresso e a (re)inserção no mundo do trabalho processa-se com rapidez, como uma das vantagens do curso técnico, que relaciona o preparo qualificado do corpo docente, com a mesma importância ou como decorrência desta facilidade de colocação dos alunos, seja através do estágio ou efetivação em instituições públicas ou privadas.

Necessário se faz reconhecer, que ainda temos alunos de ambos os cursos técnicos de Biblioteconomia e Meio Ambiente com problemas em se situar no mundo trabalho, conseguir estágio, durante o curso, por falta de oferta de vagas. O curso de Meio Ambiente, apresenta esta problemática fortemente, muitos são os alunos que dependem de um trabalho para complementar suas despesas pessoais, durante o curso e até de contribuir para o sustento de suas famílias, em muitos casos.

Como compreender esta situação, se considerarmos os programas sociais de amparo aos estudantes, financiados pelo governo federal (material escolar, auxílio cheque, bolsa trabalho), são alguns exemplos de benefícios.

Frigotto destaca com muita propriedade “[...] que não se pode tomar a Educação Profissional como política focalizada nem de geração de emprego, nem como preventiva do desemprego e estratégia para nos integrarmos no mundo globalizado” (2001, p. 83).

De fato, nos tempos contemporâneos, Bauman (1995) assim pronuncia,

[...] no momento em que homens e mulheres jovens ingressam no jogo da vida, ninguém pode dizer como as regras do jogo serão com o passar do tempo [...] [...] o mundo, [...] parece menos sólido do que costumava ser [...], nenhuma forma no mundo a nossa volta, por mais sólida que possa parecer, é imune à mudança (p. 354-355).

Este mundo contemporâneo, marcado pela globalização, pela volatilidade dos empregos, em que os profissionais por mais qualificados que sejam, possuem empregos temporários, que podem desaparecer a qualquer momento.

Neste mundo, tão fragmentado, descontínuo, impermanente de valores, em que homens e mulheres vendem sua força de trabalho ao capital desmedido e voraz, quais são as novas demandas de um Ensino Profissional diante deste cenário que se transfigura permanentemente, sem que se consiga acompanhá-lo e compreendê-lo?

Em Kuenzer (2007), encontro uma afirmativa que talvez possa ajudar a esclarecer, pois

[...] necessária, mas não suficiente a ampliação do trabalho dos profissionais da educação [...] que tenha como finalidade a superação da contradição entre o capital e o trabalho [...] não basta a unificação no âmbito da formação; é preciso que esta se dê a partir das categorias que historicamente têm se construído no campo da pedagogia emancipatória [...] ( p. 4-5).

Através de sua análise, como muita pertinência, a educadora observa sobre a ampliação do trabalho dos profissionais da educação, é necessária, em termos de superação da fragmentação do trabalho pedagógico, através de procedimentos, na tentativa de articular teoria e prática, apesar de insuficiente, para transformar o modo de produção capitalista, origem da divisão.

Será que a práxis pedagógica do ensino profissional, por exemplo, em termos de organização curricular, não se expressa como predominantemente fragmentado, através de áreas e disciplinas autônomas entre si?

Em relação ao problema que foi definido para a realização da pesquisa desta dissertação “*os egressos da Educação Profissional dos cursos de Meio Ambiente e Biblioteconomia, reconhecem a sua formação no nível técnico como capaz de emancipá-los socialmente?*”.

Refletindo sobre a sua abrangência, penso que este trabalho responde em parte, muito mais em termos de autonomia expressa pelos egressos, pelas possibilidades financeiras que reconhecem a melhoria de suas vidas, tanto no sentido de crescimento e realização pessoal, quanto em suas perspectivas de novos sonhos a serem sonhados.

Ainda sobre as experiências dos egressos sobre autonomia e trabalho, destaco algumas formulações dos egressos que resumem os seus fazeres:

*“Cada um tem o seu tempo, tenho muito a alcançar em termos de liberdade e autonomia”.*

*“Trabalhar com autonomia, estou longe do ideal do que eu desejo para mim mesma, não me considero uma pessoa autônoma, quero um cão guia, preciso me locomover lá dentro (FASE) e também na rua”.*

*Autonomia: “É a arte de saber andar com as próprias pernas e ainda escolher o próprio caminho”.*

*“Trabalho: dignifica, engrandece, cria expectativas e gera possibilidades de crescimento”.*

*“Trabalhar com o que se gosta, temos autonomia em dois aspectos: a realização e o financeiro”.*

Há um pensamento de Rilke (s/d), “A história da vida partida pode ser narrada apenas em fragmentos”, que reforça e ampara as indagações um tanto impertinentes, mas procedentes que aponto a seguir:

Ao compreender o trabalho como possibilidade de se tornar autônomo, de crescer, de se realizar, escolhendo o caminho para si, o técnico não terá se apropriado de um saber muito mais duradouro e compatível com sua condição humana?

Seria este o caminho a ser vivido pelo homem até sua emancipação?

Ou será que a emancipação ocorre também de forma fragmentada, como consequência da fragmentação do mundo contemporâneo?

Antes de finalizar, apresento as indicações dos alunos colhidos nas entrevistas, apresentadas como sugestões para o aperfeiçoamento do curso de Biblioteconomia:

*Aumento da carga horária de Informática: faltou tempo para serem vistos pelos alunos programas de informática para biblioteca, exemplo: PHL;*

*Programas de computador para cegos com professor para orientá-los;*

*Necessidade de aproximação da instituição e empresas para o recebimento de PcDs (pessoas com deficiência);*

*Opção de uma outra língua estrangeira no currículo de Biblioteconomia.*

*Reconhecimento do curso;*

*Poderia ter uma segunda etapa, aprofundando o restauro, poderia ter a parte do atendimento ao público, pós- técnico, capacitação, abrir para ex-alunos;*

*Contribuição, através do trabalho voluntário para a sociedade nas áreas mais afastadas, divulgar que é possível formação rápida para ingressar no mercado de trabalho, velocidade de capacitação.*

Há o que se retomar como instituição pública, uma reflexão séria, no sentido de criar ações que aproximem os gestores dos empresários, no sentido de esclarecer e ampliar o atendimento e aos PcD (Pessoas com Deficiência) de forma qualificada para uma inserção no seu local de trabalho, que saiba recebê-lo porque conhece as suas características especiais como ser humano.

Apesar da garantia da legislação que estabelece o percentual de cotas para as empresas e instituições públicas e privadas receberem os PcD , é indispensável que permeie todo o processo de inclusão, também o momento de seu ingresso como profissional, merecedor de respeito às suas necessidades a fim de que possa trabalhar e contribuir como os demais trabalhadores.

Num depoimento muito emocionado, que tem repercutido constantemente, quando penso na minha trajetória profissional, dentre tantos que tive o privilégio de receber, em que partilhamos forte momento de emoção, aconteceu quando ao entrevistar a aluna cega, durante a pesquisa desta dissertação, assim ela se manifestou:

*“As instituições vão receber muitos deficientes, mas eu tenho direito; antigamente os deficientes ficavam escondidos, as pessoas acham que nós não temos capacidade, eu não vou me esconder eu tenho este direito, aconteceu um acidente grave na minha vida.....”(Entrevistada 1)*

Ao concluir este trabalho, muitas são as reflexões que me inquietam quando me indago sobre os desafios para este século XXI, no que se refere à Educação Profissional:

- ❖ Será possível ainda neste século serem estabelecidas políticas de Estado, independentes de governos que ao se sucederem efetuam reformas e alterações na área da educação, de acordo com as suas filolofias partidárias?

- ❖ O Ensino Profissional será provido de recursos financeiros compatíveis com a sua importância para o suporte e manutenção que atendam às suas características intrínsecas?
- ❖ A organização do ensino profissional poderá estabelecer como foco do processo educacional os valores subjacentes da educação humana, sem que continue a sofrer a contínua influência dos setores produtivos da sociedade?

Ao encerrar este trabalho, no qual vivenciei tantas e singulares experiências, respondo a esta egressa, ratificando o seu direito de trabalhar, contribuindo para a transformação da sociedade, a ter o direito a ser recebida nos locais em que trabalhar, com as condições pertinentes à sua condição de PcD, pois o mundo do trabalho, através da Educação Profissional, representa para todos os PcDs a base para uma efetiva emancipação humana.

Agora sim finalizo, referindo Paulo Freire, levando no meu coração ao retomar os fazeres diários da minha atividade profissional, os ensinamentos, as emoções, as vivências para uma nova reconstrução, que obtive durante o tempo do Mestrado, sempre o tempo, este grande articulador da existência humana!

Fazendo-se e refazendo-se no processo de refazer a história, sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres de inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminaram por ter no sonho também um motor da História. Não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança (FREIRE, 1992, p. 91).

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W.. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- AMBROSINI, Tiago Felipe. Educação e Emancipação Humana: Uma Fundamentação Filosófica. **Thaumazein**, Ano V, Número 09, Santa Maria (junho de 2012), pp.40-56.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas em fragmentos: sobre ética pós-moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011 ética.
- BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BERGSON, Henri. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos - Dermeval Saviani - **Revista Brasileira de Educação**, v.12, n.34, jan./abr. de 2007.
- BORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Coleção Primeiros Passos; 171).
- BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988.
- BRASIL. MEC. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, Brasil.
- BRITTO, J. A. Francisco de; FERES, J. N. A Utilização da Técnica da Entrevista em Trabalhos Científicos. **Evidência, Araxá**, v.7, n.7, p. 237-250, 2011. Disponível em: <file:///C:/Documents%20and%20Settings/68774370049/Meus%20documentos/Downloads/200-752-1-PB.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2014.
- BRONFENBRENNER, Uri. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BUFFA, Ester; ARROYO, Miguel; NOSELLA Paolo. **Educação e cidadania: quem educa o cidadão?** 14. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COUTINHO, Afrânio. Pensando com a cabeça e com as mãos. In.: **Anísio Teixeira: pensamento e ação**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960.
- CUNHA, Luiz Antonio. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. São Paulo: Ed. Unesp; Brasília: Flacso, 2000a.
- CUNHA, Luiz Antonio. O ensino-industrial-manufatureiro no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.14, maio/jun./jul./ago., 2000d.

ELIADE, Mircea. **Mitologia**. Coleção Abril Cultural: Volume 1,2 e 3. 1973.

FERRETI, Celso João. SILVA, João dos. Educação Profissional numa Sociedade sem Empregos. **Revista Portuguesa de Educação**, Universidade do Minho: Braga, Portugal, vol.13, nº1, 2000.

FLECK, Creuza Maria. **Autonomia na educação segundo Paulo Freire**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação. Blumenau-SC, 2004. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/tede/tdebusca/arquivo.php?codArquivo=51>>. Acesso em: 15 out. 2013.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação: Ensaio Paulo Freire**. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (orgs.). **A experiência do trabalho e a educação básica**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e Trabalho: bases para debater a Educação Profissional Emancipadora. **Perspectiva**, Florianópolis, v.19, n.1,jan./jun.2001.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise N. Educação Profissional e Desenvolvimento. **Vocational Education and Development**. In. UNESCO. P. 1307-1319, 2009.

GARCIA, Regina Leite (org.). **Método; métodos; contramétodo**. São Paulo: Cortez, 2003.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2001.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. SP. Edições Loyola. 1992.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Moderna, 2012.

KANT, Immanuel. Resposta à Pergunta: que é o Iluminismo? In: \_\_\_\_\_ **A paz perpétua e outros opúsculos**. (Trad.) Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2009.

KUENZER, Zeneida Acacia. A Educação Profissional nos Anos 2000: A Dimensão Subordinada das Políticas de Inclusão. **Educ. Soc.**, Campinas, vol.27, n. 96, p. 877-910, out. 2006. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

KUENZER, Zeneida Acacia. Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial p. 1153-1178, out. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2428100.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

LACERDA, Nair; SILVA, Fernando Correia da. **As melhores histórias da mitologia de todo o mundo**. Rio de Janeiro: Editora Cultrix Ltda.

LEITE, M. P. Reestruturação produtiva, novas tecnologias e novas formas de gestão da mão-de-obra. In: OLIVEIRA, C. A. et al. **O Mundo do trabalho: crise e mudança no final do século**. São Paulo: MTb; PNUD; CESIT/Unicamp; Scritta, 1994.

MANFREDI, Silvia Maria. **Educação profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2000.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **La ideologia Alemana**. Montevideu: Pueblos Unidos; Barcelona: Grijalbo, 1974.

MARX, Karl. **Formações econômicas pré-capitalistas**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política, Livro I, Volume I**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2006.

MEDINA, C. de A. **Entrevista: o diálogo possível**. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

MELLO, João Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. **A que ponto chegamos**. Resenha da Internet, 24/9/98.

MENEZES, Edmilson. **Kant e a Ideia de Educação das Luzes**. In: Educação e Filosofia, vol.14, nº27, 2000.

MIGUEL, Fernanda Valim Côrtes. A Entrevista como Instrumento para Investigação em Pesquisas Qualitativas no Campo da Linguística Aplicada. **Revista Odisseia PPgEL/UFRN**, n. 5 (jan-jun 2010). Disponível em: <<http://www.lingualinguagens.iel.unicamp.br/upload/publicacoes/2029-5763-1-PB.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

MONDADA, L.. **A entrevista como acontecimento interacional**: abordagem linguística e interacional. RUA, n. 3, 1997.

NAVARRO, Vera Lucia; PADILHA, Valquíria. **Dilemas do Trabalho no Capitalismo Contemporâneo**. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, Brasil, 2006.

PIERRE, Marie Claire Angosto. **Pesquisa social por questionário**. Goiânia: Editora da UCG, 2008.

POPPER, Karl, R.. **A Lógica da Pesquisa Científica**. 16. ed., 2011. São Paulo: Editora Cultrix LTDA.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 327p. ISBN: 8522421110.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006. 112 p.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Interlocuções Pedagógicas: conversa com Paulo Freire e Adriano Nogueira e 30 entrevistas sobre educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Aberturas para a história da educação: do teórico-metodológico no campo da história ao debate sobre a construção do sistema nacional de educação no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SEIDMAN, I. E. **Interviewing as qualitative research**. A Guide for Researchers in Education and the Social Sciences. Columbia: Teachers College Press, 1991.

TEIXEIRA, Anísio. Grupo de professores e educadores brasileiros. In.: **Anísio Teixeira: pensamento e ação**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960.

TOGATLIAN, Marco Aurélio. **Entrevistas**. Disponível em: <<http://www.togatlian.pro.br/docs/pos/unesa/instrumentos.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

## APÊNDICE A – Questionário para os alunos egressos

### PREZADOS ALUNOS

Muitos de vocês já me conhecem, pois trabalhei na Coordenadoria de Relações Empresariais, atualmente Núcleo de Estágios, no IFRS/POA.

Estive com vocês em sala de aula apresentando a dinâmica de trabalho da CRE do IFRS/POA, por ocasião do ingresso nos cursos e também para os alunos que se preparavam para realizar o Estágio Curricular Obrigatório.

Quando ingressei no Mestrado em Educação no Unilasalle, em 2012, à medida que aprofundava os meus estudos, mais me convencia de que deveria analisar detidamente a saída dos alunos formados dos cursos técnicos, isto é, dos alunos egressos.

Defini então os cursos de Biblioteconomia e Meio Ambiente, em função da larga experiência que adquiri com estes cursos durante a minha trajetória profissional.

Agora, começa a parte mais importante para o meu trabalho: a pesquisa a ser efetivada com a indispensável colaboração de cada um dos alunos egressos tanto do Meio Ambiente, quanto da Biblioteconomia, para que toda a minha ação tome forma através de cada um de vocês.

Sendo assim, convido, cheia de expectativa, a participares nesta etapa do trabalho, respondendo o questionário que envio com algumas questões que se destinam à pesquisa que realizo sobre o Ensino Profissional.

Esclareço ainda que todas as informações serão mantidas em absoluto sigilo e que os resultados deste trabalho serão comunicados, posteriormente, a todos os “colaboradores” egressos de ambos os cursos, inclusive, se aceitarem meu convite, num encontro dos participantes desta pesquisa, após a conclusão da mesma.

Muito Obrigada pela atenção!

Profa. Rejane Cunha Mattos

*“Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente.” – FREIRE (Pedagogia da Autonomia (2011)).*

**Informações de Identificação:**

Curso: .....

Ano de Ingresso: .....

Ano de Conclusão: .....

Local de trabalho anterior ao ingresso no curso técnico: .....

Local de trabalho atual: .....

Atividade profissional exercida no presente: .....

Estado Civil: .....

Número de filhos: .....

**Prezado(a) Aluno(a), solicito que respondas às seguintes questões :**

I - Consideras que a realização do curso técnico proporcionou melhorias em tua vida?

( ) sim

( ) não

.....

.....

.....

Explica as razões para a resposta dada.

.....

.....

.....

II - Após a conclusão do curso pudeste constatar maiores condições de atuar como profissional? Por quê?

.....  
.....  
.....

III - Como avalias a formação técnica recebida em teu curso?

- Muito Boa
- Boa
- Regular
- Insuficiente

Justifica a tua resposta.

.....  
.....  
.....

IV - O curso te proporcionou o desenvolvimento de habilidades técnicas para as atividades em teu campo profissional, no sentido de possibilitar uma atuação ajustada às necessidades na área de teu trabalho?

- Sim
- Parcialmente
- Não

Justifica a tua resposta.

.....  
.....  
.....

V - Julgas que o curso técnico realizado no IFRS/POA contribuiu para alcançares maior autonomia em termos de:

- possibilidade de continuar os estudos
- realização profissional
- crescimento pessoal
- resultados financeiros

Outra(s) qual(is)?



.....  
.....

IX - Consideras exercer papel de intervenção no mundo profissional para mudar, aperfeiçoar ou criar procedimentos técnicos em tua área profissional?

sim

não

às vezes

Poderias citar alguns exemplos?

.....  
.....  
.....

X - O que mudou após a conclusão do teu curso técnico em termos pessoais e profissionais?

.....  
.....  
.....

Muito Obrigada pela tua Colaboração!  
Salva todas as páginas antes de enviar o questionário!

## APÊNDICE B – Tabulação dos questionários

Prezado(a) Aluno(a), solicito que respondas às seguintes questões:

I - Consideras que a realização do curso técnico proporcionou melhorias em tua vida?

( 9 ) sim

( 0 ) não

Explica as razões para a resposta dada.

Continuação de estudos - 3

Qualificação para o mercado de trabalho – 5

Habilitado para exercer a profissão – 2

Melhora da qualidade de vida – 2

Inserção no mercado de trabalho – 2

Salário suficiente em relação às demais instituições - 1

---

II - Após a conclusão do curso pudeste constatar maiores condições de atuar como profissional? Por quê?

Importância da atividade profissional específica - 1

Preparação qualificada pelo corpo docente – 2

Falta do reconhecimento da função de técnico em Biblioteconomia – 2

Perspectivas de trabalho – 2

Colocação antecipada no mercado de trabalho – 1

Continuação dos estudos – 1

Preparação do discente para atuar na área – 2

Necessidade de graduação em Biblio – 1

---

III - Como avalias a formação técnica recebida em teu curso?

( 7 ) Muito Boa

( 0 ) Regular

( 2 ) Boa

( 0 ) Insuficiente

Justifica a tua resposta.

Preparação qualificada pelo corpo docente - 5

Já respondida na questão anterior – 1

Atividades extra-classe - 1

Não Justificada - 1

Atividades práticas da Biblio – 3

Condições favoráveis de infraestrutura – 1

Diferencial no mercado de trabalho - 1

IV - O curso te proporcionou o desenvolvimento de habilidades técnicas para as atividades em teu campo profissional, no sentido de possibilitar uma atuação ajustada às necessidades na área de teu trabalho?

( 9 ) Sim

( 0 ) Parcialmente

( 0 ) Não

Justifica a tua resposta.

Conteúdos estão adequados à realidade profissional - 1

Qualificada para desenvolver técnicas pertinentes a Biblio – 6

Possibilita experiências em diversas áreas de atuação - 1

Continuação de estudos – 1

Não respondeu a pergunta feita (fugiu do assunto) - 1

V - Julgas que o curso técnico realizado no IFRS/POA contribuiu para alcançares maior autonomia em termos de:

( 8 ) possibilidade de continuar os estudos

( 8 ) crescimento pessoal

( 4 ) resultados financeiros

( 8 ) realização profissional

Outra(s) qual(is)?

Estímulo à continuação dos estudos em grau superior - 1

Adaptação ao mercado de trabalho – 1

Constituição de uma família (feliz/próspera) – 1

Autonomia para desenvolver e criar meios de trabalho mais eficientes – 1

---

VI - Pode-se afirmar que o curso técnico constitui-se como um instrumento que promove a inclusão do aluno que tem pressa de se qualificar para rapidamente ingressar no mundo do trabalho?

( 6 ) sim

( 0 ) não

( 3 ) em parte

Explica o teu posicionamento:

Falta da regulamentação da profissão - 1

Auxilia na seleção para o trabalho – 4

Oportunidade de estágios - 1

Perspectiva de recolocação no mercado de trabalho – 1

Tempo reduzido para conclusão do curso e ingresso no mercado de trabalho – 3

Depende do empenho do aluno para o seu futuro - 1

Não respondeu (fugiu do tema da pergunta) - 1

---

VII - Existe relação entre autonomia e trabalho?

( 8 ) sim

( 1 ) não

Caso a tua resposta seja positiva, relacione pelo menos os cinco aspectos mais importantes desta relação.

**Positivas:**

Dedicação – 1

Qualidade – 1

Função do trabalho na sociedade – 1

Realização pessoal – 2

Comprometimento com a empresa - 1

Iniciativa na execução das tarefas – 1

Saber o que e como deve ser feito – 1

Usar a técnica exigida – 1

Auto-analisar o produto final – 1

- Visão macro do espaço e sistema do ambiente de trabalho –1
- Interação entre os setores permitindo um fluxo mais dinâmico – 1
- Segurança de informação e conhecimentos adquiridos – 2
- Práticas realizadas e vivenciadas, diminuíram o estranhamento do novo – 1
- Atividades coletivas e em grupo, com ênfase ao objetivo comum – 1
- Trabalhar com o que se gosta, temos autonomia em dois aspectos: a realização e o financeiro – 2
- Pagar as contas – 1
- Possibilidade de continuar os estudos – 1
- Conhecer novas pessoas – 1
- Soluções de conflitos internos (adquirir opinião própria) – 1
- Ser ativo na sociedade – 1

**Autonomia no trabalho:**

- contação de história (criar personagem e escolher as histórias para as diferentes faixas etárias) – 2
- recuperação de livros e documentos - 1
- acesso aos programas via computador (PHL) - 1
- higienizar, etiquetar livros e organizar o acervo - 2

Autonomia: “É a arte de saber andar com as próprias pernas e ainda escolher o próprio caminho” - 1

Trabalho: dignifica, engrandece, cria expectativas e gera possibilidades de crescimento – 1

Conhecimento profissional como possibilidade de desenvolver as atividades da biblioteca, proporcionou maior autonomia - 1

**Negativas:**

Dependência do indivíduo, atividade e sociedade para o retorno financeiro como recompensa pelo trabalho – 1

---

VIII - Nas atividades profissionais que desenvolves contribuis para o aperfeiçoamento da tua área de trabalho?

( 8 ) sim

( 0 ) não

( 1 ) às vezes

Em caso positivo, como estás contribuindo?

Em caso negativo, quais são alguns dos fatores mais importantes que te impedem de contribuir?

**Positivo:**

Aplicação prática de conteúdos teóricos – 1

Iniciativa, conhecimento e técnica – 2

Desenvolver estudos e pesquisas adequados ao mercado de trabalho – 1

Participação em artigos – 1

Organização do layout do ambiente – 1

Buscar uma melhor forma de atendimento e prestação de serviço ao usuário – 2

Implantação de modelo mais moderno de serviços de gestão – 1

Criação de um novo conceito de relacionamentos dentro da instituição – 1

**Negativo:**

Não respondeu – 1

O campo é grande e ainda tenho muito para aprender e experimentar - 1

IX - Consideras exercer papel de intervenção no mundo profissional, para mudar, aperfeiçoar ou criar procedimentos técnicos em tua área profissional?

( 7 ) sim

( 0 ) não

( 2 ) às vezes

Poderias citar alguns exemplos?

**Exemplos citados:**

Sugestão de ideias para melhorar o ambiente de trabalho e as formas de realizá-lo – 2

Transferência de conhecimentos – 1

Processo de restauro, aprimoramento das técnicas de reparo - 1

Exercício das atividades com prazer e com vontade de sempre aprender mais  
– 1

Senso crítico e reflexivo - 1

Idem VIII (o campo é muito grande e ainda tenho muito para aprender e experimentar) – 1

Possibilidade de ajustar os processos de funcionamento da biblioteca – 3

Criação de um novo regulamento para tornar o atendimento mais profícuo - 1

Buscar a opinião dos usuários para elaboração de novos produtos e serviços – 1

Ampliação do número de vagas para pessoas com deficiência na instituição: preparação de alunos e de toda a comunidade escolar para interagir com sensibilidade e humanismo, aceitando melhor as diferenças – 1

Não respondeu – 1

X - O que mudou após a conclusão do teu curso técnico em termos pessoais e profissionais?

Aumento das ambições e perspectivas de trabalho – 4

Trabalho e prazer – 3

Reinserção ao mercado de trabalho – 2

Trabalho não somente para sobreviver – 1

Já foi mencionado em questões anteriores – 1

Continuação dos estudos – 1

Buscar melhor qualificação para atuar no mundo do trabalho - 1

Mudança da auto-estima,convicção de exercer atividades de acordo com a personalidade - 1

Busca de um desempenho melhor – 1

Efetivação antes da conclusão do curso (criação de cargo para exercício como profissional) – 1

Ampliação além dos limites do setor de atuação – 1

Reconhecimento e prestígio pelo empenho e dedicação – 1

Preparação dos professores para que fizesse a diferença – 1

## APÊNDICE C – Quadro de categorias

Quadro 1 – Ocorrências de respostas

<b>1) MELHORIA NA QUALIDADE DE VIDA</b>	<b>Ocorrências de resposta</b>
Soluções de conflitos internos (desenvolvimento de crítica)	1
Ser ativo na sociedade	1
Melhora da qualidade de vida	7
Crescimento/realização pessoal	17
Continuação dos estudos	13
Conhecer novas pessoas / criar relações pessoais e profissionais	2
<b>TOTAL DE ITENS ANALISADOS</b>	<b>41</b>

<b>2) ATUAÇÃO PROFISSIONAL</b>	<b>Ocorrências de resposta</b>
Sem perspectivas no mercado de trabalho: não consegue atuar na área	1
Mercado de trabalho exige experiência	1
Resultados financeiros	5
Qualificação e preparo para o mercado de trabalho	18
Importância da atividade profissional	1
Crescimento/realização profissional	8
Concurso público	1
Autodesempenho do aluno para seu futuro	1
Ambições e perspectivas de trabalho	8
<b>TOTAL DE ITENS ANALISADOS</b>	<b>44</b>

<b>3) VANTAGENS DO CURSO TÉCNICO</b>	<b>Ocorrências de resposta</b>
(Re)inserção no mercado de trabalho	9
Ingresso rápido/antecipado no mercado de trabalho	11
Oportunidade de estágios	1
Preparo do corpo docente	10
Não respondeu / não respondeu adequadamente	1
<b>TOTAL DE ITENS ANALISADOS</b>	<b>32</b>

<b>4) DESVANTAGENS DO CURSO TÉCNICO</b>	<b>Ocorrências de resposta</b>
Não conseguiu ingresso no mercado de trabalho	1
Ingresso delongado no mercado de trabalho	4
Falta de regulamentação da profissão	1
Falta de reconhecimento profissional	1
Desnívelamento educacional de alunos	1
<b>TOTAL DE ITENS ANALISADOS</b>	<b>8</b>

<b>5) AUTONOMIA E TRABALHO</b>	<b>Ocorrências de resposta</b>
Não existe relação entre autonomia e trabalho	1
Existe relação entre autonomia e trabalho	11
Sem resposta: não conseguiu atuar na profissão	1
Treinamentos individuais e coletivos para familiarizar com as práticas	2
Ética e conhecimento das informações adquiridas	2
Envolve dedicação, boas relações, pró-atividade e qualidade	5
Dependência em relação ao trabalho para retorno financeiro	1
Conhecer e usar a técnica exigida para cada atividade	9
Comprometimento com a empresa e sistema do ambiente de trabalho	3
Autonomia financeira	3
<b>TOTAL DE ITENS ANALISADOS</b>	<b>38</b>

<b>6) CONTRIBUIÇÕES DO TÉCNICO</b>	<b>Ocorrências de resposta</b>
Crença de contribuir às vezes para o aperfeiçoamento do trabalho	1
Crença de contribuir para o aperfeiçoamento do trabalho	9
Sem resposta: não conseguiu atuar na profissão	1
Não respondeu / não respondeu adequadamente	2
Qualidade no atendimento e prestação de serviço ao usuário	2
Organização do layout do ambiente	1
Iniciativa, conhecimento e técnica	2
Implantação de modelo mais moderno de serviços de gestão	1
Dedicação de tempo, estudos e responsabilidade	1

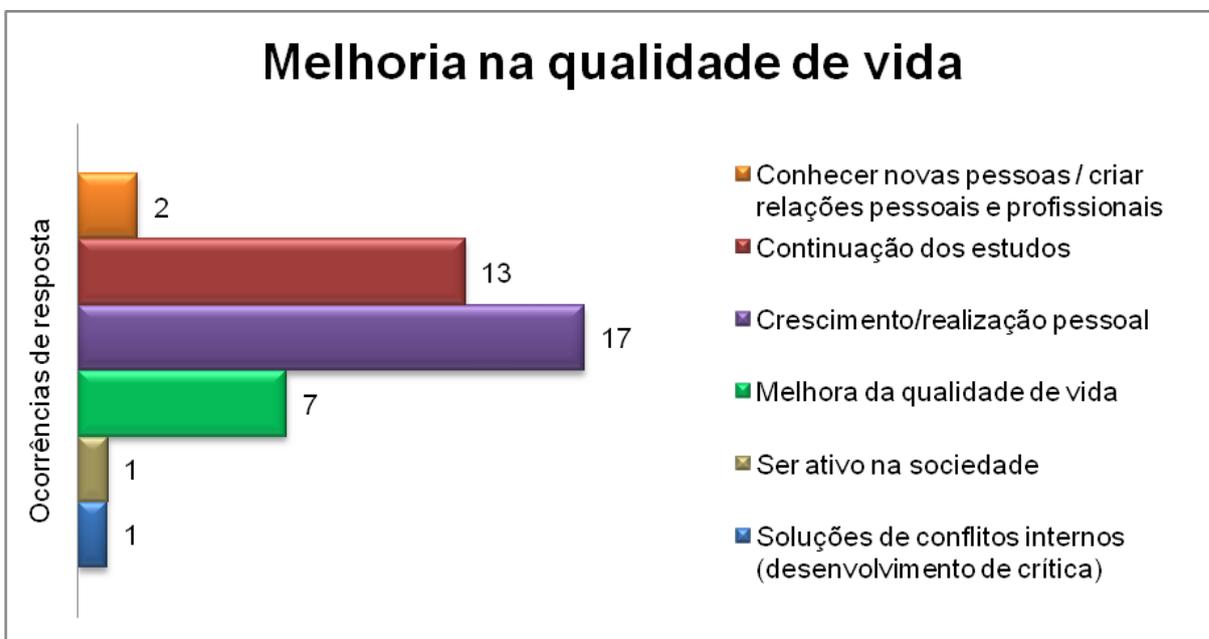
<b>Desenvolvimento de estudos e pesquisas adequados ao mercado de trabalho</b>	<b>2</b>
<b>Criação de um novo conceito de relacionamentos dentro da instituição</b>	<b>1</b>
<b>Aplicação prática dos conteúdos teóricos</b>	<b>1</b>
<b>TOTAL DE ITENS ANALISADOS</b>	<b>24</b>

<b>7) INTERVENÇÕES DO TÉCNICO NO MUNDO PROFISSIONAL</b>	<b>Ocorrências de resposta</b>
<b>Mudar ou aperfeiçoar procedimentos técnicos</b>	<b>9</b>
<b>Mudar ou aperfeiçoar procedimentos técnicos, em algumas situações</b>	<b>2</b>
<b>Não respondeu / não respondeu adequadamente</b>	<b>2</b>
<b>Nenhuma: não conseguiu colocação no mercado de trabalho</b>	<b>2</b>
<b>Transferência de conhecimentos com senso crítico e reflexivo</b>	<b>2</b>
<b>Pesquisa com usuários para elaboração de novos produtos e serviços</b>	<b>1</b>
<b>Inclusão social e adaptação escolar</b>	<b>1</b>
<b>Ideias e possibilidade para aprimorar o ambiente de trabalho</b>	<b>7</b>
<b>Aprimoramento das técnicas de restauração</b>	<b>1</b>
<b>TOTAL DE ITENS ANALISADOS</b>	<b>27</b>

*Fonte: Produzido pela autora em 2014.*

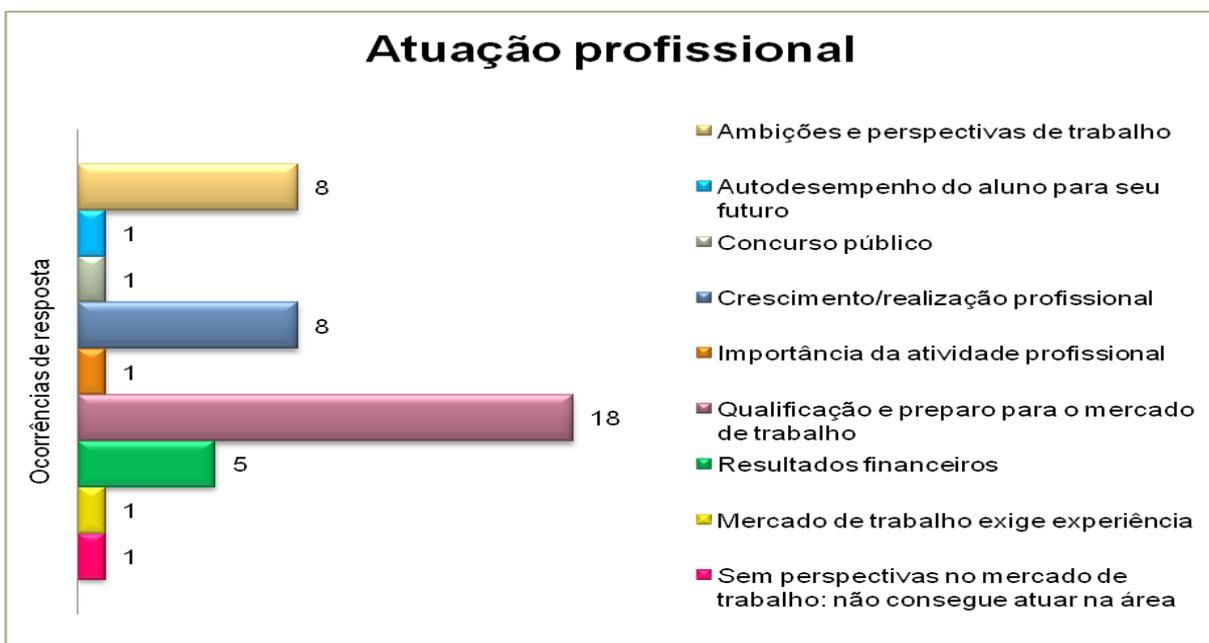
## APÊNDICE D – Gráficos das ocorrências das respostas

Gráfico 5 – Melhoria na qualidade de vida



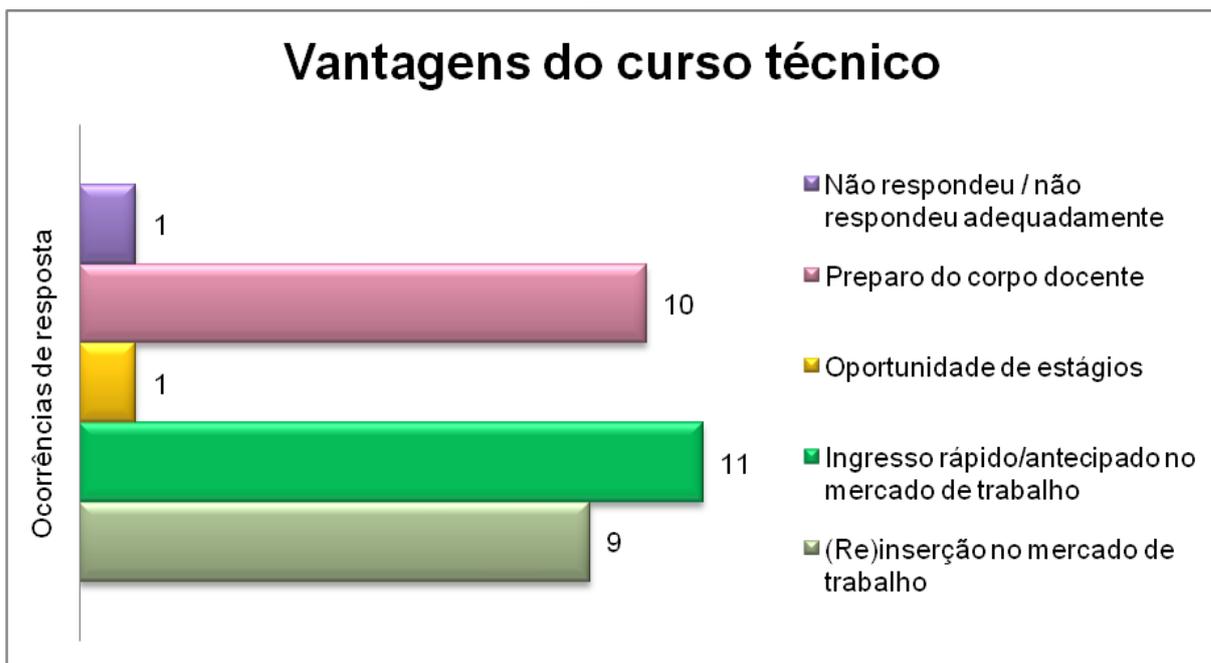
Fonte: Produzido pela autora em 2014.

Gráfico 6 – Atuação profissional



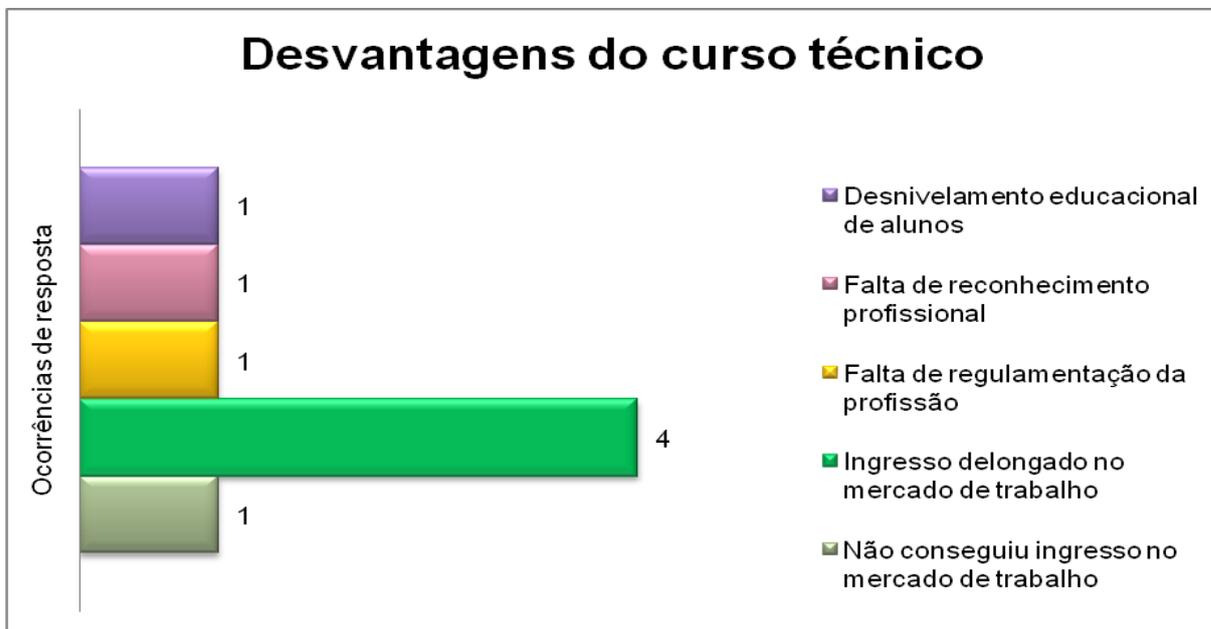
Fonte: Produzido pela autora em 2014.

Gráfico 7 – Vantagens do curso técnico



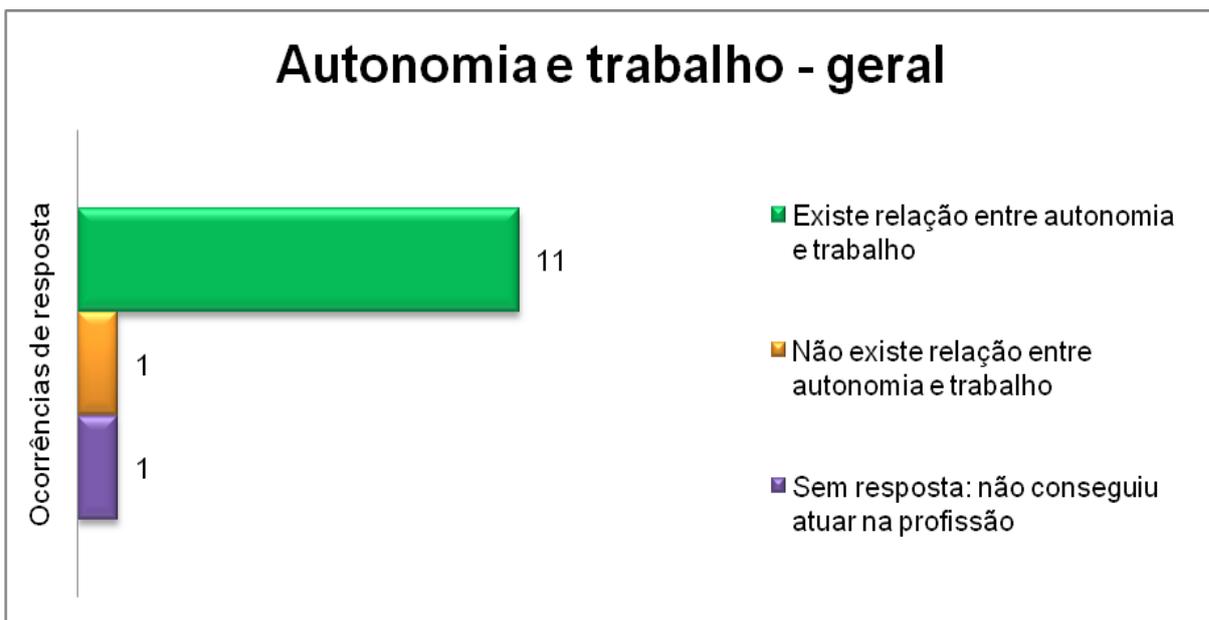
Fonte: Produzido pela autora em 2014.

Gráfico 8 – Desvantagens do curso técnico



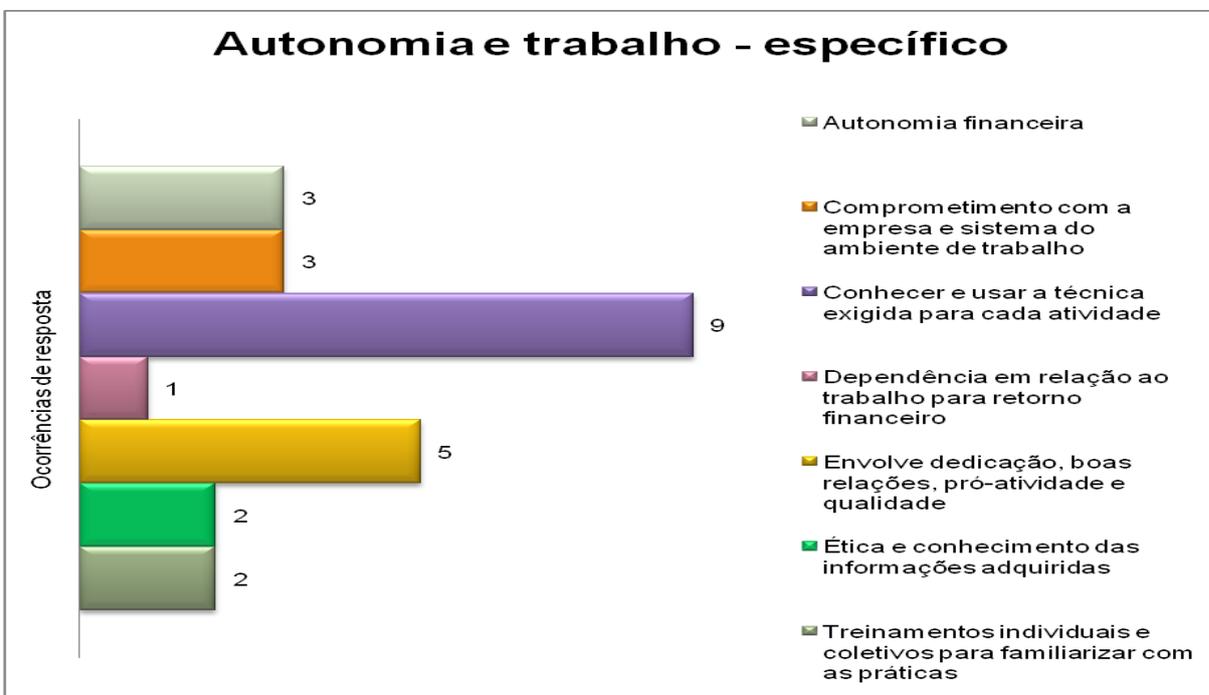
Fonte: Produzido pela autora em 2014.

Gráfico 9 – Autonomia e trabalho - geral



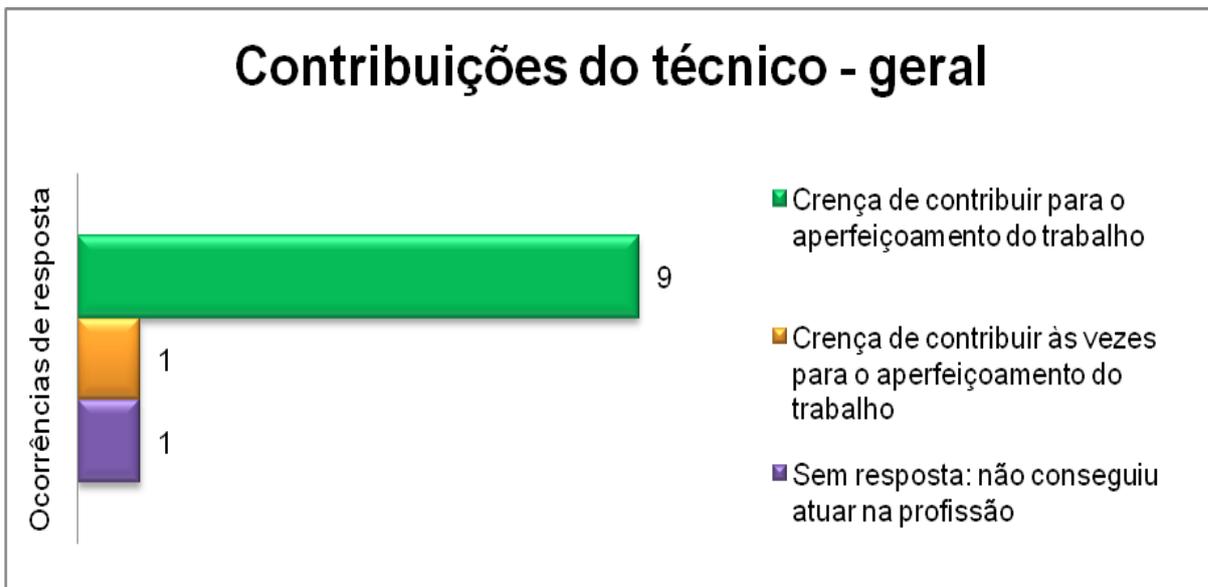
Fonte: Produzido pela autora em 2014.

Gráfico 10 – Autonomia e trabalho – específico



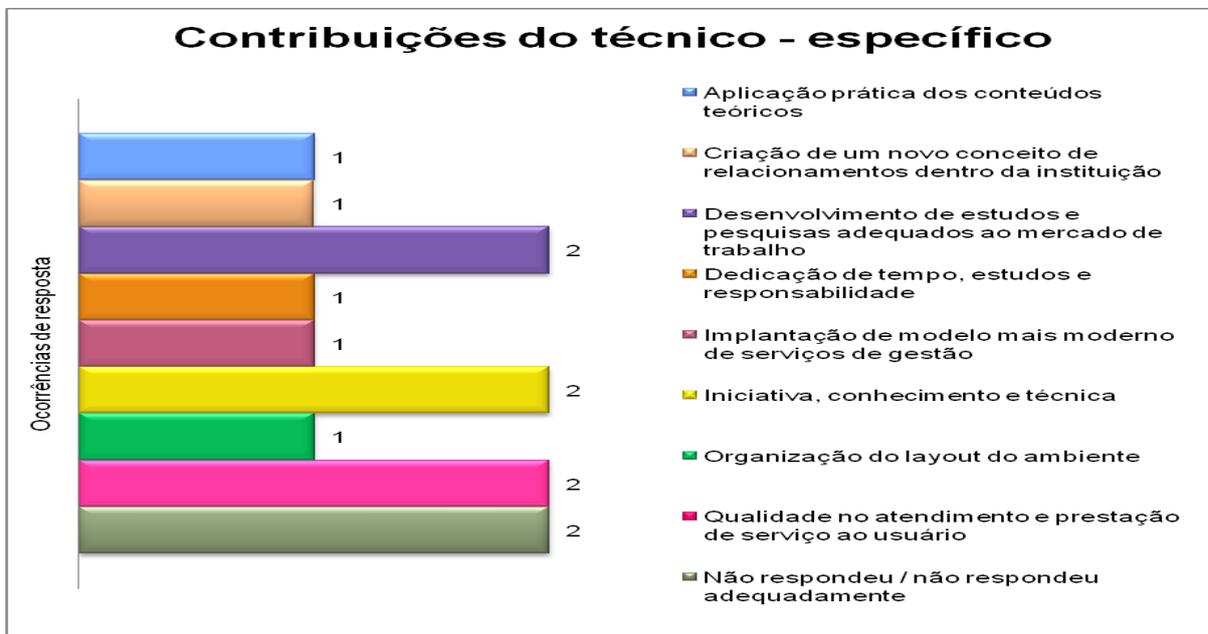
Fonte: Produzido pela autora em 2014.

Gráfico 11 – Contribuições do técnico – geral



Fonte: Produzido pela autora em 2014.

Gráfico 12 – Contribuições do técnico – específico



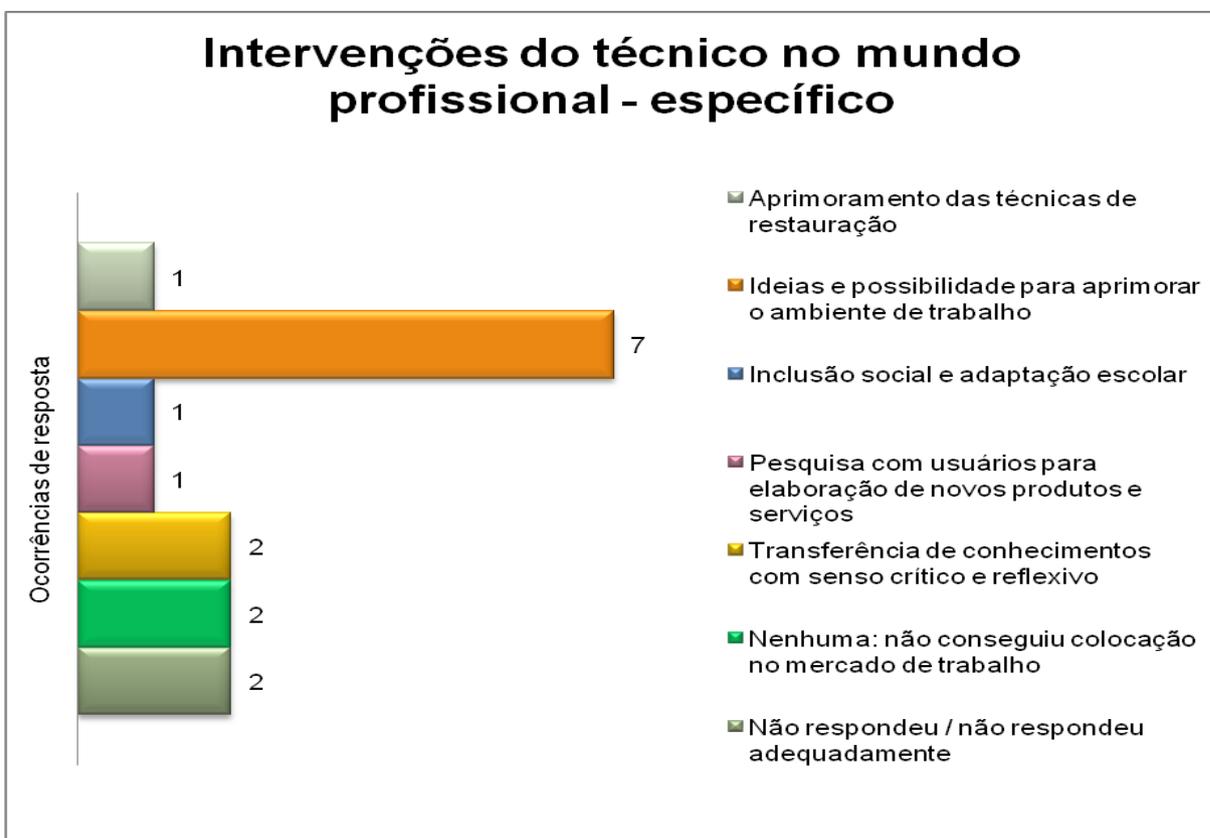
Fonte: Produzido pela autora em 2014.

Gráfico 13 – Intervenções do técnico no mundo profissional - geral



Fonte: Produzido pela autora em 2014.

Gráfico 14 – Intervenções do técnico no mundo profissional - específico



Fonte: Produzido pela autora em 2014.

## **APÊNDICE E – Roteiro da entrevista**

1 – O que te motivou a escolher um curso técnico de Biblioteconomia?

2 – Quais foram as melhorias mais significativas em tua vida pessoal?

3 - O trabalho pode ser considerado como um facilitador para a vida plena do homem?

4 – Existe relação entre autonomia e trabalho? O que significa para ti trabalhar com autonomia?

5 - Em algum momento(s), no desenvolvimento de atividades profissionais já vivenciaste opressão? Poderias apresentar algum exemplo?

6 – Como te percebes hoje, atuando como profissional em Biblioteconomia?

7 – Quais são os teus planos para o futuro?

## APÊNDICE F – Alunos entrevistados

### Entrevistada 1

**Idade:** 40 anos, casada, uma filha.

**Ingresso na Universidade:** 17 anos, Curso de Letras/PUC/MG.

**Estágio:** Escola Estadual de Saúde do Hospital de Clínicas/POA.

**Local de Trabalho:** Colégio Marista São Pedro (4 anos).

Aprovada em Concurso Público: Fundação de Atendimento Sócio-Educativo/RS (FASE).

**Cargo:** Agente Sócio-Educativo – Centro de Convivência (implementar uma biblioteca/contação de histórias).

### Destaques feitos pela Entrevistada 1:

- ❖ Escola Técnica – divisor de águas; redescoberta de si própria e de quantas atividades podia desenvolver;
- ❖ Necessidade de um cão guia para locomoção na rua, no local de trabalho: *“vencer os meus medos, ser mais livre”*;
- ❖ Atualmente estuda Filosofia, pretende se formar e fazer pós-graduação, porque *“gosto de estudar”*, concluir o curso Letras, estudar um idioma;
- ❖ Em Minas Gerais- Belo Horizonte: Escolheu um curso compatível com sua vocação, com 24 anos havia estudado Letras, na PUC, à noite e trabalhava em uma biblioteca, diferentes antes de perder a visão, trabalhou em 2 escolas estaduais, uma escola técnica de formação gerencial do Sebrae, para adolescentes: na organização desta biblioteca, não havia bibliotecária, então *“sem saber nada, lendo as orientações, organização do acervo, quando perdi a visão; 5 anos cuidando da saúde, sem estudar, 10/15 anos de quando eu tinha trabalhado”*;
- ❖ Já morava em Porto Alegre – por afinidade e se restabelecendo, quando soube que não mais enxergaria, a entrevistada 1 soube por um professor de química da UFRGS, que havia a Escola Técnica e que poderia fazer a inscrição e fazer a prova;

- ❖ Achou que não ia passar, na Escola Técnica, hoje Instituto Federal, *“achei que não ia passar, foi uma vitória, um divisor de águas, recebi incentivo de todas as pessoas da escola técnica professores, funcionários”*;
- ❖ *“Imagina quando eu me formei, diante de um mercado de trabalho, não me via trabalhando, porque quando eu trabalhei em biblioteca eu enxergava”*.

Escola Estadual do Hospital de Clínicas/POA:

- ❖ No período do estágio curricular obrigatório a entrevistada 1 ficou o ano todo: no primeiro semestre passou observando, se ambientando: *“como eu poderia me locomover dentro da biblioteca, o que poderia fazer, das teorias que tinha aprendido o que seria a minha prática”*. No segundo semestre, com a organização e higienização dos livros, *“descobri que podia fazer muitas coisas, com o auxílio da Bibliotecária”*. Foi se redescobrimdo, quanta coisa podia fazer: *“levando os livros para restauro na Escola Técnica, recuperando os livros, higienizando, colocando papeletas com a supervisão da bibliotecária, fui descobrindo que eu poderia fazer uma porção de coisas”*;
- ❖ Começou a enviar currículos para a rede Marista, sempre informando que era deficiente, por causa da questão das cotas, da lei das cotas. Então foi chamada para entrevista, segundo ela: *“não acreditei, parecia uma adolescente, era o meu primeiro trabalho como cega me senti útil, mais realizada, mais autônoma, me espalhando, foram me dando turmas para contar histórias, uma, duas, três, até ter toda escola”*;
- ❖ Retornou para a faculdade, podendo pagar as próprias contas, *“podendo adquirir bens materiais, pude adquirir outros bens materiais, e pretendo comprar um Gravador de voz, as portas foram se abrindo”*.

Segundo a entrevistada 1 só saiu do Colégio Marista São Pedro, onde já trabalhava a 4 anos, e só saiu porque foi classificada no concurso público.

FASE - no cargo de Agente Sócio-Educativo:

O Centro de Convivência, FASE, são várias casas dentro da fase, variando a distribuição dos adolescentes conforme o grau de delito, numa delas foi implementada uma biblioteca, jovens com possibilidade de atividades externas, já estão saindo da fase mais grave da internação e com permissão do juiz para visitar familiares. E neste ínterim realizam oficinas de serigrafia, confecção de sabonetes, crochê, preparação para o trabalho, qualificação profissional, para visitar seus familiares e passam por estas oficinas de qualificação profissional.

Sobre o ambiente de trabalho na FASE fizeram uma autodescrição do ambiente para mim, *“não é escuro, com muita luz, muito sol”*. Já na Escola Técnica a entrevistada 1 disse: *“fui acolhida, me prepararam para o mercado de trabalho”*.

*“[...] as outras pessoas acham que nós não somos capazes, mas eles são... a primeira vez que uma deficiente entra nesta instituição”*, referente a FASE, *“foi um acidente....”*, o fato de ter ficado cega, *“mas não posso parar a minha vida, eu posso ser diferente.....estar diferente.....mas eu tenho este direito”*.

As instituições vão receber muitos deficientes, mas eu tenho direito; antigamente os deficientes ficavam escondidos, as pessoas acham que nós não temos capacidade, eu não vou me esconder eu tenho este direito, aconteceu um acidente grave na minha vida.....

*“Trabalhar com autonomia, estou longe do ideal do que eu desejo para mim mesma, não me considero uma pessoa autônoma, quero um cão guia, preciso me locomover lá dentro (FASE) e também na rua”*.

Segundo a entrevistada 1 *“lá na FASE é pequeno, e de fácil acesso”*, menor que a Ramiro, as rampas eram um sofrimento, *“depois que vou andando vejo que o medo é na minha cabeça, porque depois não é aquele medo mais, eu me considero muito pequena para isso, eu tenho condições para vencer este medo”*.

A Entrevistada 1 será a primeira cega do Projeto do Banco de Olhos médicos, receberá orientação com psicólogos para atender a pessoa cega, *“para andar com bengala, primeiro precisa aprender a andar na rua, para depois andar com o cachorro, ainda não fui chamada, pois estão sendo atendidas as pessoas que tem mais limitações que eu”*.

*“Falando com a psicóloga da minha filha ela me disse que chegou o momento de vencer os meus medos, cada um tem o seu tempo, tenho muito a alcançar em termos de liberdade e autonomia”*.

*“Cada um tem o seu tempo, tenho muito a alcançar em termos de liberdade e autonomia”*.

Na Fase – *“fui muito, muito, muito bem recebida, para trabalhar ali tem que ter força, 600 novos funcionários, 400 já foram chamados, comigo mais 20, terão treinamento nos presídios [...] sou agente que vai facilitar os jovens assim como vocês faziam conosco, mais ou menos isto que vou fazer também, várias formiguinhas”*.

A questão da importância e acesso à leitura, *“contei história em Braille, ajudei a compreender as diferenças, a convivência era harmoniosa, tem pessoas que são mais fáceis para entender a deficiência, não posso guardar os livros na estante por cores, elas”*, as colegas bibliotecárias, não entendiam porque a entrevistada 1 *“não conseguia guardar, eu estava nas cotas, estavam se sentindo sobrecarregadas, servi para compreenderem a inserção da pessoa cega, para outros deficientes que vivem, só limita para alguns trabalhos, não intelectual assim como uma colega sua de curso, que tinha deficiência intelectual.*

Do Instituto não tenho nenhuma queixa, desde as pessoas da limpeza, professores, funcionários todos me acolheram;

No meu último trabalho, as bibliotecárias, não estavam satisfeitas, não tinham coragem nem a sinceridade, não é porque sou deficiente precisam ter pena de mim, achavam que estava ocupando a vaga para cumprir as cotas;

Quando busca fora, é porque não está satisfeita, falei só duas vezes com diretora, quando entrei e quando saí, lá em 2012. Fiquei trabalhando, sem me queixar..... é a primeira vez que falo com alguém (a pesquisadora), só a família. As instituições, as pessoas são perversas, porque acham que você está contaminada, estou começando a observar e a refletir.

A entrevistada 1 tem muitos planos para o futuro, pretende se formar na faculdade de Filosofia. Então perguntei: por que fazer a filosofia? *“Porque gosto de estudar, tenho um professor que faz doutorado, fala vários idiomas, estimula os alunos, tem pessoas acima dos 40”*, em sua turma de Filosofia e já estão realizando a segunda, terceira faculdade, *“têm advogados, médicos, a filosofia não é fácil”*; pretende também concluir a faculdade de Letras, estudar um idioma.

Ainda segundo a entrevistada 1:

*Entre em Letras com 17 anos, era muito tímida, quero me desbloquear; quero fazer trabalho voluntário. Realizo cursos aos sábados pela manhã no centro espírita, dou palestras, durmo pouco, mas estou aguentando, o meu limite também aumentou, estou aguentando, quero melhorar, o meu ouvido melhorou.*

Sobre Planos para o futuro:

Muitos planos, me formar na faculdade de Filosofia. Por que fazer a filosofia? Porque gosto de estudar, tenho um professor que faz doutorado, fala vários idiomas,

estimula os alunos, tem pessoas acima dos quarenta anos, (na turma de Filosofia) e realizam segunda, terceira faculdade: advogados, médicos; a filosofia não é fácil; pretendo ainda concluir a faculdade de Letras, estudar um idioma.

Sugestões apresentadas pela entrevistada 1:

- ✓ Mais aulas de Informática: faltou tempo para serem vistos pelos alunos programas de Informática para biblioteca, como por exemplo PHL;
- ✓ Programas de computador para cegos com professor para orientá-los;
- ✓ Necessidade de aproximação da instituição e empresas para o recebimento de PcD (pessoas com deficiência);
- ✓ Opção de uma outra língua estrangeira no currículo de Biblioteconomia.

*Entrevistado 2*

**Local de trabalho:** Biblioteca IFRS/POA

**Idade:** 44 anos - 3 filhos

**Cargo atual:** Auxiliar de Biblioteca

**Concurso Público:** Federal

**Destaques feitos pelo Entrevistado 2:**

Segundo o entrevistado 2 *“influenciar as tomadas de decisões no ambiente de trabalho, como melhorar o atendimento do público nosso fluxo de trabalho”*. Ele também pensa que o *“curso prepara para o mercado de trabalho, uma resposta laboral, base para responder; desenvolvo naturalmente, o que é mais adequado para a situação, continua me ajudando e muito nas atividades”*;

Em termos pessoais, ele já trabalhou como zelador, *“não desqualificando a função”*, mas diz que as atividades atuais e a *“satisfação pessoal, tem um sabor, possuem um grau de complexibilidade maior, é a escalada da evolução do ser, ao invés de trabalhar pelo sustento, pela troca da moeda pelo labor, tem um sabor humano, é difícil”*, ao dizer isso percebi que a expressão da fisionomia dele mudou, seus olhos brilham, *“sempre me propus vou como se executasse as tarefas, sentes que estás contribuindo, na cultura, tu já conheces o caminho”*, sobre as atividades desenvolvidas na Biblioteca.

O Trabalho é um facilitador?

*“Acredito que sim, nesta parte de cultura, a sociedade te vê melhor, tu és um cidadão, como indivíduo me senti desempregado”*;

Conforme o entrevistado 2 a questão psicológica para o desenvolvimento da instituição: *“no caso na Biblioteca, é como uma célula, trabalho para nós é fazer parte de algo e contribuir e vem o retorno, fazendo parte, estar investindo no tempo”;*

Sobre opressão: *“no sentido de cobrança, estabelecimento de metas e nunca estava bom, para o gestor, mas foi esclarecido com gestor, expus o que estava sentindo para melhorar, aprendi a lidar com situações de conflito”;*

Sobre a reportagem que fizeram com ele para no jornal Zero Hora: *“contribuiu para pessoas, influenciou as pessoas para voltarem a estudar, preciso lutar e ir atrás da oportunidade, uma hora ela aparece”;*

Segundo o entrevista 2 *“a realização a gente vai atingindo dia a dia, me sinto bem neste caminho, começaria tudo novamente, estar contribuindo para que outras pessoas sigam naquela evolução”;*

Planos para o futuro: *“mais estudo, não sabia nem ligar o computador. Tenho vontade de fazer Física Computacional”, já concluiu 70% do curso de graduação de Biblioteconomia na UFRGS;*

Ele pretende morar na Paraíba em João Pessoa, pois sua namorada é cearense trabalha no TST, segundo o entrevistado 2 *“desafio maior que a biblioteca, em função da relação anterior com o computador, foi me aguçando a curiosidade, é um bacharelado, abre outro campo de trabalho”.*

Ainda sobre o curso: *“ Divisor de águas para procurar melhorias de vida, voltar a estudar, foi um balizador, fator motivacional, acreditar, transformar sonhos em realidade, viajar, consigo fazer alguma coisa, continuar neste caminho abre portas “ estudar é a chave!”*

Sugestões apresentadas pelo entrevistado 2:

- ✓ Reconhecimento do curso;
- ✓ Poderia ter uma segunda etapa, aprofundando o restauro, poderia ter a parte do atendimento ao público, pós-técnico, capacitação, abrir para ex-alunos;
- ✓ Contribuição, através do trabalho voluntário para a sociedade nas áreas mais afastadas, divulgar que é possível formação rápida para ingressar no mercado de trabalho, velocidade de capacitação.